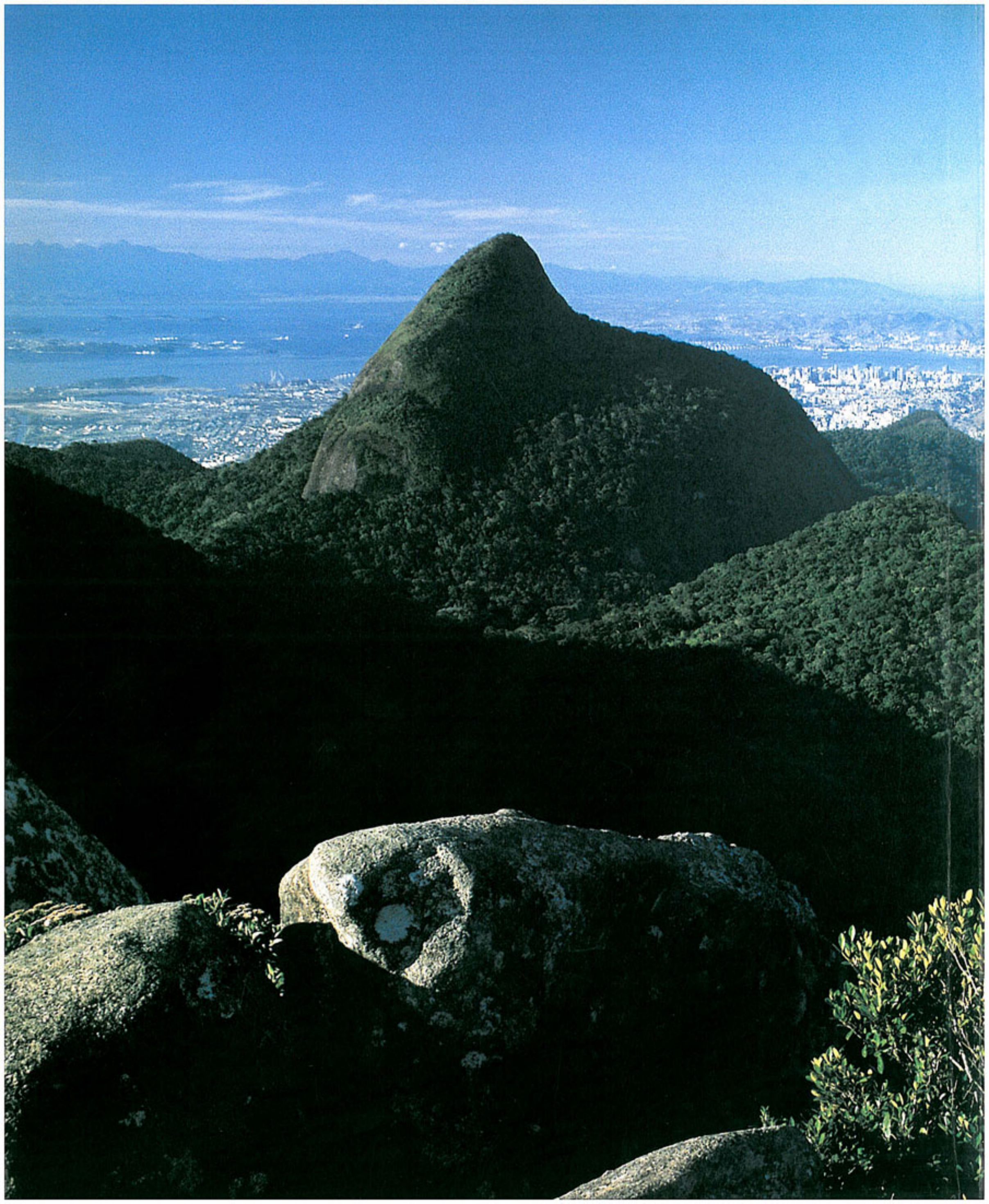


Transcarioca

todos os passos de um sonho







Transcarioca, todos os



passos de um sonho

Pedro da Cunha e Menezes

Fotografias

Ricardo Azoury

© Pedro de Castro da Cunha e Menezes, 2000.

Editores

Marcos da Veiga Pereira
Andrea Jakobsson

Textos

Pedro de Castro da Cunha e Menezes

Ensaio Fotográfico

Ricardo Azoury

Guias

Ivo dos Santos Carvalho e Carlos Alberto Vieira

Ilustrações

Denys Gahiva

Design

Traço Design

Revisão

Sergio Bellinello Soares

Captação de recursos

Arte Mídia Assessoria e Empreendimentos Culturais S/C Ltda.

Fotolitos

Mergulhar Serviços Editoriais Ltda.

Impressão e acabamento

Hamburg Donnelley Editora Gráfica Ltda.

Todos os direitos reservados para GMT Editores Ltda.
Avenida Nilo Peçanha 155, grupo 301
Centro, 20020-100, Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 5246760 Fax: (21) 5246755
Para maiores informações sobre nossas publicações, ligue 0800-226306
salvend@openlink.com.br

LEGENDAS DAS FOTOS

Página 2: Pico da Tijuca, com Pedra do Conde ao fundo, vistos a partir do Bico do Papagaio.

Página 4: "Rapel" no Bico do Papagaio.

Página 12: Rio Paineiras, no Parque Estadual da Pedra Branca.

Página 14: O Cristo Redentor está no Morro do Corcovado desde 1931.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M512t Cunha e Menezes, Pedro da , 1964-
Transcarioca / Pedro da Cunha e Menezes ; fotografias, Ricardo
Azoury. - Rio de Janeiro : Sextante, 2000
140 pp: il.

ISBN 85-86796-66-2

1. Meio Ambiente - Conservação - Rio de Janeiro (RJ).
2. Política ambiental - Rio de Janeiro (RJ). 3. Trilhas - Projeto e
construção - Rio de Janeiro (RJ). I. Azoury, Ricardo. II. Título

00-1374

CDD 33.784
CDU 502.3

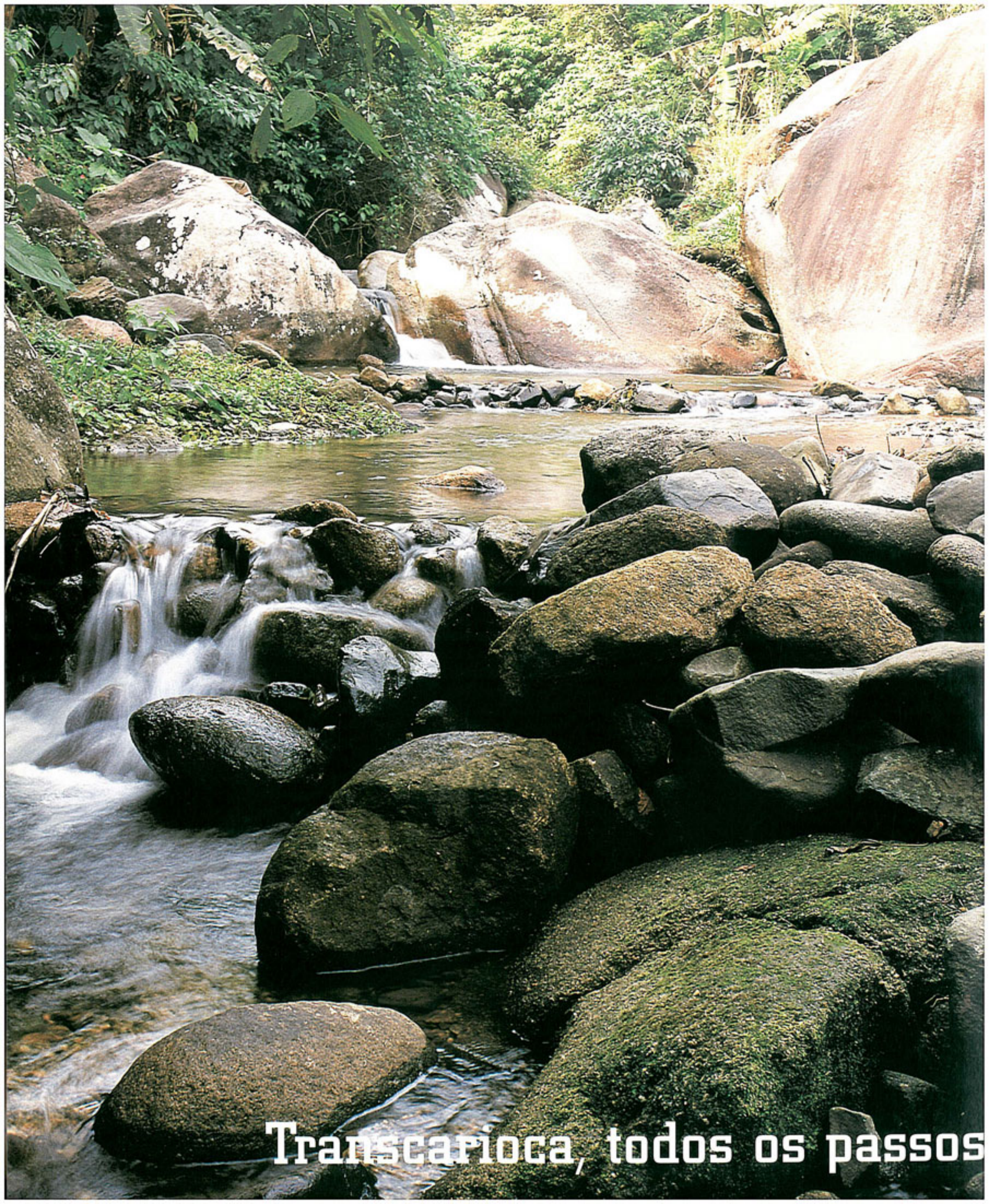
ATENÇÃO: Este livro não é um guia. O trajeto descrito nele não está sinalizado. Alguns de seus trechos passam por áreas sujeitas a problemas de segurança pública. Não percorra nenhuma trilha aqui descrita ou mencionada sem a ajuda de um profissional experiente.



Dedico este livro a todos aqueles que,
profissionalmente ou por amor, trabalham
pela preservação das matas cariocas.

A publicação deste livro tornou-se possível graças ao incentivo dos seguintes patrocinadores:





Transcarioca, todos os passos

A luta contra a degradação da floresta amazônica não será vencida na Amazônia, e sim no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte, em Brasília. Ai é que estão sediados os grandes jornais, as redes de televisão, os formadores de opinião, as universidades. Das grandes metrópoles saem as modas e os padrões de comportamento, nelas vivem o presidente da República, os governadores e os parlamentares. Nas suas ruas, restaurantes e bares são decididos o orçamento público e os rumos da nação.

Se não formos capazes de estancar o desmatamento, a caça e a degradação de parques urbanos, que sucedem à luz do dia e sob as vistas de milhões de pessoas, como poderemos sonhar em estancar a destruição da mata amazônica?

Em um regime democrático, nenhum tema vira prioridade nacional sem o apoio da opinião pública. Nesse sentido, a missão prioritária das áreas de conservação ambiental urbanas deve necessariamente ser a educação ambiental e a formação de um grupo de pressão em torno da agenda verde. Caso contrário, continuaremos sempre a ser uns poucos indignados a gritar no vazio.

de um sonho



Em todas as grandes metrópoles do planeta as tribos de montanhistas vivem um clima de ansiedade e antecipação que se alonga desde a manhã de uma segunda-feira até a noite da sexta-feira subsequente. Nesse momento, parte da comunidade passa a exalar os bons fluidos de quem sabe estar indo passar o fim de semana na montanha, cantarolando enquanto arruma sua mochila e separa suas botas. A outra metade dos montanhistas, entretanto, rilha os dentes e engole em seco a frustração do adiamento forçado por um compromisso de família, uma prova que pede estudos urgentes, ou até mesmo por absoluta falta de dinheiro para a tão sonhada viagem de fim de semana.

No Rio de Janeiro é diferente! Aqui não é preciso viajar para ir à montanha. Encravadas no meio da cidade estão quase cem unidades de conservação diferentes, contendo uma deslumbrante combinação de vistas, cachoeiras, grutas e praias selvagens, a vinte minutos da casa de qualquer habitante. São centenas de quilômetros de trilhas cruzando o município em todas as direções e para todos os níveis técnicos. No Rio de Janeiro é possível caminhar duas horinhas antes do trabalho, ou uma hora e meia após a faculdade, ou o dia inteiro e ainda ir à festa de casamento da prima. Foi essa improvável promiscuidade entre o urbano e o natural que levou o músico André Filho a compor em 1934 a marchinha *Cidade Maravilhosa*, que ficaria gravada para todo o sempre na cabeça dos cariocas como hino não-oficial do Rio.

De fato, os montanhistas guanabarininos não se cansam de percorrer a própria cidade. É que o Rio de Janeiro não se desvenda de uma só vez. O seu feitiço é interminável e seus ângulos tão diferentes e múltiplos, que parecem não ter fim. Quando se pensa já conhecer tudo, descobre-se uma nova trilha a uma nova cachoeira ou a um panorama desconhecido.

Tanta riqueza de opções criou um grande grupo de excursionistas especializados no Rio. Manes Bandeira conhecia tudo (ou quase) da Floresta da Tijuca, Marcelo Soares é o rei da Pedra Branca, não há segredos na Pedra Bonita para Eduardo Lage e Carlos Perez é íntimo de cada centímetro da Pedra da Gávea. Ninguém, contudo, pode encher o peito e dizer, sem mentir: "Para mim, as trilhas do Rio não guardam segredos."

Por incrível que pareça nos falta alguém que olhe para o mapa do Município do Rio e veja o óbvio: existe uma faixa verde quase contínua a cortar a cidade no sentido leste-

**VISTA DO MORRO
DO QUEIMADO,
COM O CORCOVADO
E PÃO DE AÇÚCAR
AO FUNDO.**



ENTRE OS MACIÇOS DA PEDRA BRANCA E DA TIJUCA AINDA EXISTE HOJE UMA FIEIRA DE MORROS PELADOS QUE A TRANSCARIOCA PODERIA ATRAVESSAR. BEM MANEJADA, ESSA CADEIA DE MORROTES PODERIA FUNCIONAR COMO UM CORREDOR ECOLÓGICO ENTRE OS DOIS PARQUES.

oeste. Mas, em lugar de termos apenas um parque grande e bem estruturado, temos uma constelação de parquinhos. Uma realidade que vai contra os mais modernos modelos de gestão ambiental em prática no planeta.

Recentemente, cientistas de todo o mundo têm chegado à conclusão de que o esforço de criar cada vez mais parques e reservas pode não ser suficiente para assegurar a preservação da biodiversidade. À medida que o entorno dos parques se desenvolve — e vai sendo desmatado — eles acabam se tornando meros fragmentos verdes para muitas espécies.

Com isso, como se vivessem em ilhas de verdade, os indivíduos dessas espécies, marcadamente os mamíferos, ficam isolados do contato com outros indivíduos de sua própria espécie. Os padrões de movimentação dos animais passam a se restringir à área do parque e a procriação é feita apenas entre os espécimes existentes dentro daquele perímetro. Quanto menor a reserva e maior o espaço territorial necessário para cada indivíduo de uma determinada

espécie, maior é a taxa de consangüinidade entre eles. Tal processo, quando repetido por algumas gerações, provoca enfraquecimento genético e pode ser um fator decisivo para a extinção.

Esse ciclo danoso, que alguns estudiosos chamam de efeito de fragmentação, tem sido combatido recentemente com o estabelecimento de corredores ecológicos. Tenta-se amalgamar ou, pelo menos, ligar várias unidades de conservação de modo a aumentar a área protegida contígua e, portanto, reduzir o confinamento de determinadas espécies. No Brasil, alguns corredores estão sendo implantados. Há um na Mata Atlântica, outro na Amazônia e mais um no Cerrado.

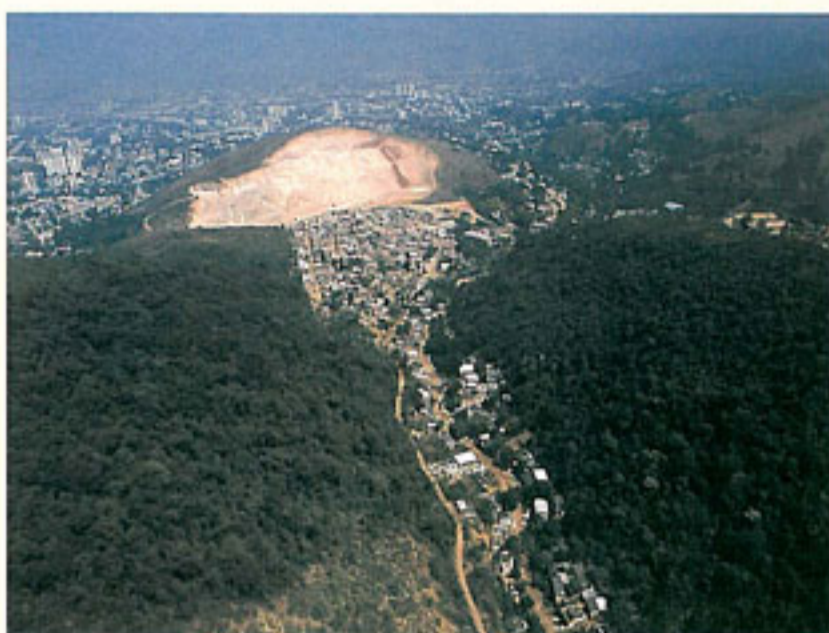
Infelizmente, nenhum deles alcança, como corredor, o Parque Nacional da Tijuca ou nenhuma outra unidade de conservação localizada na Cidade do Rio de Janeiro.

Isso porque os parques da nossa cidade são todos demasiado pequenos para os padrões nacionais, não são de floresta primária, não protegem uma quantidade expressiva de espécies endêmicas e sofrem enorme pressão urbana e de incêndios em suas bordas. Em seu interior ainda existe o flagelo da caça. Do ponto de vista federal, portanto, é compreensível que não se invistam grandes somas de dinheiro nos parques cariocas ou em um corredor ecológico a ligá-los, quando há unidades muito mais significativas a conservar no resto do Brasil.

Como então preservar os parques cariocas, unindo-os por um corredor ecológico e evitando o isolamento de cada um deles pela inexorável expansão urbana da metrópole de dez milhões de habitantes que os engloba?

Uma idéia é criar mecanismos que transformem os maiores inimigos desses parques — o homem e o crescimento da cidade — em seus aliados.

Hoje, no Rio de Janeiro, defende o verde apenas uma diminuta comunidade de pesquisadores, biólogos, engenheiros florestais, geógrafos, procuradores e outros profissionais do meio ambiente, além de um punhado de aguerridos ambientalistas. Essa realidade talvez derive da tradicional política de manejo ambiental que encara o visitante como um impacto indesejável nas unidades de conservação. No geral, não nos aparelhamos para receber o leigo. Não trazemos as escolas de forma sistematizada para dentro de nossos parques, temos pouquíssimos programas de interpretação ambiental, concentramos quase toda a visitação em uns poucos pontos completamente antropomorfizados, como o Corcovado e o Pão de Açúcar, e, mesmo aos trilheiros, não damos uma noção do todo, canalizando sua imensa maioria para dois ou três destinos, como o Pico da Tijuca e a Pedra da Gávea.



GRANDES PRESSÕES AMEAÇAM O CORREDOR ECOLÓGICO ENTRE OS PARQUES DA TIJUCA E DA PEDRA BRANCA. ORA É UMA FAVELA QUE PENETRA UM VALE VERDEJANTE, ORA É UMA SAIBREIRA QUE FAZ DESAPARECER UM MORRO INTEIRO.

se média crescerão às suas expensas. Os caçadores e os coletores de bromélias seguirão freqüentando as áreas onde os excursionistas não vão.

A experiência dos parques nacionais americanos mostrou ao longo dos anos que, com o aumento substancial dos níveis de visitação, cria-se um grande grupo de pressão em prol do meio ambiente. Com isso, as verbas e a importância política do tema "Unidades de Conservação" crescem e torna-se mais fácil administrá-las em sintonia com os princípios conservacionistas.

Está claro, porém, que o incentivo à visitação não pode, nem deve, ser indiscriminado e desacompanhado de monitoramento. Nesse sentido, o exemplo da Reserva Biológica de Poço das Antas, no norte fluminense, é paradigmático. Ali está sendo conduzida uma heróica tentativa de salvar o mico-leão-dourado da extinção. A presença excessiva do homem, com suas doenças transmissíveis aos primatas, é indesejável, pois poderia ser fator negativo irreparável nessa luta.

O intuito de não incentivar a visitação monitorada é deixar a mata em paz. Doce ilusão! Em uma área metropolitana do tamanho do Rio de Janeiro, a especulação urbana e o uso econômico são a regra. Não há vazio de ocupação; não há vazio de uso. Os espaços não ocupados pelas pessoas de bem são preenchidos por gente mal-intencionada. Está aí o exemplo do poder paralelo do tráfico de drogas, que ocupou o vácuo deixado pela ausência do estado de direito em algumas favelas.

Enquanto nossas florestas urbanas não forem percebidas por uma substancial parcela dos cariocas como um bem fundamental a ser preservado, elas não terão fiscais nem orçamento suficientes para sua sustentabilidade. As favelas e condomínios de classe média crescerão às suas expensas. Os caçadores e os coletores de bromélias seguirão freqüentando as áreas onde os excursionistas não vão.

Por outro lado, esse não é o caso da grande maioria dos parques cariocas. Sua missão é claramente outra. Se é lícito visualizar nossos parques efetivamente contribuindo para a preservação de algumas espécies significativas de mata atlântica, do ponto de vista nacional, podemos agregar muito mais à causa verde.

É possível transformar o conjunto de parques e reservas cariocas no maior *locus* de educação ambiental do país. Um lugar onde a educação interativa e permanente seria acessível aos dez milhões de habitantes do Grande Rio; uma unidade de conservação integrada onde todas as crianças em idade escolar no município teriam aulas de História, Geografia, Literatura, Biologia e Educação Ambiental. Uma atração que ecoturistas viajariam grandes distâncias para conhecer. Uma alavanca formadora de dez milhões de defensores do meio ambiente.

AÇUDE DO CAMORIM ENCRAVADO NA MATA LUXURIANTE DA PEDRA BRANCA.



Assim, voltando ao mapa do município, salta aos olhos o processo de fragmentação de nossos parques. Entre a Pedra Branca e a Tijuca existe hoje somente uma cadeia de pequenos montes quase completamente cobertos por pastos e capim-colonião, cortada por diversas ruas e estradas. Sobre alguns desses montes já avançam assustadoras favelas.

Essa cadeia de montes forma um pretenso corredor onde a enorme quantidade de ruas a atravessar e a excessiva degradação da cobertura florestal são um fator por demais limitante para seu uso por grandes mamíferos.

Parece um caso perdido, mas não é. Pesquisadores da UFRJ acreditam que ainda é possível salvar essa degradada ligação entre os dois maciços e fazê-la funcionar como um corredor biológico viável para muitas espécies. Para a avifauna, os insetos e alguns pequenos mamíferos ainda pode haver esperança.

John Marsh, membro do Comitê de Áreas Protegidas da União Internacional para a Conservação da Natureza, concorda. Para ele, é vital ligar as unidades de conservação, mesmo que por estreitas faixas verdes, como as que acompanham os rios, as linhas de transmissão, as vias férreas e as trilhas de longo curso.

A TRANSCARIOCA DESVENDA CONTRASTES IMPRESSIONANTES, COMO O MAR DE PRÉDIOS DE COPACABANA VISTO DO MORRO SÃO JOÃO.





DESPACHO A UMA DIVINDADE, DEIXADO JUNTO À REPRESA DOS CIGANOS. CENAS COMO ESTA, INFELIZMENTE, SÃO COMUNS NAS MATAS CARIOCAS.

De fato, fora do Brasil usar trilhas de longo curso como tênues corredores verdes não é uma idéia nova. Em muitos lugares, ligar diversos parques e reservas por uma trilha longa possibilitou a preservação de largas porções de terra que, de outra forma, teriam sucumbido ao desenvolvimento urbano ou agrário.

O caso da Trilha Apalache nos Estados Unidos é um exemplo sem par. Primeiramente pensada por Benton Mackaye, em 1921, a história da trilha de 3.600 quilômetros contínuos, ligando os Estados Unidos de norte a sul, é um modelo vivo de como a visitação pode ajudar a preservar o meio ambiente.

Com início na Geórgia e término no Maine, a Appalachian Trail foi idealizada para dar à maioria da população americana uma chance de caminhar na natureza mas, quando finalmente foi sinalizada pela primeira vez, em 1937, corria basicamente por estradas de terra e ao longo de propriedades privadas.

À medida que começaram a percorrê-la, os freqüentadores da Appalachian Trail passaram a se preocupar com sua integridade. Logo formou-se uma organização central — a Appalachian Trail Conference — para tomar conta do todo. Para cada um dos usuários da trilha, a mística de ela percorrer o país de norte a sul ininterruptamente por 3.600 quilômetros era fundamental. Tê-la caminhado por inteiro, ou apenas um quilômetro, significava ter pisado na trilha que cortava os Estados Unidos ao meio. Permitir que essa trilha fosse interrompida, por 500 metros que fosse, acabaria com sua integridade, destruiria a mística.

A pressão dos usuários fez com que o trajeto original fosse crescentemente revisto de modo a evitar estradas e recuperar áreas degradadas. Em 1938, o Serviço Nacional de Florestas e o Serviço de Parques Nacionais Americano assinaram um documento comprometendo-se a manter intocado 1,6 quilômetro de cada lado da trilha, sempre que ela cortasse terras por eles administradas.

Isso resolvido, colocou-se o problema dos trechos em que a Appalachian Trail cruzava terras particulares. Tendo em vista a grandiosidade da trilha e os preços exorbitantes do hectare no Leste Americano, parecia não haver solução. O futuro mais provável seria os interesses econômicos prevalecerem e as terras mais próximas aos grandes centros, tais como Nova York e Filadélfia, transformarem-se em estâncias serranas para seus habitantes.

Não foi assim. Já na década de 80, entre três e quatro milhões de pessoas percorriam a Trilha Apalache por ano, embora somente cerca de 200 o fizessem de ponta a ponta. Tamanho uso criou uma força política irresistível e o governo começou a destinar orçamento para desapropriar um corredor de no mínimo 300 metros de largura ao longo de todo o seu trajeto. Em 1980, o Congresso americano autorizou o uso de 30 milhões de dólares para esse fim, seguidos de outros 30 milhões em 1981. Como conseqüência, em 1995 apenas 70 quilômetros, ou cerca de 2% da trilha, ainda atravessavam propriedades privadas.

Naturalmente, a bem-sucedida experiência americana não passou despercebida. O fenômeno das trilhas de longo curso proliferou mundo afora. Somente nos Estados Unidos há pelo menos 31 delas com mais de 100 quilômetros de extensão cada, totalmente sinalizadas e com manutenção freqüente. Duas, a Continental Divide Trail e a Pacific Crest Trail, têm mais de 3.000 quilômetros de extensão. Na Austrália também há mais de duas dezenas de trilhas de longo curso, assim como na Nova Zelândia e na África do Sul. Neste

último país, a Trilha Otter, de quatro dias de caminhada, é exemplo de local onde o excursionismo e o controle rígido da visita não são antagônicos. Com entrada e saída monitoradas por forte esquema de fiscalização, apenas 12 pessoas podem percorrê-la a cada dia. Para conseguir caminhar nela é preciso fazer uma reserva com mais de seis meses de antecedência.



TRILHAS BEM SINALIZADAS E COM MANUTENÇÃO PERENE SÃO EFICAZES INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

No Nepal e na Europa o modelo tampouco é desconhecido. Há na França mais de 100 trilhas de longo curso, conhecidas como Grands Randonées. Suas similares espanholas, os Grandes Recorridos, têm por emblema maior o pouco natural Caminho de Santiago.

Mesmo no Brasil, embora não tenhamos a prática de fazer manejo em nossas trilhas, que se ressentem da falta de sinalização, controle de erosão, manutenção dos caminhos e inexistência de abrigos, há uma grande procura pelas trilhas de longo curso. A Travessia Petrópolis–Teresópolis, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, e o Caminho do Ouro, no Parque Nacional da Bocaina, são, no entorno da Guanabara, a prova disso.

Do ponto de vista do usuário, são muitas as atrações de uma trilha de longo curso. Só elas permitem vivenciar o *trekking* (uma caminhada de mais de um dia), que no Brasil é confundido com o *hiking* (uma caminhada de menos de um dia). Já para o administrador público, por que razões tantas *long trails* foram estabelecidas no mundo?

O projeto de construção da Great Eastern Centenary Track, na Austrália, lista 12. Uma chama a atenção do carioca ansioso com o futuro de seus parques: “aumento substancial nos níveis de preocupação com o meio ambiente e melhoria nas políticas públicas de manejo nas unidades de conservação”.

Nesse sentido, constituir uma Trilha Transcarioca atravessando todo o Município do Rio de Janeiro, bem sinalizada e com manutenção freqüente, seria dar oportunidade à cidade de beneficiar-se com o fato de ser atravessada por um corredor verde. Por gerar atividade econômica advinda de seus usuários, uma Transcarioca ajudaria a reverter a lógica econômica vigente de que esse corredor é um entrave à expansão e ao desenvolvimento. Ter essa trilha é assegurar que os parques do Rio serão ligados por um caminho verde, que terá um grupo permanente de apoio à sua manutenção — os próprios transcarioqueiros e a comunidade montanhista, cujos membros se multiplicariam muito.

Na área entre a Pedra Branca e o Parque Nacional da Tijuca, uma Trilha Transcarioca deve, sobretudo, servir ao objetivo de estabelecer uma coluna vertebral psicológica entre eles. Uma cabeça-de-ponte para a futura proteção legal da área em que está inserida. A partir da demarcação da trilha, podemos sonhar com a elevação daquela fieira de morros ao estatuto de parque e as medidas práticas benéficas que se seguem, como o reflorestamento.

NA PÁGINA SEGUINTE: PÃO DE AÇÚCAR, ONDE TERMINA A TRANSCARIOCA.





Grande parte de uma eventual Trilha Transcarioca já existe hoje e é transitada. De fato, em vários locais, como na Pedra Branca, são muitas as opções diferentes que poderiam ser escolhidas para seu trajeto. No Maciço da Tijuca ela pode aproveitar os trechos já sinalizados das Trilhas Circulares Major Archer e Castro Maya. Na Marambaia e no Pão de Açúcar também é possível aproveitar caminhos já consolidados.

Montar uma rota para a Transcarioca não é tarefa das mais complicadas. Em um primeiro momento, ela pode incorporar curtos trechos de estrada como os existentes na Boiúna ou nas Paineiras. Depois, com o tempo, aparecerão outras opções, privilegiando caminhos mais selvagens. O importante é começar, acatar o conceito e partir para implementá-lo, sinalizando e fazendo o manejo da trilha. Existindo o objetivo de completá-la, e gente trabalhando para que isso aconteça, o tempo se encarregará do resto. Os exemplos da San Francisco Bay Area Ridge Trail e da Lake Tahoe Rim Trail, que após 15 anos estão próximas de ficarem completas, são alentadores.

Para quem achar que isso é muito tempo, vale lembrar que Archer passou 13 anos reflorescendo o que é hoje o Parque Nacional da Tijuca.

Qualquer que seja a escolha tomada para o trajeto devem ser levadas em consideração algumas premissas básicas, tais como evitar nichos de espécies endêmicas ou em perigo de extinção; incorporar trechos com diferentes níveis de intervenção, variando desde pouca ou nenhuma sinalização até trilhas interpretativas, como é o caso da Catacumba; buscar franquear acesso aos diversos setores da sociedade; ter freqüentes rotas de escape para locais da cidade onde haja infra-estrutura de acomodação, transportes e alimentação; e tentar incorporar os principais mirantes e pontos de interesse turístico das redondezas e sítios de interesse histórico e cultural.



POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, EM PLENO SÉCULO XXI, AINDA HÁ NO RIO QUEM CACE POR PRAZER. NO BIÊNIO 1999/2000, OS FISCAIS DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA DESMONTARAM QUASE UMA CENTENA DE ACAMPAMENTOS DE CAÇADORES.

Uma Trilha Transcarioca pode ser pensada de forma a envolver de 17 a 30 dias de uma caminhada rica em história, arqueologia e cultura, mas também única sob o aspecto natural. Os dias de excursão podem ser mais longos ou curtos, dependendo de quanto se quer andar em uma mesma jornada. A tendência é que quem percorrer a trilha inteira em um só estirão fará trechos mais longos. Já aquele que a percorrer em sucessivos fins de semana tenderá a caminhar menores distâncias a cada dia de passeio.

Entre as diversas possibilidades de trajeto existentes para uma Trilha Transcarioca, seu início deve ser necessariamente a Restinga da Marambaia e seu final o lugar onde Estácio de Sá fundou a Cidade do Rio de Janeiro em 1565, entre os Morros Pão de Açúcar e Cara de Cão.

Além de dividir a cidade em dois, essa rota está estrategicamente colocada. Para o amante contumaz das trilhas de longo curso, planejá-la assim é tornar possível conectar a Transcarioca com outros três importantes caminhos. Antes do seu início estão a Trilha do Ouro, entre São José do Barreiro e Mambucaba, onde se pega uma lancha até o Abraão, e a Trilha Circular da Ilha Grande, recentemente sinalizada pela Prefeitura de Angra dos Reis, de onde, também, é possível imaginar uma conexão marítima, dessa vez com a Marambaia.

Após o seu final, o transcarioqueiro pode caminhar por dentro do Aterro do Flamengo, colorida obra de Burle Marx, até a Marina da Glória, onde pode tomar uma lancha até o Porto da Estrela. Lá se inicia a longa caminhada pela trilha-mãe do Brasil, a Estrada Real, entre o Rio de Janeiro e Diamantina, já mapeada e publicada em guia pelo excursionista mineiro Raphael Olivé.

Alguns trechos da Transcarioca, mesmo hoje, são óbvios e fáceis de percorrer. Já outros são confusos, mal sinalizados e muito próximos a áreas com problemas de segurança pública. Ainda assim, embora o traçado completo da Transcarioca de nossos dias esteja reservado apenas aos sonhadores, aos iniciados e aos destemidos, é possível vislumbrá-la pronta em um tempo não muito longínquo.

Avancemos para dentro desse futuro de devaneios e partamos juntos em uma viagem literária para percorrer a Transcarioca de ponta a ponta.

NAS PÁGINAS SEGUINTEs: DO MORRO DE GUARATIBA, AO OLHAR PARA TRÁS, O TRANSCARIOQUEIRO TEM O PANORAMA DOS MANGUEZAIS E DA RESTINGA DA MARAMBAIA, ONDE COMEÇA A TRANSCARIOCA.





Começamos a Transcarioca na





Marambaia, onde a trilha

tem seus 50 quilômetros

iniciais. Ela está hoje sob administração militar e tem acesso controlado. Idealmente, alguma restrição ao excursionismo seria mantida de forma a preservar o frágil e intocado ambiente de restinga aí existente. Um sistema de reservas semelhante ao adotado nas trilhas de longo curso sul-africanas pode ser utilizado na Restinga.

Por esse método, o acesso aos dois primeiros trechos da Transcarioca poderia ficar restrito a cerca de 20 excursionistas por dia, mediante reserva prévia, pagamento de taxa de visitação e acompanhamento obrigatório de um guia.

Dessa forma, chegamos a Guaratiba, na entrada da Restinga, na noite anterior à caminhada. Ali, tomamos um jipe até seu extremo oposto, no Município de Mangaratiba, onde pernoitamos sem conseguir dormir, de tão grande a nossa expectativa. Cedo, no dia seguinte, iniciaremos a caminhada de nossas vidas.

O primeiro nascer do sol da Transcarioca é inesquecível: eleva-se brilhante por detrás da Cidade Maravilhosa como que a alumiar por partes toda a extensão da trilha a percorrer. Aos poucos, os morros e vales longínquos saem das

trevas e logo explodem em mil tons de azul contra as águas do mar.

O despertar preguiçoso na Ilha de Marambaia é seguido de um primeiro dia meramente exploratório, espécie de ante-sala para a continuidade sucessória da Transcarioca. Alguns fazem uma visita à Ponta Grossa da Marambaia, outros preferem subir ao Pico da Marambaia. De seus 640 m de altitude, observamos a imponência da Serra do Mar, a beleza da Baía de Sepetiba e o espetacular panorama oferecido pela fina faixa de areia branca a servir de ponte entre o Pico da



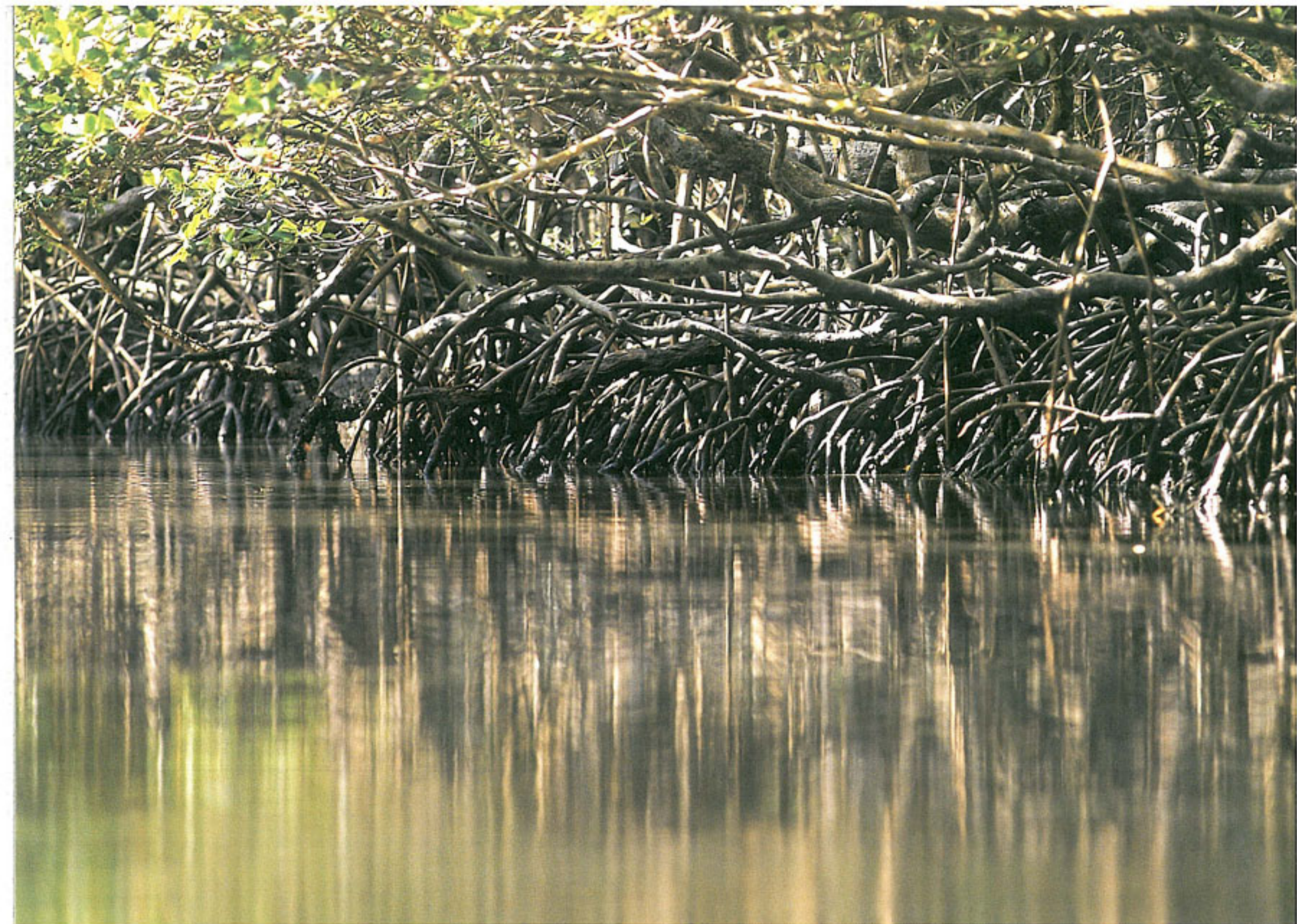
Marambaia e Guaratiba. Um aperitivo inesquecível da épica caminhada que se seguirá.

No dia seguinte, **o primeiro propriamente dito**, é inevitável o contraste da restinga, árida e espinhosa, com o luxuriante verde da véspera. Serão quase 50 km de praias selvagens como quase não há mais no Brasil. Pequenos cactos, uma profusão de flores e algumas belíssimas espécies vegetais criticamente ameaçadas de extinção no Rio de Janeiro, como é o caso do cipó-de-leite.

Começamos a caminhar pelos Municípios de Mangaratiba e Itaguaí. Alternamos, ora molhando os pés junto às furiosas ondas do Oceano Atlântico, ora junto à praia interna, banhada pelas calmissimas águas da Baía de Sepetiba. Ali, damos freqüentes mergulhos. É um banho tranquilo, decorado pelo bucolismo das embarcações de pesca. Quando cansamos de estar junto à água, marchamos pela estradinha de terra que corta o centro da Restinga, serpeando entre pequenas dunas de areia cobertas por gravatás e pitangueiras.

Não há necessidade de sinalização, pois o caminho é óbvio e sem possibilidade de erro. Tudo de que o caminhante necessita é água, comida, protetor solar, óculos escuros e roupa de banho. A única dúvida é quanto ao calçado. Alguns preferem trocar a firmeza das botas de caminhada pelo conforto de um par de sandálias abertas. Os teimosos terminam por se exasperar com o





freqüente tira e calça das botas que se enchem de areia a cada inevitável mergulho nas atraentes águas despoluídas do caminho.

A primeira noite da trilha é passada na Restinga, sempre em um mesmo lugar especialmente designado para esse fim. Dessa maneira, o impacto dos acampamentos fica restrito a uma pequena área sobre a qual será possível fazer avaliações periódicas. Nesse local, caso a Transcarioca já existisse, poderia ser erigido um pequeno abrigo de madeira, como os

PROXIMO AO FIM DA RESTINGA SURGE UM NOVO ECOSISTEMA: OS MANGUEZAIS DE GUARATIBA. COM SUAS RAIZES RETORCIDAS E ABUNDANCIA DE AVIFAUNA, ELES ENCANTAM O TRANSCARIOQUEIRO.

NA PÁGINA 28, EM MEIO A UM AMBIENTE INTOCADO PELO PROGRESSO CIVILIZATÓRIO, A TRANSCARIOCA AVANÇA NA RESTINGA DA MARAMBAIA ENTRE A BAÍA DE SEPETIBA E O OCEANO ATLÂNTICO, EM DIREÇÃO AO RIO DE JANEIRO.

existentes nas trilhas de longo curso norte-americanas ou australianas.

O **dia seguinte**, o primeiro no Município do Rio, de onde a Transcarioca não vai mais sair, é ainda ao longo da Restinga, mas com variações. À medida que nos aproximamos de Guaratiba, começamos a divisar o manguezal, um dos mais belos e ameaçados ecossistemas cariocas. Seus canais flanqueados de retorcidos mangues-vermelhos assumem um ar fantasmagórico, ainda que fascinante. As gaivotas, aos poucos, vão dando lugar às garças, socós e pica-paus-anões; somem as marias-farinhas e entram em cena os

siris e guaiamuns. O emaranhado de canais e rios transmite uma sensação de labirinto que encanta.

Já com o sol baixo, voltamos à face atlântica da Restinga justo a tempo de vê-lo naufragar, tragado por um mar momentaneamente tingido de encarnado. Do lado de lá do Canal do Bacalhau está a Barra de Guaratiba, que, vista do lado de cá, lembra uma vila grega, encarapitada em belas montanhas escarpadas.

Em Guaratiba, aqueles cariocas que têm por meta completar a Transcarioca apenas caminhando ao longo de fins de semana e feriados têm a opção de ir dormir em suas casas. Já nosso grupo de devaneios, cujo objetivo é caminhá-la de uma só enfiada, terá que seguir em frente logo na manhã seguinte. Alugamos diferentes quartos em casas de pescadores, versão local de hospedaria nessa bucólica vila da Zona Oeste. Tomamos banho quente relaxante para tirar do corpo o sal de dois dias seguidos sem água doce e vamos dormir com a barriga forrada por saboroso peixe.

O **terceiro dia** de excursão, que se inicia na Rua Parlon Siqueira, nos proporciona novos cenários. A trilha segue acompanhando a costa, mas troca a restinga e o manguezal por imponentes formações rochosas que muitas vezes entram direto no mar.

Avançamos por um traçado altaneiro. O oceano, muitos metros morro abaixo. Logo no início, pode-se divisar a Ponta do Picão e a Ilha do Frade com seu tímido farol. Ao longo do percurso,



GRUPO DE EXCURSIONISTAS AVANÇA EM MEIO AO CAPINZAL. BUSCAM AS PRAIAS SELVAGENS DE GUARATIBA.



bifurcações descem em direção a pesqueiros. Pescadores e alpinistas são nossos companheiros de viagem nesse trecho da Transcarioca — a Península de Guaratiba tem mais de 40 vias de escalada.

Para nossa felicidade o fim de semana ficou para trás. Aos sábados e domingos a trilha é invadida por uma malta de banhistas que enfrentam a longa jornada em busca de uma praia selvagem. É desolador o panorama que encontramos na segunda-feira, quando somos apresentados ao lixo deixado pelo caminho.

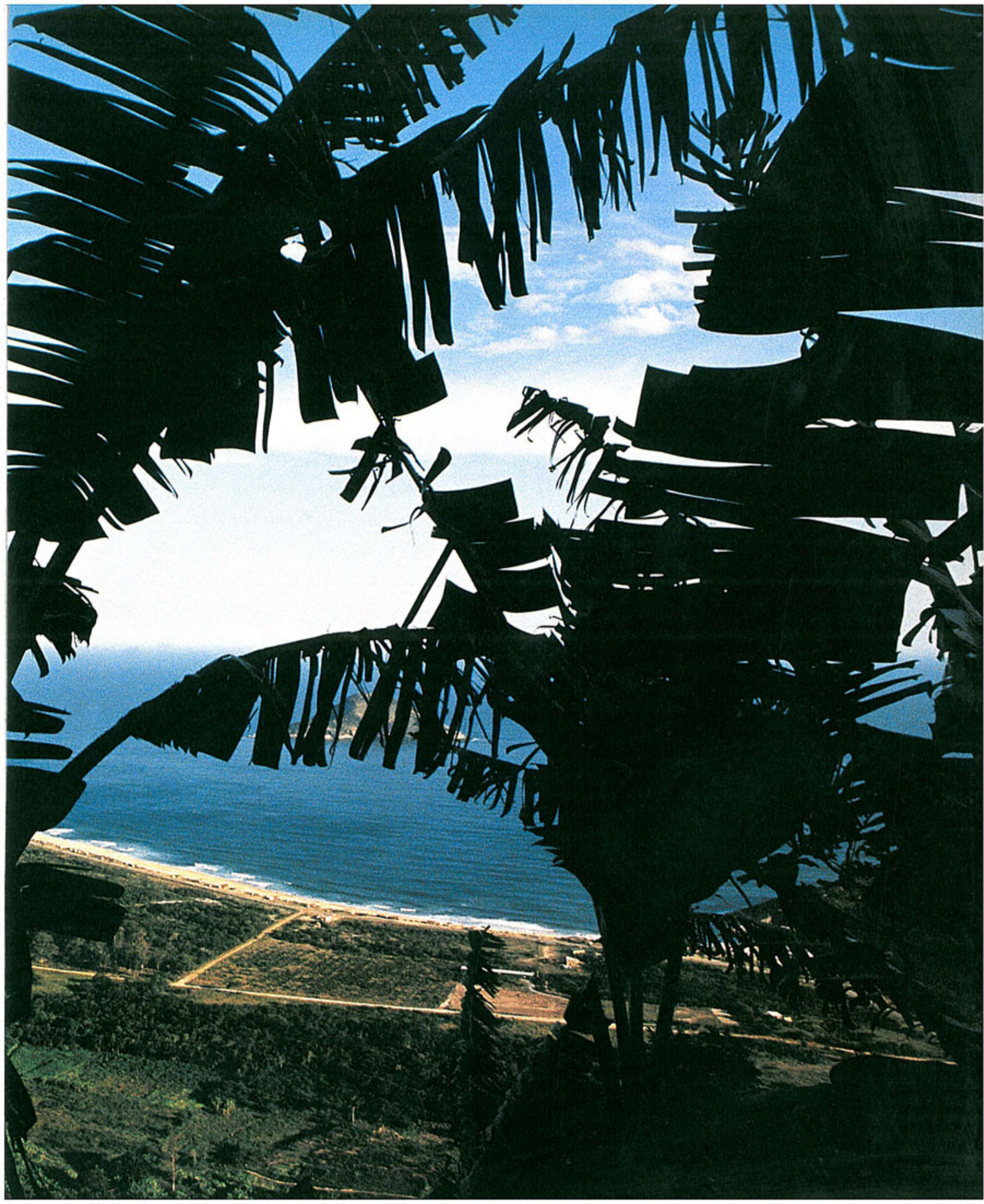
Desejaríamos desistir da empreitada não fosse,

PRAIA DOS BÚZIOS, EM GUARATIBA.

por outro lado, a existência de sinais auspiciosos. Boa parte do capim-colonião que tomava as encostas do Morro da Guaratiba foi removida pelo projeto Mutirão Reflorestamento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, para o plantio de espécies nativas de Mata Atlântica. À esquerda do caminho, os pequenos terraços replantados nos enchem de otimismo e esperança.

Abaixo do costão, piscinas naturais de pedra se alternam com praias de seixos e blocos de rocha. A vista varia, ora sendo possível divisar a





Marambaia e o manguezal de Guaratiba, ora vislumbrando-se Grumari e a Barra da Tijuca. Sucedem-se as Praias dos Búzios, do Perigoso, do Meio, Funda e do Inferno. Cada uma delas, uma pequena faixa de areia branca flanqueada por pontões rochosos. Amendoeiras e arbustos de pitanga dão o toque vegetal.

A Transcarioca prossegue íngreme, em meio a incômodo capim-colonião, na direção de Grumari,

onde os surfistas dão o colorido. Lá — uma área de proteção ambiental do município — está o fim do terceiro dia da trilha. É proibido acampar. A opção para o caminhante, enquanto a Transcarioca ainda não existir de forma estruturada, com abrigos ou pousadas, o que é permitido pela legislação vigente, é alugar um quarto na casa dos caiçaras locais. Preferimos a alternativa mais confortável de um hotelzinho no Recreio dos Bandeirantes.

Grumari é rico em história. Muito antes de se pensar em construir a estrada que hoje liga aquela praia a Guaratiba e à Prainha, já ali havia intensa atividade econômica. Grumari abrigava no século XIX um cais de onde era escoada para o Rio parte da produção agrícola da Zona Oeste. Nesse trapiche desembarcaram, em 1893, revoltosos catarinenses que lutavam contra o Presidente Floriano Peixoto. Mesmo antes disso há quem assegure que os corsários franceses de Duclerc desembarcaram naquele local para invadir o Rio, em 1710.

O **quarto dia** da Transcarioca, de certa forma, revive a trilha que os invasores gauleses galgaram para chegar à Grota Funda e que se confunde com o caminho percorrido pelos burros carregados de produtos agrícolas, em busca do cais de Grumari.

Abandonamos o litoral, para onde a Transcarioca só retornará em seu derradeiro trecho, e enveredamos por uma trilha à sombra de infindáveis bananais. O forte desnível da subida é

PRAIA DO PERIGOSO, ENCRAVADA NO COSTÃO DE GUARATIBA.

NA PÁGINA ANTERIOR, A TRANSCARIOCA COMEÇA A SE AFASTAR DA PRAIA. ENTRE AS FOLHAS DA BANANEIRA PODE-SE VER GRUMARI AO FUNDO. A TRILHA AGORA AVANÇA PEDRA BRANCA ADENTRO.





compensado por vistas deslumbrantes da Praia de Grumari de um lado e da Restinga da Marambaia e do Manguezal de Guaratiba do outro.

O suadouro é acompanhado da inevitável viagem ao passado, povoada por alvíssimos corsários franceses, metidos em botas rústicas e praguejando a cada nova picada de nossos mosquitos patriotas. O que teria passado na cabeça daqueles homens de guerra, acostumados ao mar e não à impenetrável Mata Atlântica, então existente onde hoje grassa o bananal? Penavam enquanto faziam a Transcarioca do século XVIII movidos pela ganância do ouro das Minas Gerais.

O ENCANTADOR SÍTIO SANTO ANTÔNIO DA BICA, ONDE MOROU E TRABALHOU O PAISAGISTA BURLE MARX.

Aos poucos vamos entrando no Parque Estadual da Pedra Branca, a maior floresta urbana do Rio de Janeiro. A vegetação praieira já foi completamente substituída por bananeiras e belos, ainda que escassos, espécimes de Mata Atlântica. Aqui e acolá surgem os primeiros exemplares de fauna, uma jararaca arredia, um bicudo tucano. É um sobe e desce contínuo. Vamos na direção de Piabas. Depois, o caminho vira um labirinto de trilhas de bananeiras, estreitas e mal definidas. Buscamos a Grota Funda.



Há na Zona Oeste diversos trilheiros que passaram a vida explorando os recônditos da Pedra Branca.

Conhecem o maciço como a palmilha de seus pés. Entre eles destaca-se Marcelo Soares. O ambientalista tanto percorreu o Parque Estadual, denunciando caçadores, atracando-se com palmiteiros, apagando fogo por conta própria, que acabou nomeado diretor da Unidade de Conservação. Sua vida mudou pouco, apenas passou a ganhar salário e ter respaldo oficial para seguir cuidando dos 12,5 mil hectares de mata da Pedra Branca.

A tarefa é espinhosa. A pressão da agricultura e da pecuária sobre o Parque Estadual é quase impossível de conter. Em alguns pontos, a esses problemas juntam-se o crescimento de favelas, os loteamentos clandestinos e a exploração de pedreiras.

Apesar dos esforços de Marcelo e do Instituto Estadual de Florestas, as plantações de caqui e banana parecem aumentar. É muito difícil reverter uma cultura secular que já deflorou a Pedra Branca em três ciclos econômicos prévios: o da cana-de-açúcar, o do café e o da laranja.

A Transcarioca e o conseqüente aumento do trânsito de pessoas

interessadas na manutenção da Floresta poderiam ser aliados na luta de Marcelo. Mais afastada da parte nobre da cidade, menos conhecida da mídia e menos utilizada para atividades de lazer, a degradação da Pedra Branca causa menos indignação no público do que quando se trata da sua vizinha Floresta da Tijuca.

Trocar a lógica cultural vigente em que o desmatamento provoca progresso pelo postulado de que a mata preservada também seria um bem econômico pode ser a salvação da Pedra Branca. Estudos recentes da Appalachian Trail Conference, nos Estados Unidos, e da Bibbulmun Track, na Austrália, mostraram que os gastos diários de um excursionista de longo curso são em média de US\$ 15 por dia, somando-se alimentação, controle de trechos erosivos, camisetas, mapas, guias, transporte, pernoite e equipamento.

À medida que a mata preservada for mais interessante economicamente do que os lucros auferidos de sua destruição, estaremos mais próximos da vitória contra o desmatamento. A contribuição de uma Transcarioca que atravessa a Pedra Branca, porém, é

muito maior do que a simples geração de um fator econômico em prol da preservação. Uma trilha de longo curso unifica as áreas protegidas que atravessa. Assim, uma Transcarioca estenderia para a Pedra Branca o sentimento de carinho e proteção que existe hoje por parte da imprensa e da população, no que toca à Floresta da Tijuca. Afinal, basta destruir apenas alguns metros contínuos da Transcarioca e toda ela estará destruída. Uma trilha de longo curso só existe como um todo e a supressão de qualquer parte, por menor que seja, significa o fim do conceito de uma trilha única e ininterrupta.

As experiências americana e australiana demonstram que mesmo os excursionistas que não percorrem uma trilha de longo curso inteira, mas apenas parte dela, desenvolvem uma relação de afetividade pelo todo. Em geral, acreditam que poderão um dia terminá-la ou vêem a experiência de ter caminhado em uma trilha de longo curso, que de outra forma seria apenas mais uma picada no mato, magnificada pelo fato de ser um trecho de algo muito maior e significativo.



Nesse trecho da Serra Geral de Guaratiba nossa Transcarioca de sonhos é bem planejada. Ela não poderia deixar de contemplar um ramal para o Sítio Burle Marx. Após a esgotante caminhada do quarto dia, a antiga residência do maior paisagista do Brasil é um encanto. Em um pequeno passeio pelo sítio, que tem jeito de jardim botânico, entendemos mais sobre a vida do homem que nos legou o Aterro do Flamengo e o Açude da Solidão, na Floresta da Tijuca. A casa do paisagista abriga sua coleção de 3.500 espécies de plantas raras, objetos de artesanato, cerâmica pré-colombiana e murais em azulejos, além do próprio prédio, que por si só já vale a visita.

A O LONGO DE TODA A TRANSCARIOCA SUCEDEM-SE RUÍNAS DAS MAIS DIVERSAS IMPORTÂNCIAS: FAZENDAS DE CAFÉ, ENGENHOS DE AÇÚCAR, FORTALEZAS MILITARES E SIMPLES CASAS DE SITIANTES ESBARRAM COM O EXCURSIONISTA A CADA HORA DE CAMINHADA. AQUI ESTÃO RETRATADAS AS PAREDES DE UMA ANTIGA CONSTRUÇÃO DO CAMINHO COLONIAL DO MORGADO.

EXCURSIONISTAS ANIMADOS EM BUSCA DE PRAZERES ESCONDIDOS DA PEDRA BRANCA.



O **quinto dia** é o mais complicado até aqui. O trajeto não é óbvio. Tudo que sabemos é que precisamos alcançar o Caminho do Morgado. A mata nesse trecho é mais densa e só pode ser varada com a ajuda de especialistas.

Seu traçado se mistura com o cheiro forte do suor dos cavalos dos haras de Vargem Grande. Com frequência, temos que chegar para o lado e nos espremer contra os barrancos para dar passagem a esses possantes, cujos excrementos decoram grande parte do trajeto. Sua trilha preferida é a Estrada do



Morgado, antiga ligação entre os engenhos de açúcar do Morgado e da Ilha de Guaratiba. O dia de caminhada, embora curto, é puxado. O destino, como a servir de prêmio, não podia ser menos recompensador: o complexo gastronômico de Vargem Grande, onde fazemos a festa.

Daqui para diante, e até atingirmos a Serra dos Pretos Forros, são muitas e variadas as opções de percurso. Qualquer que fosse a rota escolhida, ela necessariamente implicaria a omissão de outras possibilidades interessantíssimas.

Optamos por aventurarmo-nos pela Estrada do Sacarrão até o Pau da Fome, com escala na Represa do Camorim. Trata-se de caminhada para dia inteiro.

O início da jornada do **sexto dia** mostra bem os problemas do Parque da Pedra Branca. Até a cota 250 metros são várias as casas de sitiantes. Construções toscas feitas em pau a pique, com puxados de alvenaria. Chão de terra batida, fogão à lenha apanhada no próprio Parque e colunas de madeira nativa a sustentar varanda de zinco. Uma rede à guisa de cama. Pendurados no teto, sacos

NA PÁGINA AO LADO, A EXUBERÂNCIA DA FLORA NO MACIÇO DA PEDRA BRANCA.

A PEDRA BRANCA É UM MACIÇO DE CONTRASTES. LONGAS FRALDAS VERDES DERRAMAM-SE SOBRE A ZONA OESTE DO RIO, DANDO A IMPRESSÃO DE INFINITUDE NATURAL. NO ENTANTO, TEM SUAS ENTRANHAS DIZIMADAS POR PEQUENOS, MAS INCESSANTES DESMATAMENTOS PARA DAR LUGAR A NOVOS PASTOS E NOVAS LAVOURAS, CUJO PRODUTO AINDA É ESCOADO EM LOMBO DE BURRO, COMO HÁ 300 ANOS.

de arroz, feijão, farinha... Porcos, cabritos e uma malta de cachorros magrelas a latir despeitados para os excursionistas. Assim é a Pedra Branca, meio roça, meio unidade de conservação ambiental. A caminhada é boa, córrego após córrego, e, no verão, uma mosquitada de meter medo. Não raro, cruzamos uma tropa de burros carregados de bananas, caquis ou algum outro produto sendo escoado para a feira. Cena cristalizada na história da cidade, retratada por Debret e os sábios viajantes do início do século XIX, repetida por Magalhães Corrêa em seu célebre relato da Zona Oeste da era Vargas e viva ainda hoje, como nos idos da 1921 de Lima Barreto: *"...cruzava uma tropa de carvoeiros de Jacarepaguá... os tropeiros eram gente de sangue muito mesclado, ossudos, jarretes, nervosos e finos... cobertos de uma insondável tristeza. Não eram só homens feitos; havia crianças também a*









DA TRANSCARIÓCA É POSSÍVEL ESTICAR ATÉ A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE MONTSERRAT, NO KM 112 DA ESTRADA DOS BANDEIRANTES. CONSTRUÍDA EM 1766 POR VITÓRIA DE SA, A IGREJA PERTENCEU AOS MONGES BENEDITINOS E FOI REFORMADA EM 1989 PELA FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. ERGUIDO COM ENORMES PEDRAS LIGADAS POR ÓLEO DE BALEIA, O TEMPLO É UM EXEMPLAR TÍPICO DA ARQUITETURA RELIGIOSA DO BRASIL COLÔNIA.

guiar os burros em fila." Pudesse o IPHAN tombar gente e devíamos todos nos pôr a clamar pelo tombamento dessas tropas e tropeiros tão parte do fazimento do Brasil.

São duas inclementes horas de subida até alcançar o divisor de bacias hidrográficas. A partir daí principiamos a descer em direção ao Açude do Camorim, onde são represados diversos rios para abastecer com água potável grande parte das residências de Jacarepaguá. Estamos na região mais bem preservada de todo o Parque. Caminhamos sob a sombra escura das verdes matas atlânticas até depararmos com um lago encravado em anfiteatro natural, cujos flancos são a síntese da tropicalidade brasileira, com suas árvores copadas e variada avifauna.

A sensação é de deslumbre e incredulidade; a tentação é a de um mergulho. De fato, não é incomum ver gente nadando nesse enorme bebedouro disfarçado de lago montanhês, misto de falta de educação e de fiscalização que, afinal, são duas faces da mesma moeda.

O Camorim pede uma parada e um lanche contemplativo. Dali partem vários caminhos. Um deles, com 3,5 km de extensão, é popular entre os *mountain bikers*. Leva à Capela de São Gonçalo do Amarante, de 1625, parte da antiga sede de um dos engenhos de açúcar dos Viscondes de Asseca. Capela que abençoou — e amaldiçoou — outras caminhadas de longo curso: a de Dona Vitória de Sá e seu marido Luís de Céspedes até o

NAS PÁGINAS 42 E 43, O AÇUDE DO CAMORIM, O LAGO ALPINO CARIOCA, IMERSO ENTRE IMPONENTES MONTANHAS DE MATA ATLÂNTICA. AO FUNDO, O MACIÇO DA TIJUCA.

O TRADICIONAL E O MODERNO SE MISTURAM NO SERTÃO CARIOCA. ENQUANTO O ROCEIRO COCHILA, UM PAR DE TÊNIS DE LINHAS ARROJADAS REPOUSA JUNTO A CANGALHAS E BALAIOS.







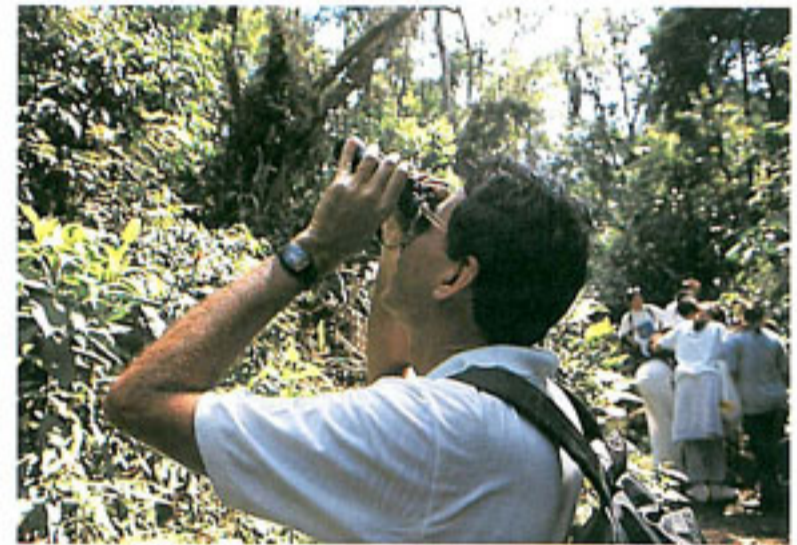
DE REPENTE, ALTANEIRO NO MEIO DA FLORESTA, SURGE UM JEQUITIBÁ CENTENÁRIO. EXISTEM AINDA NO RIO ALGUMAS DESSAS MAJESTOSAS ÁRVORES QUE PRECISAM DE MUITOS HOMENS PARA ABRAÇÁ-LAS.

NAS TRILHAS HÁ EXPRESSIVA QUANTIDADE DE FAUNA. MUITOS EXCURSIONISTAS TÊM O OLHAR ATENTO PARA AS AVES, ENTRE AS QUAIS SE DESTACAM O TUCANO, O TIÊ-SANGUE, A MARITACA E O GAVIÃO.

NAS PÁGINAS ANTERIORES, O RIO PAINEIRAS, PRÓXIMO A VARGEM GRANDE.

Paraguai em 1628, a dos franceses de Duclerc em sua invasão do Rio de Janeiro, quando saquearam, mataram, destruíram e estupraram no Engenho do Camorim, em 1710, e a de Magalhães Corrêa, em sua perambulação pelo sertão carioca, em 1932. Nesta última data foi concluída a represa.

Olhando os arredores, sentados junto ao lago, é difícil visualizar engenheiros e operários,



escavadeiras e cimento a levantar essa Itaipu carioca. De noite, todos a dormir juntos e apertados revezando-se em turnos acordados e medrosos com o fuzil à mão na vigília da onça, então ainda comum por aquelas bandas. Melhor é acreditar que Camorim sempre foi lago e que o único ruído a jamais cortar seu silêncio foi o dos passarinhos.

Antes que a tarde envelheça é melhor levantar e pôr as pernas para prosseguir até ao Pau da Fome. A caminhada na Serra do Quilombo, mais de descida que de subida, é longa e cansativa, pois percorre uma trilha



muito maltratada pelas tempestades e desastres da natureza.

No percurso, passamos por um jequitibá enorme. Seu tamanho colossal nos leva a discutir sua idade. Um transcarioqueiro mais afoito insiste que ele é mais velho que o Rio. Nos entreolhamos todos. Não há o menor fundamento científico na afirmação. Olhamos de novo o jequitibá. Acreditamos.

Vamos chegar ao acesso principal do Parque da Pedra Branca já quase ao anoitecer. Ali nos espera um exemplo de perfeita harmonia entre a natureza e a construção humana. A sede do Parque, toda em madeira, saiu da prancheta do arquiteto Zanini, um artista que faz a integração entre ambiente e prédio parecer natural. Sua obra, por si só, já valeria a visita, pois nos deixa entrever a possibilidade de também um dia eliminar a oposição entre homem e floresta, mesclando-os com a mesma poesia da sua arquitetura. Para a grande maioria dos funcionários e visitantes, ironicamente, Zanini é um desconhecido. Olham sua casa e vêem apenas a sede do Parque Estadual da Pedra Branca.

Matamos a fome e sentamos para papear a aventura. Aleatório é o trajeto da Transcarioca e, no que toca a Pedra Branca, ao privilegiarmos trilhas que percorrem a floresta, em detrimento de pastos e plantações, perdemos muito. Deixamos de visitar locais importantes e vistas de tirar o fôlego, como as Pedras do Carvalho, do Ponto e

da Rosilha, os Morros do Lameirão e dos Caboclos, o Caminho do Jequitibá e, fora do Parque mas próxima a ele, a Fazenda do Viegas, área municipal que abriga fantástica construção colonial do ciclo do café.

Talvez uma Transcarioca mais real que essa de sonhos aqui descrita possa abrigar um traçado mais abrangente, cobrindo mais pontos de interesse e oferecendo ramais com maior diversidade de atrativos.

O **sétimo dia**, como que para compensar a sensação de perda, é reservado a uma visita à Colônia dos Alienados Juliano Moreira, ali do lado. Talvez Machado não estivesse pensando em Itaguaí quando descreveu as aventuras de Simão Bacamarte, mas na Jacarepaguá contemporânea. Visitar o Museu do Inconsciente, de Nise da Silveira, é uma aventura interior que nos faz questionar o que é a loucura e como se expressa a sanidade. Seremos aloprados à cata de um alienista que nos ponha todos no sanatório para que nos demos conta da loucura que é destruir a Cidade Maravilhosa? Talvez não.

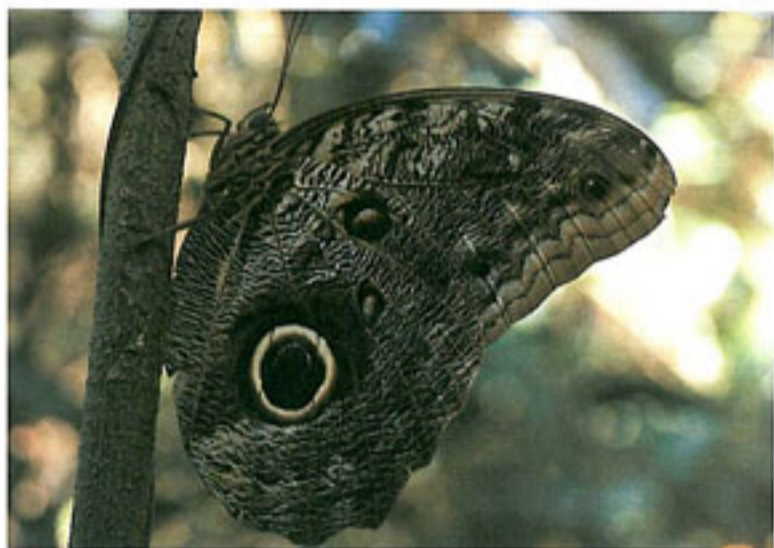
Com educação, formal e em meio ambiente, evitaremos a sandice, mas, nesse nosso Rio de Janeiro, quem é são — ou Simão — o suficiente para educar ou curar os outros? Difícil responder sem fugir das idiosincrasias de cada um. Não importa, talvez o melhor seja alienar o alienista, só o futuro vai dizer.



PRÓXIMA A TRANSCARIOCA ESTÁ A COLÔNIA DE ALIENADOS JULIANO MOREIRA. ALI AINDA SUBSISTEM AQUEDUTOS DO SÉCULO XIX. NATUREZA, HISTÓRIA, SANDICE E SANIDADE CONVIVEM NA COLÔNIA, ONDE O BELO FICA POR CONTA DAS TELAS DO MUSEU DO INCONSCIENTE.

À DIREITA: NA PEDRA BRANCA, A TRANSCARIOCA CORTA DIVERSAS PAISAGENS. PASTOS, LAVOURAS E BELOS TRECHOS DE BEM CONSERVADA MATA ATLÂNTICA.





NO PICO DA PEDRA BRANCA, PONTO CULMINANTE DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, A 1.024 M DE ALTITUDE, HÁ APENAS UMA CLAREIRA COM UM MARCO GEODÉSICO. NÃO HÁ MIRANTE OU VISTA QUE JUSTIFIQUE O ESFORÇO DA SUBIDA.

A BORBOLETA VIVE POUCO – TEMPO SUFICIENTE PARA POLINIZAR A MATA ATLÂNTICA.

Relógio de sol, aqueduto histórico, represas antigas. Entre Juliano Moreira e Pau da Fome, visita-se bastante nessa jornada. Vamos dormir com muito o que pensar.

O **oitavo dia** é extenuante. Sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, vales, florestas, córregos, rios, sobe, sobe, sobe. Até que paramos para admirar a espetacular vista da Baixada de Jacarepaguá, Barra da Tijuca, praia e grande parte do próprio Maciço da Pedra Branca. Dá vontade de ficar ali para sempre, mas há que se atingir a Pedra Branca propriamente dita, pico culminante do Município do Rio e da Transcarioca, com 1.024 m de altitude.

De pé, retomamos a cabritada, trocamos de encosta. O lado de lá dói — de dar pena — é todo degradado, coberto de pastos, plantações de caqui e outras lavouras. A terra, que se quer pública, esartejada e dividida em fazendolas protegidas por montes de arame farpado. As trilhas, rústicas estradas de escoamento da produção.

A última etapa até o alto ainda toma quase uma hora. Atravessa um íngreme trecho coalhado de pinheiros, bonitos, mas um pouco deslocados de seu *habitat* natural. Depois, é preciso romper uma mata fechada, cheia de espinhos e arbustos entrelaçados. O chão coberto de folhas secas traz o temor das jararacas.

Parece que erramos o caminho: “Não pode ser que a trilha ao pico mais alto da cidade seja tão cerrada!”, mas não há erro. Logo estamos lá,

decepcionados mas vencedores. Não há vista ou panorama, só um platô com uma pedra branca em cujo topo há um marco geodésico. Em suas extremidades, a mata alta impede a visão desabrida por que todos ansiamos. É difícil galgar essa última rocha alva. Sem agarras e rombuda, ela só é amiga dos alpinistas. Ademais, não vale o esforço. De lá, tampouco se vê ou avista.

O Pico da Pedra Branca é riscado do caderninho de conquistas, e só. Não há ahs! ou ohs! exclamados em encantamento por belvederes espetaculares, apenas a língua de fora característica do cansaço extremo.

NO ENCONTRO DE DIVERSAS TRILHAS DO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, A UMA HORA DE CAMINHADA DA CIVILIZAÇÃO URBANA, ESTÁ LOCALIZADA A CASA AMARELA. HOJE SERVE DE ARMAZÉM PARA FERRAMENTAS AGRÍCOLAS. NO FUTURO PODERIA SER UM ALBERGUE DE EXCURSIONISTAS.



Na descida, próximo ao pinheiral, cruzamos com uma eterna feira de evangélicos. De facão em punho, desbastam a trilha tornando-a mais transitável. Elevam-se em busca da maior proximidade com Deus. Cantarolam músicas de igreja, esbanjam felicidade. Estão, a seu modo, de bem com a floresta.

A noite desse dia é gasta na Casa Amarela, no entroncamento de diferentes vales. A Casa Amarela, referência para os que têm o costume de caminhar pela Pedra Branca, está cercada de pequenas plantações e pastos que a cada dia degradam um pouco mais. Hoje ela serve de depósito para os agricultores locais guardarem suas ferramentas. A Transcarioca poderia transformá-la em abrigo de montanhistas, dando aos sitiantes uma alternativa econômica e permitindo ao Estado a recuperação da biota local, ainda que de forma paulatina.

O **nono dia** marca o início de um interminável périplo sobre morros pelados, ao longo de estradinhas de servidão técnica às torres da Light, travessias de estradas de asfalto e o bordejar de pedreiras.

Se o advento de uma trilha transcarioca servir somente para proteger da expansão urbana e para salvar da perda definitiva esses morros pelados como áreas desabitadas, então já terá valido a pena. Hoje, a sucessão de morros composta pelas Serras do Barata

e do Engenho Velho, os Morros do Valqueire, da Reunião e da Covanca e a Serra dos Pretos Forros forma uma espécie de ponte tênue entre a Pedra Branca e o Parque Nacional da Tijuca. Tênué porque muito degradada — com exceção dos Pretos Forros, o resto não passa de capinzal — muito pressionada por favelas em crescente expansão, muito entrecortada por estradas e ruas e desprovida de maior proteção legal de caráter ambiental.

Salvar essa linha de morros, entretanto, é de fundamental importância para a cidade. Sem eles, o Parque Nacional da Tijuca se transformará em uma ilha biológica sem comunicação com outras áreas de preservação ambiental e, portanto, fadado a ver a maioria de suas espécies animais de grande porte se extinguir, vítimas da elevada taxa de consangüinidade.

Acordamos bem cedo, junto com o sol. Iniciamos a jornada ainda dentro da mata. Esta se alterna com pequenas clareiras descampadas, de onde toda a madeira foi retirada por carvoeiros e que hoje prestam-se a pequenas lavouras. Buscamos a Estrada dos Teixeiras. Há várias formas de atingi-la. Todas nos obrigarão a perder altitude, descendo em direção à Serra do Engenho Velho. Vamos sair da proteção legal do Parque Estadual da Pedra Branca ainda na parte da manhã e

entrar no sobe e desce dos morros baixos que se segue. Agora, e por dois dias, raras serão as altitudes superiores a 300 metros.

A lógica anterior se inverte, saímos do frescor da sombra. Passam a prevalecer os descampados, os pastos e o colonião. Tufos de mata e árvores solitárias de maior porte são a exceção que foge à regra. A companhia da furtiva fauna da Mata Atlântica dá lugar a sucessivos rebanhos de bois magrelas. Marchamos preferencialmente por estradinhas pensadas para dar acesso às torres da Light. São caminhos erodidos, sem manutenção, hoje intransitáveis mesmo por *pick-ups* conduzidas pelo mais hábil dos motoristas. Às vezes é necessário abandoná-las em busca da melhor travessia de uma inevitável rodovia a cortar dois morros por sobre os quais corre a Transcarioca. Olhar à direita, olhar à esquerda, atravessar tenso estrada de trânsito pesado. Aqui o lado urbano da trilha se faz sentir com toda sua força — e barulho.

Reiniciamos o périplo de torre, após torre, muito sol na cabeça, terra dura, nua e erodida em profundas voçorocas pelas chuvas, que escorrem sem ter a mais rala das vegetações para segurar e dispersar suas águas. Não há como fertilizar o terreno.

A tensão e a tristeza permeiam essa seção do passeio. Aqui, a Transcarioca passa muito



O CORREDOR ECOLÓGICO ENTRE A PEDRA BRANCA E O PARQUE NACIONAL DA TIJUCA SOB A INCLEMÊNCIA DO SOL, PULANDO DE TORRE DE ALTA TENSÃO EM TORRE DE ALTA TENSÃO POR UMA ESTRADINHA ERODIDA. NAS ENCOSTAS, RAROS TUPOS DE FLORESTA LEMBRAM A MATA ATLÂNTICA QUE UM DIA VICEJOU POR TODO O MORRO.

próxima à cidade dos homens. Sente-se no ar a violência que persegue o inconsciente de cada um de nós, os cariocas. Abaixo, mas muito perto, está uma zona das mais carentes do Rio de Janeiro. Bairros de baixa renda e favelas. Uma delas, a do Mato Alto, praticamente interrompe por completo o único traçado possível para a Transcarioca. Para passar há que pedir permissão às autoridades extra-oficiais, que são, de fato, quem manda no lugar.

Quando não são as rajadas e os rojões do poder paralelo, o triste ribombar é de outra guerra, tão daninha quanto a primeira. Por momentos, a trilha equilibra-se sobre meio morro. A outra metade já não mais existe, escarafunchada pela dinamite das mineradoras e saibreiras. Explosões ensurdecedoras alternam-se com o vaivém de pesados caminhões a levar o nosso corredor ecológico embora. Uma vez encerrada a escavação, tudo que fica é uma horrível cicatriz esbranquiçada em uma meia calota de terra sem valor. Felizmente a fiscalização tem permitido estancar esse mal.

O outro lado da moeda deixa entrever esperança, até mesmo traz à boca o sorriso do deleite. Incomparáveis são as vistas desimpedidas que alcançam a Barra da Tijuca à direita e a Baía de Guanabara à esquerda. Vez por outra, motociclistas em suas possantes *motocross*, compenetrados, cortam o caminho. Disputam a Transcarioca ao caminhante, ao tempo em que a

ela emprestam um trepidar de adrenalina. No mais das vezes, vêm da Boiúna.

Do ponto de vista ambiental, o Mutirão Reflorestamento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, com seus indefectíveis terraços paralelos de mudas, ainda uma vez volta a encher de esperança o caminhante que os vê (e antevê).

Novas avenidas a atravessar. Trazem intenso tráfego. São os casos da Estrada do Catonho e da Cândido Benício. Ao descer para cruzar uma dessas barreiras, encerramos o nono e extenuante dia.

À noite, dormir é um tormento. Coça daqui, arranha dali, acorda raivoso acolá. Levanta, acende a luz, abaixa as calças. As pernas e a barriga estão repletos de pontinhos vermelhos — e como incomodam! Acorda o companheiro, toca a procurar os carrapatos. Sem removê-los é impossível dormir. Caminhar em pasto tem seu preço.

No **dia de número dez**, recomeçamos sobre o Morro da Reunião, com o sol na cabeça. Depois, voltamos a avançar um pouco dentro do mato, sob o frescor da Floresta da Covanca.

Sobre o túnel da Linha Amarela, sentamos no alto da serra para contemplar a Suíça Carioca. Ao outro lado lançamos furtivos olhares na esperança de divisar a dama do Encantado galgando o morro para nos encontrar. Ela não vem. Seguimos com indignação e impotência, dando uma grande volta para o norte, de forma a evitar uma favela que, vinda dos lados de Jacarepaguá, penetra fundo em um estreito e viçoso vale. Põe a mata abaixo,

polui os mananciais e ameaça interromper totalmente a Transcarioca.

O final do trajeto se dá em antigas terras do Parque Nacional da Tijuca. Após o Túnel da Covanca, trilhamos a Serra dos Pretos Forros, que pertenceu a essa unidade de conservação desde que foi criada em 1961, até 1967, quando novo decreto modificou os limites do Parque. A partir de então, a fiscalização sobre essa serra reduziu-se a quase nada e a pressão urbana, em todas suas formas, aumentou muito.

~ Vista de cima, em um voo de helicóptero, a mata da Serra dos Pretos Forros ainda parece parcialmente intacta. Quando se caminha lá dentro, contudo, a realidade é diversa. Caçadores agem com impunidade quase total e,

ABAIXO, UM EXEMPLAR DA BROMÉLIA

WITTROCKIA SUPERBA. OS PARQUES CARIOCAS

SÃO RICOS EM EPÍFITAS, UMA FONTE

INESGOTÁVEL DE BIODIVERSIDADE E UM COLÍRIO

PARA OS OLHOS DO TRANSCARIOQUEIRO.





TODOS OS INVERNOS, QUEIMAS DE PASTOS E BALÕES PROVOCAM O INCÊNDIO DE DEZENAS DE HECTARES DE FLORESTAS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. UMA DEVASTAÇÃO IMPRESSIONANTE QUE A SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE LUTA PARA REVERTER, POR MEIO DO PROJETO MUTIRÃO REFLORESTAMENTO, QUE JÁ PLANTOU MAIS DE DOIS MILHÕES DE MUDAS NOS MORROS DA CIDADE. NOS ESTÁGIOS INICIAIS DO PLANTIO, A ENCOSTA FICA PARECENDO UMA SUCESSÃO DE TERRAÇOS COMO OS QUE VEMOS EM BARRA DE GUARATIBA.

No inverno, a mesma encosta nua que nos franqueia a fascinante visão desimpedida da Zona Norte da cidade é capaz de revelar uma faceta, que está longe de ser tão encantadora. É a época dos balões juninos, artefatos voadores de macabra beleza.

Poucos cariocas se dão conta de que uma tríplice conjuntura negativa transforma o balão em um dos maiores agentes da degradação ambiental das matas cariocas. Os fatores climático-geográfico, sociocultural e geomorfológico se unem para piorar um problema que já seria sério caso somente um deles estivesse atuando.

A época dos festejos juninos infelizmente coincide com o período menos chuvoso e, conseqüentemente, mais seco no Rio de Janeiro. A farra dos balões e das quadrilhas é mais forte na Zona Norte da cidade. As encostas norte dos maciços do Rio estão expostas a maior insolação que as do lado sul e, para agravar a situação, não recebem o vento marinho, pleno

de umidade, estando dessa forma sujeitas a menor quantidade de chuvas. Por fim, a maior declividade média das encostas do lado norte dificulta o trabalho de reflorestamento e faz com que a água das enxurradas de verão rolem serra abaixo com maior velocidade, agravando a erosão dos morros pelados.

Ano após ano, os balões que batem contra as encostas norte da cidade causam danosos incêndios que contribuem para reduzir cada vez mais a fertilidade do terreno. Assim, a cada inverno a possibilidade de reflorestamento se reduz, pois o solo fica crescentemente empobrecido de nutrientes.

Enquanto todos nós não tivermos consciência do permanente mal que voa passageiro nos balões, o espetáculo enegrecido de encostas queimadas será sempre uma constante nos meses de inverno. Não só nos Pretos Forros, mas também no Quitite, no Elefante, no Sumaré, na Boiúna e nas outras encostas norte.

Cheiro de mato queimado, tocos retorcidos, terra enegrecida, borda de floresta chamuscada. Olhando para baixo, vemos a favela escalando o morro, seu rebanho estabulado a meia encosta — também o fazendeiro urbano, com cultura rural, é (ir)responsável por muita queimada. Não há bombeiro que chegue a tempo. Do quartel até o fogo, são trilhas irregulares e difíceis. Não permitem a passagem de caminhões-pipa. O combate se dá com abafadores, facões, machados e boa vontade. A luta é desigual e nós a estamos perdendo. Quem sabe, com mais gente trilhando a Transcarioca, não elevaremos o nosso nível de conscientização, quem sabe as trilhas de acesso aos bombeiros não estarão mais bem mantidas e mais desimpedidas, quem sabe não serão mais telefones celulares a prontamente pedir socorro, evitando assim que o fogo se alastre fora de controle?

praticamente, já não há mais palmitos a tirar. Desde a década de 1930, Magalhães Corrêa já alertava para o problema da extração seletiva de espécies nobres na Serra dos Três Rios para a confecção de cabos de machado, marretas e picaretas. A cobertura vegetal remanescente, porém, ainda é de Mata Atlântica da boa. Recuperar o que foi degradado, quando comparado ao que já visitamos nessa jornada, é tarefa que não deverá apresentar grande dificuldade.

A excursão segue sobretudo na cumeeira dos morros, de certa forma fazendo, mais uma vez, escalas obrigatórias nas torres de alta tensão. O caminho é uma estreita trilha em que à direita está a mata e à esquerda (norte), íngreme morro pelado, cuja grama serve de pasto a magros bois e intrépidos cabritos. Lá embaixo, a Boca do Mato, o Lins de Vasconcelos, o Engenho de Dentro e suas respectivas favelas.

Já próximo à Avenida Meneses Cortes, a picada estreita dá lugar a uma estradinha de terra, outrora muito freqüentada pelos *mountain bikers*, e mergulha na mata.

Finalmente, chegamos à Cabana da Serra, na Garganta do Mateus. Nesse lugar, podemos de novo imaginar os franceses de Duclerc, que marcharam por aí em sua fracassada invasão ao Rio. Olhamos para o passado e vemos os exaustos inimigos largando os pesados canhões que puxaram e empurraram desde o distante desembarque. Correm

a currar as mulheres e a roubar o gado. Brasileiros fogem mata adentro, evitando as trilhas para melhor se embrenhar.

O caos, o churrasco e a festa acontecem em paralelo, seu viés dependendo da nacionalidade a que pertencemos. Anos depois, em 1775, o Marquês do Lavradio, temeroso de nova invasão inimiga, mandou construir ali uma pequena fortaleza, hoje desaparecida. Dormimos.

Na manhã seguinte, nosso **décimo primeiro dia** de caminhada, atravessamos a Grajaú–Jacarepaguá e entramos no Vale dos Ciganos, na Floresta da Tijuca.

CORTANDO A FLORESTA DA TIJUCA EM DOIS, A ESTRADA GRAJAÚ–JACAREPAGUÁ, QUANDO VISTA DO ALTO, MAIS PARECE UMA TRANSAMAZÔNICA. ELA SERVE DE LIMITE PARA O PARQUE NACIONAL DA TIJUCA, QUE COMEÇA À DIREITA DA FOTO.

NA PÁGINA 62, PRÓXIMO À REPRESA DOS CIGANOS, O RIO DAS PACAS FORMA UMA INFINIDADE DE PEQUENOS POÇOS E CASCATAS, CUJA UMIDADE DÁ VIDA A MUSGOS E PLANTAS DE TODAS AS ESPÉCIES QUE GRAÇAM EM SUAS MARGENS.



A photograph of a waterfall in a lush forest. The water flows over several large, moss-covered rocks. The surrounding area is filled with green foliage and fallen leaves. The text "O primeiro passo" is overlaid on the right side of the image.

O primeiro passo



mata adentro é de gostosa ansiedade:

estamos penetrando a Floresta da Tijuca. De uma forma ou de outra, cada um de nós vive uma pequena história de amor com essa Amazônia carioca, grande o suficiente para abrigar caçadores e freqüentes excursionistas perdidos a dar trabalho aos bombeiros.

Estamos entrando pela porta dos fundos. Poucos são os que a conhecem. Os convidados VIP chegam sempre pelo Alto da Boa Vista, visitam de automóvel a Cascatinha e a Vista do Almirante. Quando são um pouco mais aventureiros, trepam ao Pico da Tijuca.

Para quem percorre a Transcarioca — em sonho ou realidade — a história é diferente. Desde o primeiro dia, na longínqua Marambaia, temos a vista voltada para a Tijuca com sua Gávea e seu Cristo Redentor. Lá está o coração da trilha e do trilheiro. Não sem razão: a Tijuca,







Na grande maioria das trilhas de longo curso ao redor do planeta as bicicletas de montanha são proibidas. Assim é na Appalachian Trail, na Pacific Crest Trail e na Bibbulmun Track. A San Francisco Bay Area Ridge Trail e a Lake Tahoe Rim Trail são exceções dignas de nota. Enquanto na primeira as bicicletas são aceitas ao longo de todos os seus 640 km, na última elas são permitidas somente em cerca de metade do percurso de 140 km.

No primeiro mundo, em grande parte, as bicicletas não são bem-vindas, sobretudo devido a uma implicância dos montanhistas que não gostam de caminhar preocupados com os agressivos gritos de alôôô! alôôô! vindos na sua direção em veloz descendente.

No nosso caso, porém, o problema é um pouco mais sério. A maioria de nossas trilhas — aí incluída boa parte da Transcarioca — não foi projetada levando em consideração os fatores erosivos. Nas trilhas que foram pensadas

como estradas de escoamento da produção de café do século XIX, ou como vias de manutenção de represas d'água e de algumas torres de energia elétrica, respeitaram-se os princípios da engenharia viária.

Não há trechos excessivamente íngremes, as declividades são vencidas em gentis ziguezagues e a água é escoada para fora do caminho a cada curva. Como consequência, a quase totalidade dessas trilhas tem se mantido em bom estado de conservação, apesar do pouco cuidado a elas dispensado durante muitas décadas.

Por outro lado, nas trilhas muito íngremes, o ciclista tende a descer com a roda traseira completamente freada. Seu pneu biscoito, travado, desce arrancando grandes trechos de solo e cavando sulcos na terra. Após algumas passagens, qualquer tentativa de drenar a água pluvial para fora da trilha será vã. No verão, com as chuvas torrenciais, os sulcos abertos pelas bicicletas servirão de

escoamento natural para a água, que cavarà cada vez mais fundo o leito da trilha. Em poucos anos, raízes ficarão expostas e pequenos deslizamentos de terra ocorrerão. Logo a trilha ficará completamente destruída.

Naturalmente há formas de se fazer manutenção, ou de se redesenhar o traçado das trilhas mais erosivas. O custo desse trabalho, contudo, tende a ser proibitivo para a realidade orçamentária brasileira. Parte da solução poderia ser o compromisso dos ciclistas em contribuir com sua própria mão-de-obra, de forma voluntária, de modo a que se tenha manutenção periódica nas trilhas por eles freqüentadas. Essa seria a melhor e mais democrática das formas de se resolver o problema. Outro caminho é restringir o colorido balé das bicicletas apenas às trilhas com menor potencial erosivo. Seja qual for a decisão, esse é um assunto que, cedo ou tarde, terá que ser pensado pelos administradores dos parques cortados por trilhas.



com suas ruínas e prédios históricos, suas cascatinhas e cachoeiras, suas vistas de maravilhar a cidade, é a pioneira da luta contra a devastação em nosso país. Conhecer sua história é acreditar que recuperar o desmatado é possível. Trilhar a Tijuca é saber que o resultado vale o esforço.

Primeiramente desmatado em fins do século XVIII, para abrigar lavouras de café, já em meados do século XIX o Maciço da Tijuca estava completamente desprovido de florestas. Só o vale da Gávea Pequena abrigava, na plantação do holandês Mocke, mais de 100.000 cafeeiros.

A TRANSCARIOCA ATRAVESSA MUITAS REPRESAS DA CEDAE. ALGUMAS DELAS, CENTENÁRIAS, SÃO VERDADEIRAS JÓIAS DA ARQUITETURA, COMO A DOS CIGANOS, PRÓXIMA À ESTRADA GRAJAÚ-JACAREPAGUÁ.

NAS PÁGINAS ANTERIORES: COM FAUNA E FLORA DIVERSIFICADAS, O PARQUE NACIONAL DA TIJUCA É UM DOS MAIORES BANCOS GENÉTICOS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. O EXCURSIONISTA SILENCIOSO E ATENTO CONSEGUE REPESTELAR OS OLHOS EM MUITAS PÉROLAS DO MUNDO NATURAL.



A partir de 1843, quando uma praga chamada borboletinha arrasou as plantações, as propriedades foram loteadas em sítios, onde se instalaram as famílias abonadas do Segundo Império.

Tanto desmatamento nas cabeceiras dos rios que abasteciam a cidade de água potável acabou por reduzir drasticamente seus caudais. Seca e sede seguiram-se. Nesse momento, o Barão do Bom Retiro ordenou a desapropriação progressiva dos sítios e fazendas e o início do reflorestamento.

Manuel Gomes Archer e seis escravos — assim reza a lenda — trabalharam então por 13 anos reflorestando e embelezando. Hoje temos a Tijuca e, por incrível que pareça ao forasteiro, quase todos os cariocas acreditam piamente que ela esteve sempre lá.

Tomamos café da manhã à beira da Represa dos Ciganos, uma bonita caixa-d'água de 1906. Com o sol ainda baixo, iniciamos uma longa subida. Em nenhum outro trecho da Transcarioca caminharemos sob mata tão espessa. Ainda na parte jovem da manhã, um iguaçu de cachoeiras e seus diminutos arco-íris vão nos deleitar a vista. Logo a seguir, as ruínas da Fazenda Cantagalo, primeiro de uma série de monumentos históricos que daqui para a frente estarão a todo momento dividindo a trilha conosco. São paredes grossíssimas, canaletas de pedra, tanques, poços e caminhos calçados em pé-de-moleque, entrelaçados por cipós e raízes que disputam seu lugar ao sol.

O resto da subida faz-se com atenção. Estamos na área mais densa e selvagem de toda a Transcarioca. Não é de espantar que os bombeiros conheçam os Ciganos pela alcunha de Vale dos Perdidos. São dezenas de labirintos e raros os marcos de orientação; é fácil perder o prumo.

Tantas trilhas e picadas são o resultado de uma intensa atividade furtiva. O excursionista não os verá, mas eles estão lá espreitando e assassinando. São os caçadores da Tijuca. Não matam por fome ou por dinheiro. Privam a floresta de quatis, tatus, preguiças, tucanos, pacas e demais fauna apenas pelo prazer do esporte mais antigo do mundo. Na contradita há quem os cace. Apenas no ano de 1999, as equipes de fiscalização do Parque Nacional da Tijuca desativaram meia centena de acampamentos e armadilhas.

Beirando o meio-dia, furamos a Floresta. A luminosidade ofusca. Deparamos com a primeira vista da Tijuca: o Morro do Elefante. Cai o queixo. Sentamos no chão para lanchar, enquanto contemplamos a mata e a Serra dos Pretos Forros para trás e os altaneiros picos da Tijuca para a frente, a nos chamar. Para os que fazem a viagem pela primeira vez é impossível convencer que em

O S PEQUENOS MAMÍFEROS SÃO OS REIS DA FLORESTA DA TIJUCA. OS QUATIS CHEGAM COM FREQUÊNCIA À BEIRA DA ESTRADA PARA ESPREITAR, CURIOSOS, OS VISITANTES.





VISTA DO MIRANTE DO MORRO DO VISCONDE, A CASCATINHA TAUNAY GANHA ARES DE GRANDE CACHOEIRA TROPICAL.

ACIMA, A DIREITA: VISTO DA TRANSCARIOCA, O ALTO DA BOA VISTA APEQUENA-SE EM UMA VISCONDE DE MAUÁ URBANA.



breve esse panorama perderá seu valor absoluto e será apequenado pela variedade cênica dos 14 picos (ou mais ou menos isso) da Tijuca.

Os próximos dias serão os mais altos da Transcarioca. Faremos um sobe e desce digno de elevador, galgando um cume após outro, apenas para subir novamente no seguinte. Caminharemos ao redor do anfiteatro da Tijuca, desde o Conde, de um lado, até o Visconde, do outro, em busca do melhor ângulo, que parece ser impossível de escolher.

Nesse trecho, seguimos as trilhas circulares da Floresta da Tijuca: a externa Major Archer e a interna Castro Maya, esta última mais baixa que a primeira e desenhada de modo a incorporar em seu traçado grutas, prédios históricos, ruínas e restaurantes. No ano 2000, esses dois circuitos sinalizados, junto com a Catacumba, a Gávea e a Pedra Bonita, já mostravam alguns resultados que o manejo de trilhas pode proporcionar.

Do Elefante, vamos ao Tijuca-Mirim e ao Tijuca, os picos mais famosos e importantes do Parque. Nesse último, dividimos a esplêndida vista com ecoturistas, montanhistas e famílias inteiras de caminhantes de fim de semana. Uma algazarra e gritaria dignas de cidade grande. Após tantos dias no mato, estranhemos e ficamos incomodados.



A sinalização de parte do sistema de trilhas do Parque Nacional da Tijuca possibilitou reduzir dramaticamente a quantidade de excursionistas perdidos na mata. O projeto de sinalização foi iniciado em março de 1999, utilizando-se de setas de madeira confeccionadas nas oficinas da COMLURB em Campo Grande e placas educativas de papel plastificado. Nos locais onde o risco de confusão é maior e a taxa de vandalismo muito alta foram usadas também setas pintadas nas árvores e pedras, seguindo as técnicas internacionais de sinalização.

Levou-se sempre em conta que a sinalização constitui um fator de poluição visual para os iniciados. No Parque da Tijuca, cuja missão é ser um grande *locus* de educação ambiental, porém, ao mostrar aos visitantes as benesses de uma unidade de conservação, ela é indispensável.

Montanhistas experientes temem dividir a trilha com excursionistas de primeira viagem. Em um momento inicial a grande maioria desses recém-chegados não será gente com uma cultura ambientalista. Por outro lado,

não convidá-los a conhecer o ambiente que induz aos hábitos do excursionismo de mínimo impacto é perpetuar na sociedade a cultura do balão, do lixo, do esgoto não tratado, da caça e do desmatamento. Só há uma maneira de ganhar aliados: trazer mais gente para visitar a causa que nos move.

Nesse sentido, a sinalização é um eficiente instrumento de manejo ambiental.

Com o projeto Rede Carioca de Trilhas, implantado na Tijuca, no Museu do Açude e no Parque da Catacumba, e que poderia ser expandido para toda a Transcarioca, os constantes casos de pessoas perdidas foram reduzidos a quase zero. O verão de 2000 foi o primeiro em muitos anos sem ninguém perdido no Parque.

Em alguns casos a sinalização visa fazer com que o excursionista opte pelo caminho mais longo, porém menos danoso ao meio ambiente. Por meio da fixação ou pintura de diversas setas que captem o olhar do caminhante, sua atenção é atraída para a trilha que se quer que ele percorra, em detrimento de opção mais curta e mais degradada.

Também são indutivas as trilhas circulares, sinalizadas apenas em um sentido. Como de resto todas as trilhas de longo curso, elas são por si só um atrativo. O excursionista sente-se tentado a completá-las, percorrendo em cada dia uma parte de seu trajeto. Com isso, reduz-se a pressão antes existente sobre as trilhas mais curtas e mais famosas do Parque, distribuindo-se a visitação por um maior número de trilhas, que são as componentes da trilha circular.

A sinalização também é educativa, destacando procedimentos de risco ou danosos à natureza, tais como não jogar lixo e não trafegar em atalhos. Em um ano de projeto, mais de 400 atalhos foram fechados no Parque Nacional da Tijuca; em muitos já são evidentes os sinais de rebrota da vegetação.

Com a experiência do Parque da Tijuca observou-se que a visitação às trilhas aumentou significativamente, enquanto a taxa de degradação do solo e da vegetação reduziu-se graças ao controle de visitantes, o fechamento de atalhos, a fixação de placas educativas e a distribuição de folhetos.





Descemos quase no fim da tarde para dormir no Alto da Boa Vista. Uma Transcarioca sinalizada e com manutenção regular poderia proporcionar uso comercial para algumas das antigas casas de famílias importantes do Segundo Império existentes no bairro.

Nessa época, a praga borboletinha já havia destruído o café como empreendimento econômico na atual Floresta da Tijuca. As propriedades foram loteadas e vendidas para se transformarem em chácaras, onde as famílias abastadas passavam o verão. Era imperativo sair da cidade nos meses quentes, pois ali grassavam doenças tropicais, como o cólera e a febre amarela. Mauá, o Conde de Bonfim e o Conselheiro Mayrink foram alguns dos proprietários de então.

Também havia muitos hotéis, como o Bennet e o White, onde a classe média veraneava. Ambas atividades estão bem retratadas na literatura brasileira. As chácaras e suas festas são o pano de fundo para o romance *Sonhos d'Ouro*, de José de Alencar, e os hotéis estão presentes em mais de

EM 1996, FORTES TEMPORAIS DESTRUÍRAM O CAMINHO DA COVA DA ONÇA, SECCIONANDO UMA DAS TRILHAS MAIS TRADICIONAIS DA FLORESTA DA TIJUCA. EM 1999, UMA PONTE SUSPENSA, CONSTRUÍDA PARA RELIGAR O CAMINHO, ACABOU POR VIRAR, POR SI SÓ, ATRAÇÃO TURÍSTICA.

um dos romances de Machado de Assis. Capitu e Bentinho, de *Dom Casmurro*, passaram sua lua-de-mel em um deles.

Hoje, alguns desses casarões de valor histórico inestimável, cujos proprietários têm dificuldade em mantê-los, poderiam ser transformados em pousadas para as noites em que o caminhante da Transcarioca precisa dormir no entorno da Floresta da Tijuca. O palacete do Visconde de Itamaraty, na Rua Boa Vista, é um exemplo disso. Dentro da própria Floresta, a casa da Solidão, antiga residência do Barão do Bom Retiro, emprestada pelo Parque à Sociedade Hípica Brasileira e jamais devolvida, poderia ser transformada em abrigo, com a renda gerada pelos pernoites revertendo para a conservação do Parque Nacional.

Resistimos à ansiedade de explorar as mil e uma trilhas da Floresta. Não vamos ao Sertão ou ao Quitite; evitamos o Perdido, todos possíveis ramais de uma Transcarioca para valer. Optamos por caminhar a Floresta nos seis dias das trilhas circulares, como recomendado pelo Parque Nacional da Tijuca. A maioria dos dias é feita em passo lento e tranquilo, permitindo que cada atração seja saboreada com o vagar que merece.

Os primeiros quatro dias são parte da Trilha Circular Externa Major Archer, começando pelo **décimo segundo dia** de caminhada, o mais pesado de todos. Excursionistas menos experientes ou mais preguiçosos não serão



capazes de cumprir todo esse trajeto; terão de deixar de visitar algum dos picos, sob pena de ver a noite surpreendê-los em plena trilha.

Logo próximo ao Bom Retiro, são os atalhos fechados com arame que nos impressionam. No início, ficamos zangados com tantas plaquinhas verdes a repetir enfadonhamente *Trecho em recuperação ambiental. Atalhos são erosivos — use a trilha correta*. O caminho parecia uma rua em época de natal, cheia de *outdoors*. Depois, mais atentos, começamos a ficar fãs do arame. Atrás de suas frias linhas de metal, grossa camada de serrapilheira já começa a formar uma fértil

cama de matéria orgânica onde antes jazia uma feia cicatriz de terra erodida a esturpar a Floresta. Aqui e ali, algumas espécies pioneiras já germinam, trazendo o alento da regeneração vegetal. Em um atalho livre das devastadoras

AO LADO: A TRANSCARIOCA NÃO É UM CAMINHO SIMPLES DE SER PERCORRIDO POR QUALQUER PESSOA. EM ALGUNS LUGARES, PASSA JUNTO A PRECÍPICIOS E ÁREAS DE RISCO.

ABAIXO: VISTA DO PICO DA TIJUCA, COM AS PEDRAS BONITA E DA GÁVEA AO FUNDO.



pegadas humanas contamos dez pequenas árvores e moitas brotando.

Seguimos aos Picos do Archer, do Papagaio, da Cocanha, da Taquara e dos Castelos da Taquara. Depois, caminhamos uma longa hora pela Cova da Onça, passamos por uma ponte suspensa e chegamos ao asfalto, onde terminamos a jornada. A multiplicidade de ângulos com que se descortina a cidade é o ponto alto do dia. Do Papagaio, vemos, estupefatos, a Barra da Tijuca e admiramos a majestade do Pico da Tijuca reinando absoluto em meio a cumes de estatura inferior. Da Cocanha, contamos os inúmeros ipês, aleluias e quaresmas destacando-se no oceano verde com suas copas floridas de amarelo, roxo e vermelho.

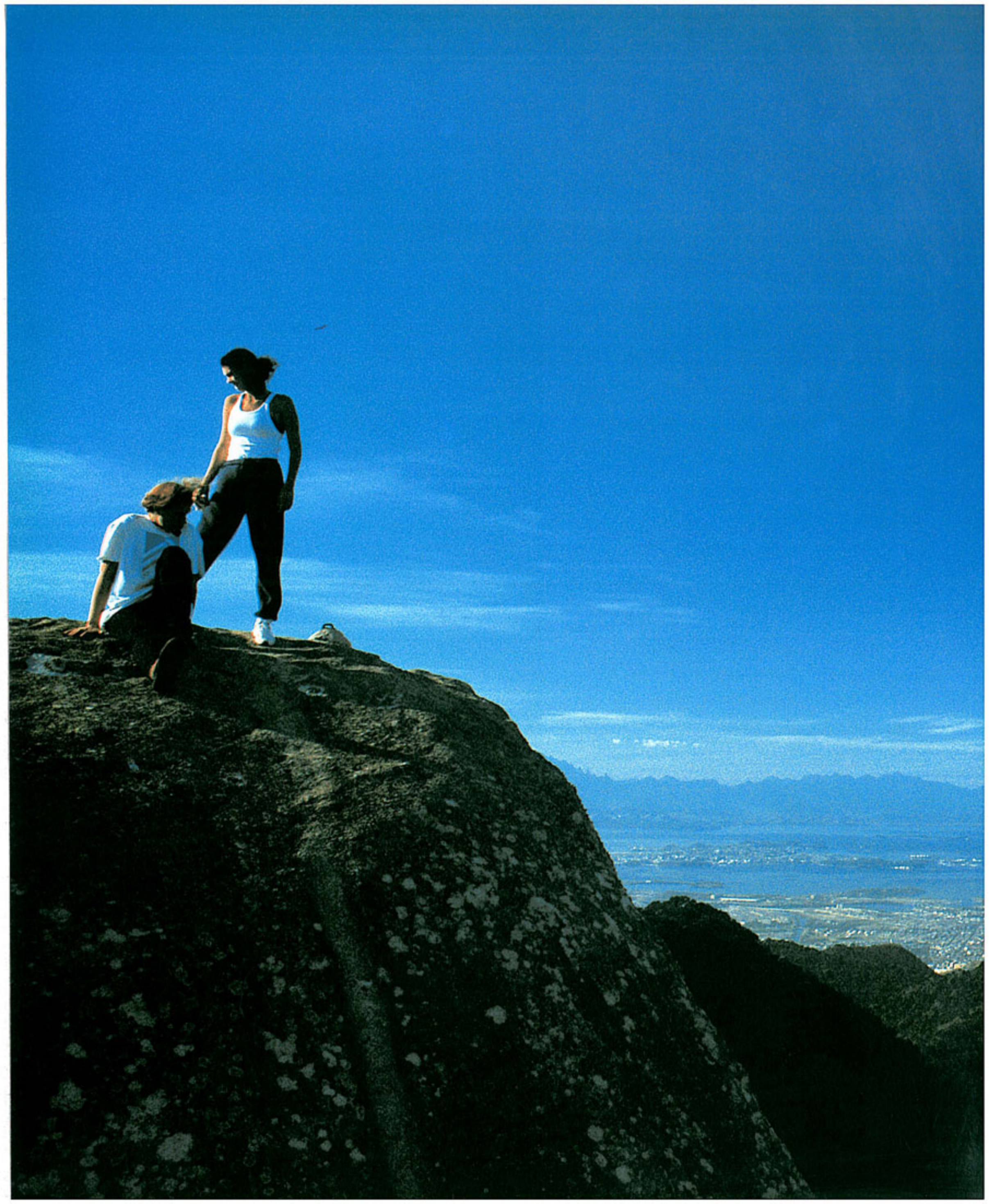
No trecho plano da Cova da Onça, cruzamos com uma miríade de gringos maravilhados com a beleza de uma floresta tropical encravada em pleno Rio de Janeiro. De fato, parece difícil crer que o concreto de uma megalópole esconda tanta natureza.

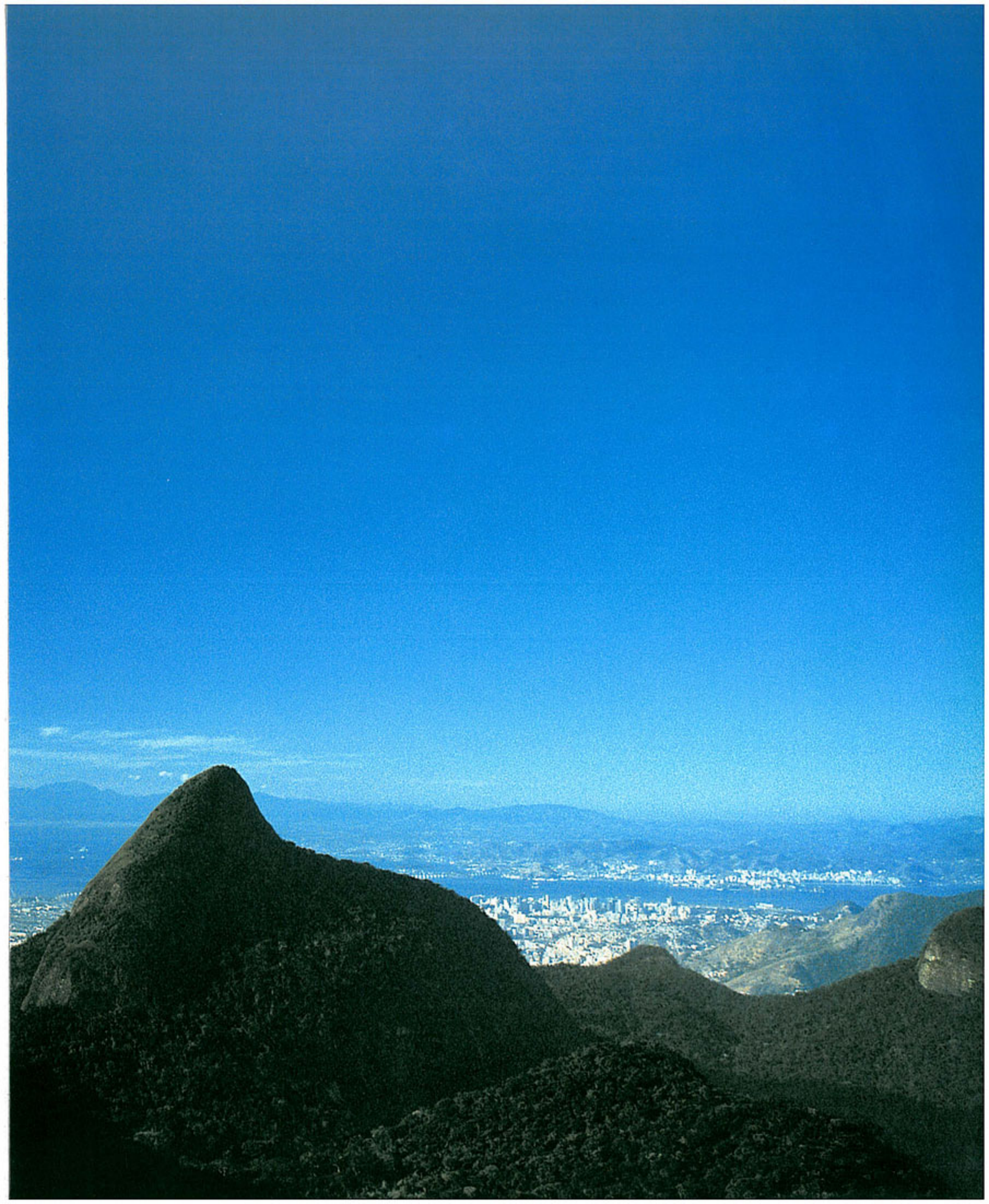
O dia de número 13 é manso. Passamos pelo Alto do Cruzeiro, onde eram rezadas missas para os escravos, e descemos até o Museu do Açude, antiga residência de Raymundo Ottoni de Castro Maya. Ali saboreamos um suculento *brunch*, seguido de fina apresentação musical. As notas esvoaçam, misturando-se às copas das árvores. Sofisticada mescla de cultura e natureza só possível neste Rio de Janeiro.



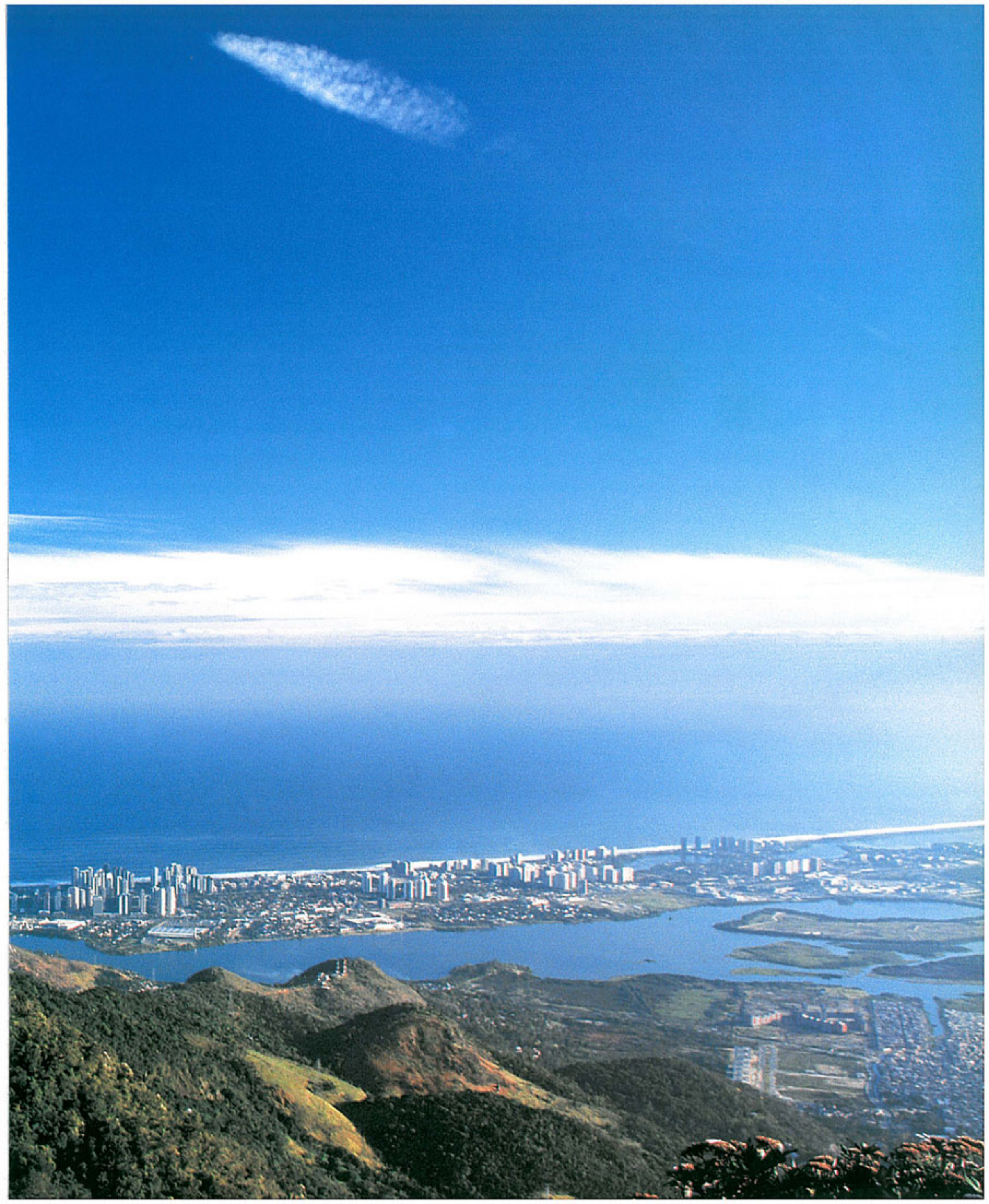
PARQUE NACIONAL DA TIJUCA. TRILHA CIRCULAR EXTERNA MAJOR ARCHER, NO TRECHO DE ACESSO AO MORRO DO VISCONDE.

NAS PÁGINAS SEGUINTEs, EXCURSIONISTAS NO BICO DO PAPAGAIO, COM O PICO DA TIJUCA AO FUNDO. NAS PÁGINAS 78 E 79, PICO DA COCANHA (EM PRIMEIRO PLANO), COM LAGOAS DA BARRA DA TIJUCA AO FUNDO.









De volta à Transcarioca, subimos novamente para fechar a Trilha Circular Externa da Floresta da Tijuca-Major Archer. Próximo ao Morro do Visconde paramos todos para olhar a refeição de outrem. É um esquilo caxinguelê parado no meio da trilha. Tranquilo, rói um coquinho girando-o entre os dentes com ambas as patas. Impressiona a destreza do movimento. De repente, percebe nossa presença. Abandona o almoço, salta para uma árvore e sobe espavorido. É a lei da selva, em que mais vale ser precavido do que virar lanche de predador.

Paramos no Mirante da Cascatinha para admirar por ângulo pouco explorado a queda-d'água mais conhecida do Parque e vamos terminar a jornada no portão da Praça Afonso Vizeu.

No dia seguinte, completamos duas semanas de caminhada. Iniciamos na Praça Afonso Vizeu e avançamos em direção à Cascatinha. Cruzamos um trecho de asfalto, ladeamos uma praça, cruzamos um largo. Não estão lá nem uma estátua ou busto de Archer, o homem que criou essa Floresta. Seu espírito, contudo, está presente nos tucanos e quatis, nas quaresmas e aleluias.

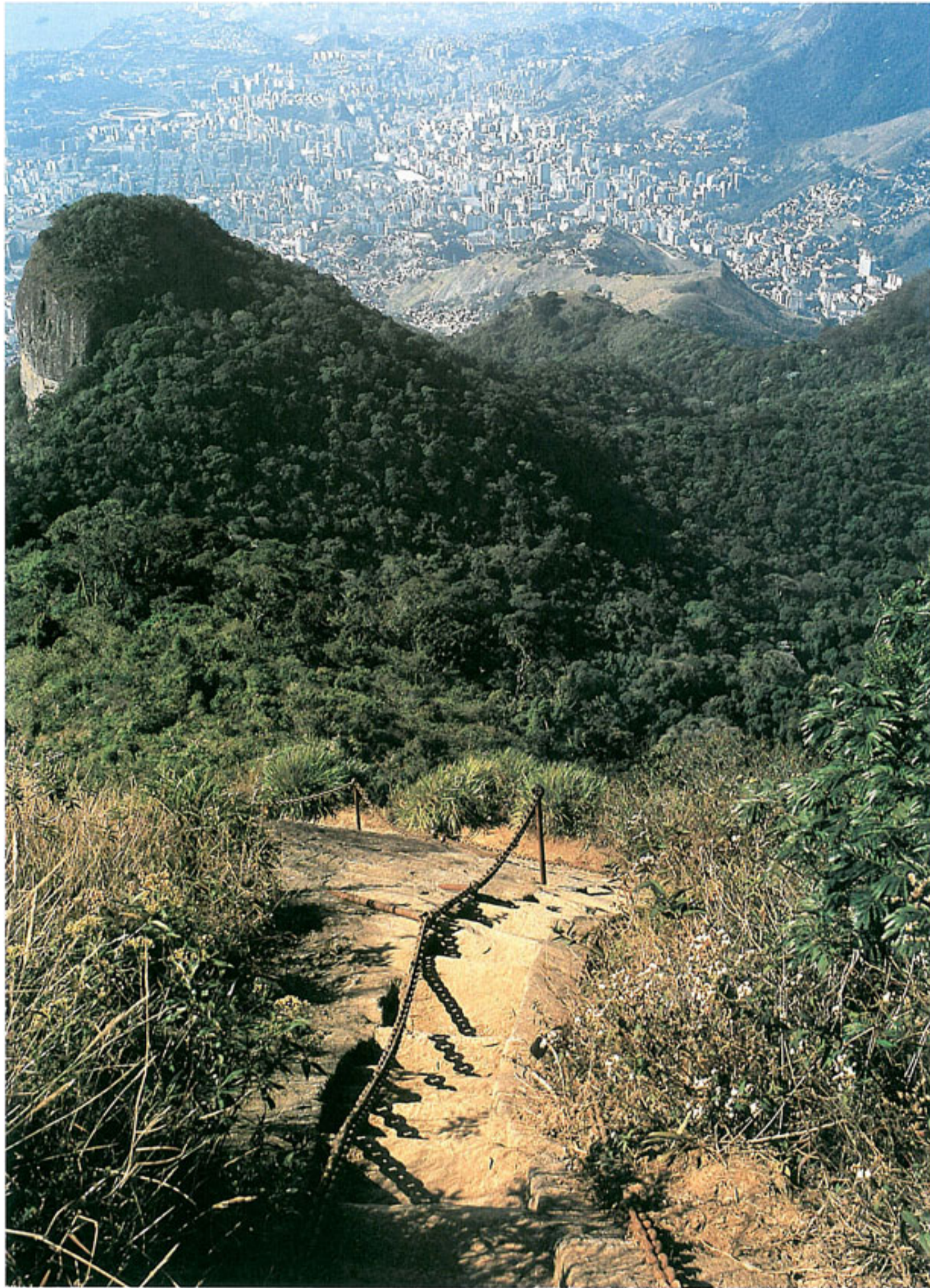
PARA CHEGAR AO TOPO DO TIJUCA, GALGAMOS UM LONGO LANCE DE ESCADAS ESCAVADAS NA ROCHA NUA NA DÉCADA DE 1920. A OBRA FOI INICIATIVA DO PRESIDENTE WASHINGTON LUIS POR SUGESTÃO DO REI DA BÉLGICA, UM AMANTE DO MONTANHISMO. EM SEGUNDO PLANO, O PICO TIJUCA-MIRIM.

Seguimos para o Conde. Paramos no Alto da Bandeira, local em que se hasteava o pavilhão nacional toda vez que o Imperador visitava a Fazenda Boa Vista. Caminhamos ombro a ombro com um grupo de impecáveis escoteiros ocupadíssimos na tarefa de fazer a manutenção da trilha. Trocam placas vandalizadas, substituem arames rompidos, desobstruem canais de drenagem, dão informações aos usuários, cuidam da trilha qual fosse deles. De certa forma é. A seção Rio de Janeiro da União dos Escoteiros do Brasil adotou o complexo de trilhas do Conde em março de 1999 e, desde então, tem garantido que o seu padrão de transitabilidade nada deixe a desejar.

Terminamos o dia no topo do Anhangüera, repleto de eucaliptos tão integrados ao ambiente, que se fazem parecer mata atlântica. Da Estrada do Excelsior descemos para o pernoite.

Começamos o **décimo quinto dia** no mirante do Excelsior, a 611 metros de altitude. Em dia de jogo é ensurdecido o urro das torcidas, o Maracanã, ao longe, parece balançar.

Sáimos momentaneamente da Trilha Major Archer para visitar as ruínas da fazenda de café do Excelsior e descer ao Morro do Felizardo. Retornamos pelo Caminho Rural do Andaraí e visitamos o Andaraí-Maior, o último dos grandes picos da Tijuca a nos receber. Descemos então até a Caveira e saímos da Trilha Major Archer para retornar à Trilha Circular Interna Castro Maya.





A ANTIGA CASA DE CASTRO MAYA, HOJE MUSEU DO AÇUDE, COM SEUS MÓVEIS DOS SÉCULOS XVI E XVII, SEUS BEIRAIS DE LOUÇA, SEUS AZULEJOS E BONECAS DO PORTO, NOS DÁ BEM A IDÉIA DE COMO VIVIA A ARISTOCRACIA BRASILEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. NO AÇUDE, CASTRO MAYA ENTRETINHA MAGNATAS E PRESIDENTES, DAVA FESTAS À FANTASIA PARA A ALTA SOCIEDADE E SAÍA A CAVALGAR PELAS TRILHAS DA FLORESTA DA TIJUCA MONTADO EM CAVALOS PURO-SANGUE. SUA TRADIÇÃO DE FESTEIRO É RESPEITADA PELOS *BRUNCHS* CULTURAIS ORGANIZADOS NO ÚLTIMO DOMINGO DE CADA MÊS PELA DIREÇÃO DO MUSEU.

Nossa primeira parada nessa trilha é o Restaurante Floresta, onde almoçamos. Ironicamente, assim como a Trilha Major Archer passa pela antiga residência de Castro Maya, a Trilha Castro Maya passa pela antiga residência do Major Archer. No atual restaurante funcionava a senzala onde moravam Eleutério, Mateus, Constantino, Manuel, Leopoldo e Maria, os seis escravos que ajudaram Archer a iniciar o reflorestamento da Tijuca. Do outro lado da rua estão as ruínas do Sítio do Midosi, onde se instalou o próprio major.

Enquanto nos sentamos à mesa, uma tropa de quatis entra no restaurante querendo dividir conosco a refeição. Esse é o ponto alto da Transcarioca. Aqui, com a infra-estrutura do Alto da Boa Vista ao lado, come-se bem, dorme-se profundamente e toma-se banho quente, tudo sem que seja necessário fazer concessões à qualidade da trilha.

A manhã do **décimo sexto dia**, um domingo, é de Floresta cheia. Excursionistas aparentando profissionalismo, com botas e mochilas importadas, são os primeiros a entrar no mato. Junto com eles, observamos os escaladores e os personagens emblemáticos da Floresta; aqueles que conhecem cada pedacinho da mata, cada nascente e cada pico. Flávio Gondim e Mincheti estão entre os madrugadores, buscam morros de nomes pouco familiares e vales raros. Vão ao São Miguel e ao Vale das Pacas. A Transcarioca para eles não tem valor; é por demais trivial. Se na trilha encontram



CERTOS DIAS A TRANSCARIOCA LEMBRA A IRLANDA. CAMINHA-SE O TEMPO INTEIRO IMERSO EM PESADO RUÇO. O VERDE ASSUME TONS EUROPEUS.

gente, estragou-se seu passeio, prezam acima de tudo a solitude; são os verdadeiros personagens da Floresta. Qual gnomos tropicais, preferem ver a serem vistos. Felizmente, a Tijuca é grande e variada o suficiente para abrigá-los e também ter espaço para uma Transcarioca.

Depois, chegam os centros excursionistas e os guias profissionais de ecoturismo. Uns por prazer,

outros por dinheiro, todo domingo esquadriham as matas da Tijuca. Denunciam, catam lixo, ralham com os menos cuidadosos. Ajudam a zelar pelo Parque.

Por fim, vêm os menos *habitués*. Alguns exalam tensão, consultam mapas, procuram ansiosos pelas placas e setas que, espalhadas pelo trajeto, ensinam o caminho aos menos versados na arte de trilhar. Entre esses últimos, os acidentes e os atos de vandalismo são mais comuns. Não estão ainda acostumados à Floresta. Perdem-se por falta de atenção ou por excessiva ousadia, roubam a sinalização para servir-lhes de souvenir — é a maneira de provar à namorada sua faceta

Indiana Jones. Passamos por muitos deles, alguns tão animais e selvagens quanto a fauna que poderiam observar se caminhassem mais lentos e cuidadosos. Vêm desembestados trilha abaixo a urrar gritos de guerra. Faz parte da realidade de uma trilha urbana.

Também há aqueles vestidos com calça de brim e saia rodada, chinelo de dedo e sandália aberta. Não suspeitam que estão na Transcarioca, nem sabem que ela existe — ou poderia existir. Aventuram-se dez, quinze minutos no máximo — terão histórias para contar durante vinte anos.

Nós vamos às grutas. Uma após outra, pequenas, profundas, fantasmagóricas, especiais, uma coleção inteira. A Floresta seduz pela variedade de atrações que oferece. São vistas, cachoeiras, ruínas, prédios, jardins, bichos, plantas e cavernas sem fim.

Quando chegamos às ruínas do Humaitá, pensamos no Visconde do Bom Retiro a chorar seu filho morto na Guerra do Paraguai. É com tristeza que inspecionamos a grandiosidade do conjunto de escombros que um dia abrigou um dos mais importantes personagens do Império do Brasil. Esquecemos um pouco a natureza e trilhamos momentaneamente uma Transcarioca que nos leva pela história do país.

Do Humaitá, vamos à Fazenda, uma casa espetacular que o tempo e a falta de recursos deixaram instável e semidestruída. Uma Transcarioca funcionando poderia sonhar em ver

ali um museu do primeiro ciclo do café no Brasil, acompanhado de um centro universitário de pesquisas arqueológicas e de um café-restaurant, onde nos sentaríamos para sorver um *capuccino* e mastigar uma broa de milho.

Passamos pelo Chafariz da Praça Izabel, uma banheira em mármore de Carrara que nos remonta à época em que a Floresta tinha Auguste Glaziou em seu quadro de funcionários. Depois, vamos ter aos Esquilos, onde resolvemos almoçar na casa onde viveu o coronel Escragnolle, administrador da Floresta.

Os Esquilos é um pouco o termômetro da Floresta. Aos domingos fervilha de gente. O alarido de crianças correndo de um lado ao outro e de garçons esforçando-se para dar conta do mundaréu de mesas dão a medida da visitação de todo o Parque. Durante a semana, um enorme salão vazio, com raras parcelas de amantes a fugir da cidade é a cara de uma Floresta bucólica e intimista.

Já no lusco-fusco, passamos pela Fonte Wallace, descemos o Caminho Bernardo de Oliveira, visitamos brevemente o Barracão e tomamos a Trilha do Aluísio. No meio dela, chama-nos atenção a pequenina Ponte do Barcelos, construída sobre manilhas.

PARQUE NACIONAL DA TIJUCA. TRILHA CIRCULAR INTERNA CASTRO MAYA – RUÍNAS DO HUMAITÁ.





ENTRE AS VÁRIAS RUÍNAS VISITADAS PELA TRANSCARIOCA ESTÃO AS DO HUMAITÁ. ANTIGA RESIDÊNCIA DO FILHO DO BARÃO DO BOM RETIRO ERA, MESMO PARA OS PADRÕES DA ÉPOCA, UMA ENORME MANSÃO. SEU PROPRIETÁRIO MORREU TRAGICAMENTE NA BATALHA DO HUMAITÁ, NA GUERRA DO PARAGUAI. DAÍ O NOME DAS RUÍNAS.

Carreamos com toda a gente até o Centro de Visitantes, onde exposições de fauna e flora misturavam-se a drinques e acepipes. Embriagamo-nos pela primeira vez em toda a Transcarioca. Há que comemorar uma floresta que não preserva só o meio ambiente, mas também a história, a cultura e as tradições. Depois, dançamos ao som de Elis Regina e Ronaldo Bôscoli, que também na Mayrink se casaram.

Amanhecemos o dia seguinte, nosso **décimo sétimo**, no mesmo Centro de Visitantes da véspera. Nossas mochilas pesadas, pernas lanhadas, corpos ossudos, cabelos desganhados e barbas

por fazer chamam atenção. Não são ainda comuns os transcarioqueiros. Fossem mais freqüentes e a lojinha do Centro estaria abarrotada de *pins*, colantes, camisetas e outros suvenires dessa nossa trilha de longo curso. Toda a renda advinda da sua comercialização poderia ajudar a manter a Floresta. Enquanto não houver Transcarioca, entretanto, o Centro poderá abrigar estagiários de biologia, a identificar e sinalizar os espécimes da flora ao longo das Trilhas Major Archer e Castro Maya e a educar os excursionistas menos avisados em como interagir com a natureza.



ESCOTEIRO COMEMORANDO A CHEGADA AO TOPO DA PEDRA DO CONDE. A PARTIR DE 1999, A UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL TEM FEITO A MANUTENÇÃO DAS TRILHAS DO CONDE E DO ANHANGÜERA. DESDE ENTÃO, MAIS DE 50 MIL HORAS DE TRABALHO VOLUNTÁRIO FORAM EMPREGADAS NA CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Daqui há, outra vez, várias rotas possíveis a tomar. Caminhos mais longos ou curtos, com mais mato ou ao longo de estradas, mais diretos ou em espiral.

A opção que mais agrada é a que obriga o trilheiro a pedir licença às religiosas do Sacre-Coeur para caminhar pelo mato grosso da cumeada do complexo Morro da Freira/Morro da Boa Vista/Morro do Queimado. Neste último está o mais fascinante belvedere de toda a Transcarioca. De um só golpe de vista podemos divisar as Zonas Sul, Norte e Oeste do Rio de Janeiro.

Passamos por belos degraus de calcário branco e descemos em direção à Mesa do Imperador, onde um bando de sagüis bagunça os cipós. No passado, Dom Pedro, sua esposa e cortesãos gastavam ali tardes inteiras a saborear a vista, enquanto deliciavam-se com lutas refeições. No fim do dia, a cavalo, trilhavam de volta para casa. Hoje, a vista novamente desimpedida, jovens equilibrando-se sobre longos *skates* substituem o imperador e seu séquito na jornada montanha abaixo. Impressionam pela habilidade e destemor.

Seguimos na direção contrária. Optamos por fazer um longo e árduo *looping* de dois dias que nos levará ao Setor C do Parque Nacional da Tijuca, onde estão as Pedras Bonita e da Gávea. Adentramos o Vale do Mocke e passamos direto pelas caixas-d'água de 1876.

Impossível, entretanto, não gastar tempo nas ruínas. Compará-las aos quadros de Benjamin



Mary e Essex Vidal é um instigante exercício de recomposição histórica. Só mesmo quem leu os relatos de Ebel é capaz de acreditar na vida e agitação que existiam na densa floresta do Mocke de hoje.

Nos conta o viajante da Letônia que a fazenda do agricultor holandês era a maior propriedade cafeeira do Brasil. De qualquer ponto do Mocke, a vista era desimpedida. Não havia árvores, mas pés de café. Cem mil deles. Uma centena de escravos labutavam chovesse ou fizesse sol. No complexo residencial, duas casas-grandes em estilo flamengo, Mocke recebia viajantes estrangeiros e o próprio Imperador Pedro I, a quem servia morangos com creme, uma raridade naqueles tempos.

Trilhar o Mocke ainda hoje nos remete àquela era de devastação e opulência. Sentimos o cheiro do café e do suor da escravaria. Olhamos atentos entre as árvores em busca das saias amplas e rodadas de Madame Mocke. Só vemos mata e mata; um testemunho ao sucesso do trabalho reflorestador de Archer.

Saimos na Estrada do Córrego Alegre, próximo à residência oficial do prefeito da cidade. Belo exemplar da arquitetura oitocentista no Rio de Janeiro. De lá, já na manhã do décimo oitavo dia, seguimos pelo asfalto até a Pedra Bonita, onde iniciaremos nosso **décimo oitavo dia** de jornada.

Para alcançar o estacionamento superior da Pedra, quase somos atropelados mil vezes. A estrada



A CAPELA MAYRINK MARCA A ÉPOCA EM QUE A FLORESTA DA TIJUCA FOI ESQUARTEJADA EM PEQUENOS SÍTIOS PARA A NOBREZA DO SEGUNDO IMPÉRIO. PERTENCEU AO CONSELHEIRO FRANCISCO DE PAULA MAYRINK, DEPOIS SERVIU À FAMÍLIA DO CONDE DE BONFIM.

A ESQUERDA: PROTEGIDA LEGALMENTE POR SUA RELEVÂNCIA HISTÓRICA E NATURAL, A FLORESTA ESBANJA LOCAIS QUE DEMONSTRAM SEUS ATRIBUTOS.

A NEBLINA QUE TEIMA EM SE ABATER SOBRE AS ESTRADAS DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA DÁ O TOM DE FLORESTA IRLANDESA À MATA CARIÓICA.

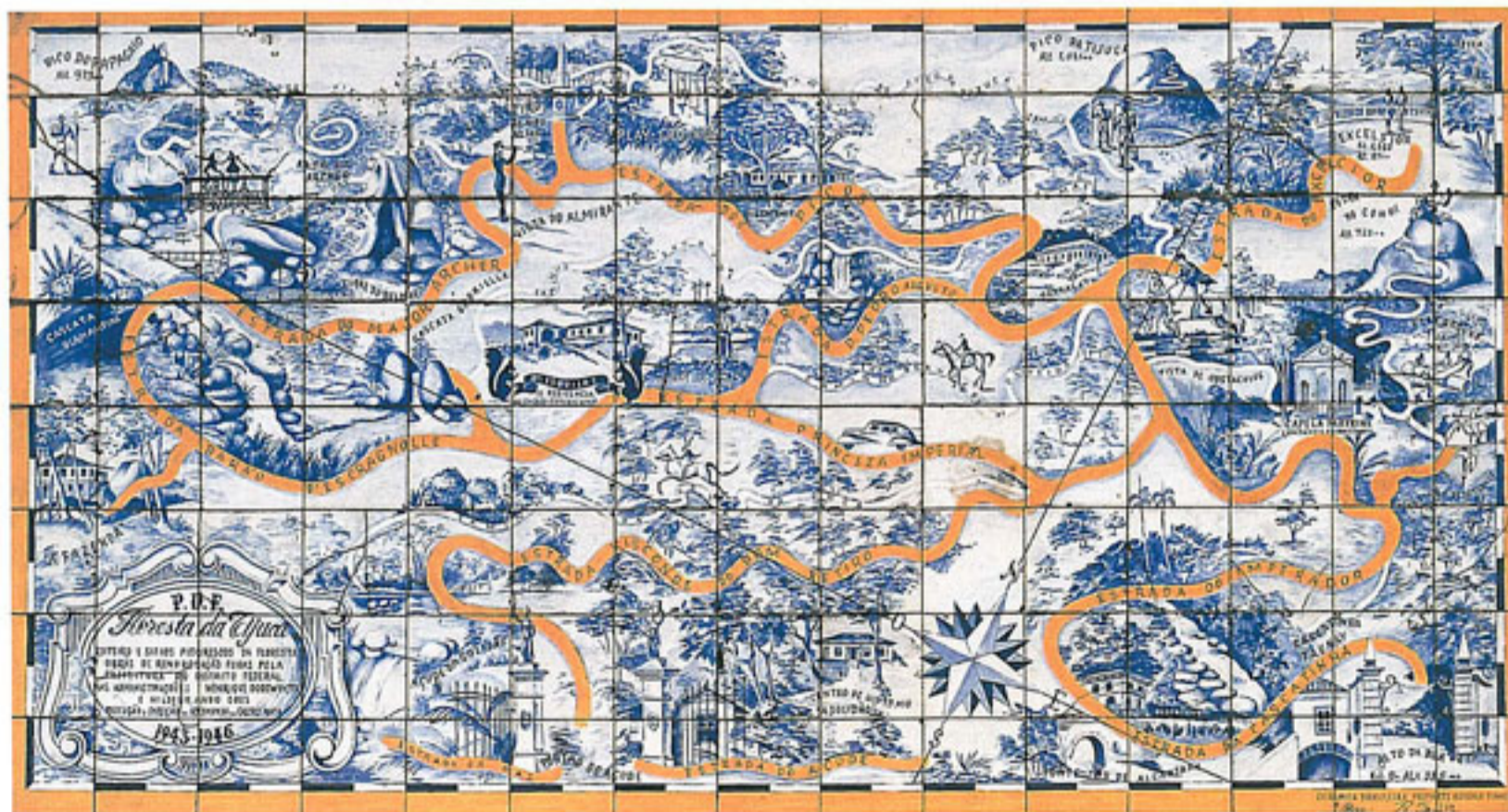




estreita, excessivamente íngreme, exige muito dos automóveis pejados pelas asas voadoras. Eles sobem em primeira acelerada, com medo do motor morrer. Empurrar ladeira acima seria impossível; descer de ré, suplício chinês.

A Pedra Bonita é uma síntese do Parque Nacional da Tijuca. Em sua pequena área congrega cavernas e caçadores. Mata Atlântica e bananeiras. Reflorestamento e capim-colonião. Picos e ruínas,

NO DECORRER DE SUA HISTÓRIA, A FLORESTA DA TIJUCA FOI ADMINISTRADA POR ENGENHEIROS FLORESTAIS, BIÓLOGOS, MILITARES E CULTORES DAS ARTES PLÁSTICAS. ESSES ÚLTIMOS DEIXARAM NO PARQUE SUA MARCA INDELÉVEL: UM PAINEL DE AZULEJOS AQUI, UM AÇUDE PROJETADO POR BURLE MARX ALI, UMA FONTE WALLACE, EM FERRO FUNDIDO NO VAL'OSNE, NA FRANÇA, ACOLÁ.



sitiantes e atletas; caminhantes e ambientalistas. Também aqui há uma história de devastação rápida e recuperação lenta. Segundo o viajante inglês do início do século XIX George Gardner, toda a vegetação nativa da Pedra Bonita foi derrubada e transformada em carvão vegetal em apenas um ano.

Um dia inteiro subindo e descendo suas trilhas é o bastante para ver tudo. Quem não tiver

tempo de palmilhar toda a Transcarioca, percorra a Pedra Bonita.

Começamos por uma escalaminhada até a Agulhinha, ou Pedra Aguda. De certa forma, ela serve de *avant première* para a Carrasqueira, na

AO LADO, JOVENS EXCURSIONISTAS COCHICHAM NOS PEQUENOS MANANCIAIS (OITO CAIXAS-D'ÁGUA DE 1876).



Pedra da Gávea, inevitável barreira a ser vencida no dia seguinte. Íngreme, difícil de ser transposta e pouco amiga dos que sofrem de vertigens, a Agulhinha tem em seu topo a biruta dos voadores. Dela se vê o panorama da decolagem dos parapentes e asas como de nenhum outro lugar no Rio de Janeiro. Corre, corre, corre e, pronto, estão suspensos no ar, como se fossem o gavião-azul. Uma leveza de dar inveja. Tão diferente do peso das botas e do esforço da subida!

De volta ao estacionamento inferior, subimos até o Morro do Chapecó. A vista nos detém longos e deliciosos minutos; o melhor está por vir. No caminho para o Morro do Agassiz e suas cavernas passamos pelas ruínas de uma antiga fazenda, nada que faça frente ao que já vimos e havemos de ver em nossa jornada transcarioca.

Na mata de Agassiz percebemos o resultado de muitos anos de devastação. Os melhores troncos foram removidos de forma seletiva, as maiores espécies de mamíferos escassearam. Recentes operações de fiscalização na área verificaram a presença constante de caçadores nas grutas do Morro.

Aos poucos a repressão os foi afastando. Armadilhas foram desativadas, material apreendido, caixas com centenas de borboletas recuperadas. Uma Transcarioca aumentaria a presença de pessoas de bem na área e tornaria mais difícil as atividades vis da caça e da coleta de espécies de flora.

Chegamos na Pedra Bonita quase ao final do dia. O panorama é único. Amplo, colorido, variável, difícil de descrever. Em noites de lua cheia, a Pedra Bonita, assim como a Pedra da Gávea e o Pico da Tijuca, congrega diversos amantes da beleza plástica dessa cidade-mulher que é o Rio. Sobem na penumbra do entardecer, chegam a tempo de admirar o pôr-do-sol. Depois, ficam lá espreitando, vendo a cidade escurecer, as luzes começando a piscar e emprestando novos contornos aos bairros lá de baixo. O mar brilha intenso ao luar. Se estiver furioso é mais espetacular ainda; a espuma das ondas reflete a rebentação nas areias de São Conrado. No inverno, ventos cortantes vão pedir cobertor, de tecido e de orelha. Um cálice de vinho tinto e, não raro, um violão acompanharão o envelhecer da noite. Poucos são os que ali dormem. Quando a lua chega ao seu pino, a maioria já desceu, plena e satisfeita. São os felizardos que podem contar entre suas memórias a do Rio iluminado em noite de lua cheia, visto de uma pedra que ganhou seu nome por conta do panorama em que desvenda a Cidade Maravilhosa.

A manhã do **décimo nono dia** nos encontra de novo na rampa de saltos de vôo livre. Fissurados, alguns voadores aprontam suas asas para aproveitar o lindo alvorecer e suas correntes ascendentes. Alguns são profissionais preparando-se para proporcionar a turistas aventureiros a experiência de ver o Rio pelo ângulo das gaviotas



e gaviões. Os turistas pulam amarelos, meio incertos da decisão que tomaram. Depois de aterrissar não há remorso. Ninguém se arrepende de ser andorinha por um dia.

A equipe se separa. Parte decide experimentar o vôo duplo e joga-se vazio adentro na direção da Praia de São Conrado. A outra metade desce pela trilha que ladeia as bananeiras de um sitiante e mergulha em direção à Estrada das Canoas. Quase lá embaixo, caminhamos em uma antiga rua de paralelepípedos, com bueiros e meio-fio, completamente tomada por árvores e flores.

AS RUÍNAS DA FAZENDA DO HOLANDÊS ALEXANDER VAN MOCKE, NA GÁVEA PEQUENA, SÃO O MAIOR TESTEMUNHO ARQUEOLÓGICO DO PRIMEIRO CICLO DO CAFÉ NO BRASIL. ONDE HOJE ESTÁ A FLORESTA HAVIA, NA DÉCADA DE 1820, MAIS DE 100 MIL CAFEZEIROS, OVEIJARIA, GADO LEITEIRO E UMA PEQUENA MOENDA INDUSTRIAL.

NA PÁGINA SEGUINTE, VISTA DO MORRO DO QUEIMADO, COM A LAGOA RODRIGO DE FREITAS, CORCOVADO E PÃO DE AÇÚCAR.







É a prova viva de que a natureza pode vencer a cidade. Coisas do Rio de Janeiro.

Os dois grupos encontram-se na cachoeirinha próxima à ponte onde se inicia a subida à Pedra da Gávea por São Conrado. Para aqueles que quiserem ter o *tour* completo da Gávea, esta será a jornada mais cansativa e técnica de toda a Transcarioca. Extenuante mesmo para montanhistas experientes, caminhando há 17 dias seguidos.

Na subida cruzamos por muita, muita, muita gente. A Pedra da Gávea é talvez a mais visitada do Parque Nacional da Tijuca. Alguns levam corda e material de segurança. Outros vão despreparados e sem comida ou água. Há ainda os que levam comida, mas deixam a embalagem na Pedra para lembrar à natureza que ali estiveram.

Não fosse a ajuda e o espírito de coletividade de montanhistas mais experientes e a Pedra estaria hoje uma imundície. Ivan e seus "Terralimpas" (ONG que se encarrega da limpeza do caminho) são exemplares emblemáticos dessa estirpe que não desiste de querer ver a Pedra imaculada, segura e acessível a todos. Difícil é subir a Gávea e não encontrar alguns deles, sempre recolhendo o lixo alheio, fechando atalhos erosivos, colocando placas de sinalização educativa, ajudando os mais leigos. Eles são a alma do imperador. Há mesmo quem acredite que são imortais e que estiveram sempre ali, a zelar pela Pedra.

Na Praça da Bandeira, um guarda municipal discute com um grupo acompanhado de

cachorros. A briga é dura. Cães e natureza deveriam combinar. Segundo a lei vigente, não combinam. Animais domésticos são proibidos em parques nacionais. Mesmo na coleira. Cachorros e gatos, principalmente, preocupam. Além de serem uma ameaça a outros visitantes, que se sentem incomodados por eles, esses bichos são eficientes predadores da nossa fauna. Mesmo quando não predam com os dentes, o fazem ao transmitir doenças contra as quais foram imunizados, mas seguem sendo transmissores. Ademais, suas fezes e urina marcam território e são reconhecidas pela fauna silvestre, afetando seu padrão de comportamento.

A discussão, entretanto, é boa. O Parque Nacional da Tijuca não é igual aos outros parques brasileiros. Seus limites espraiam-se até as casas das pessoas nas bordas do asfalto. Nesses locais, a fauna selvagem tem contato com os animais domésticos. É o macaquinho que vem comer banana, o gambá que atravessa a rua, a cobra que entra no jardim das residências. Será que vale a pena continuarmos a impedir os cachorros de freqüentarem as Paineiras, a Gávea, a Vista

NA PEDRA BONITA, PARAPENTES E ASAS DELTAS DECOLAM PARA VER O RIO PELA PERSPECTIVA DAS ANDORINHAS. AO TRANSCARIOQUEIRO COM MEDO DE VOAR, O PICO DA AGULHINHA OFERECE VISTA QUASE IGUAL SEM TIRAR OS PÉS DO CHÃO.





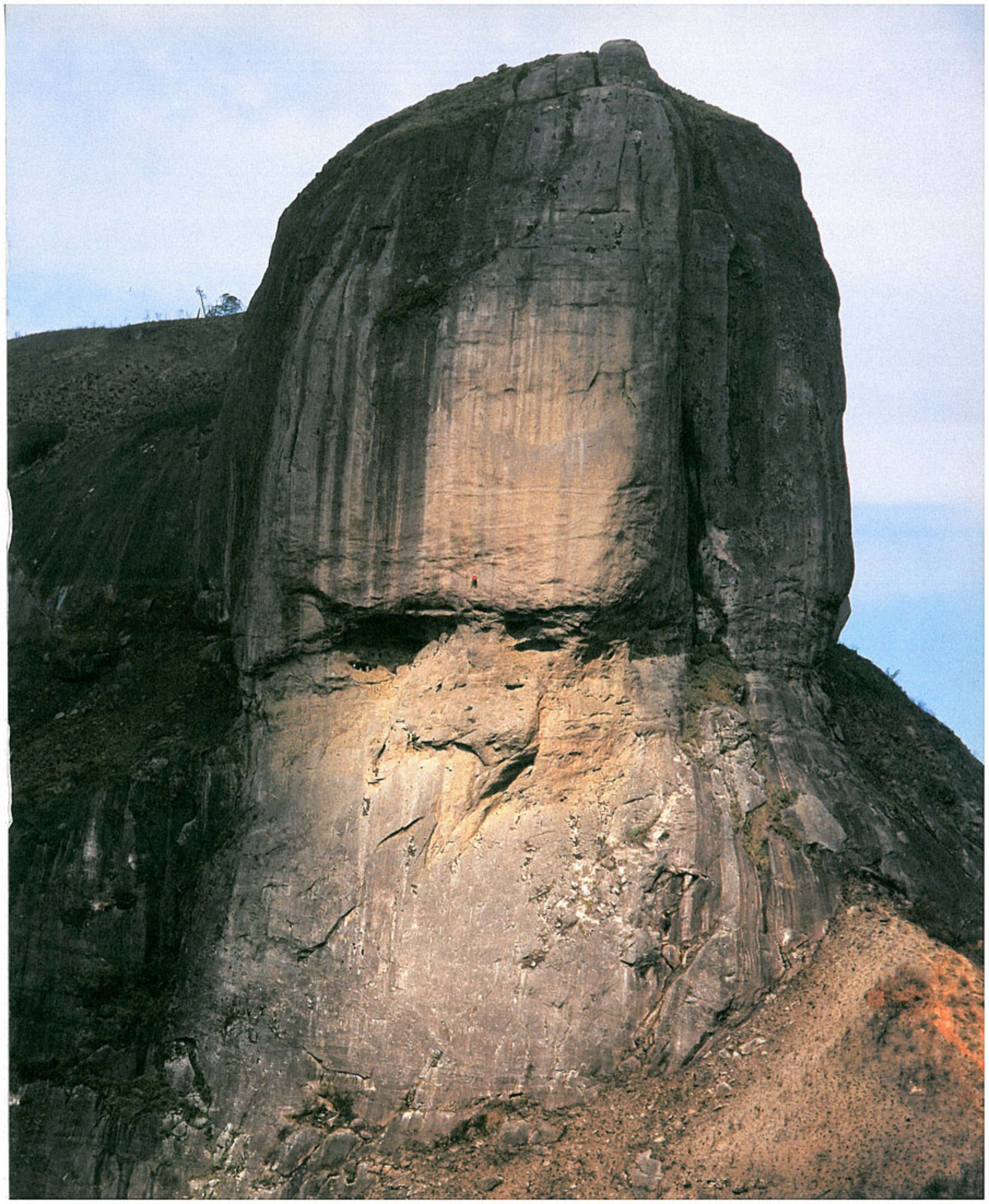
AAMPLA VISTA DA PEDRA DA GÁVEA DESDE A ZONA SUL ATÉ NITERÓI.

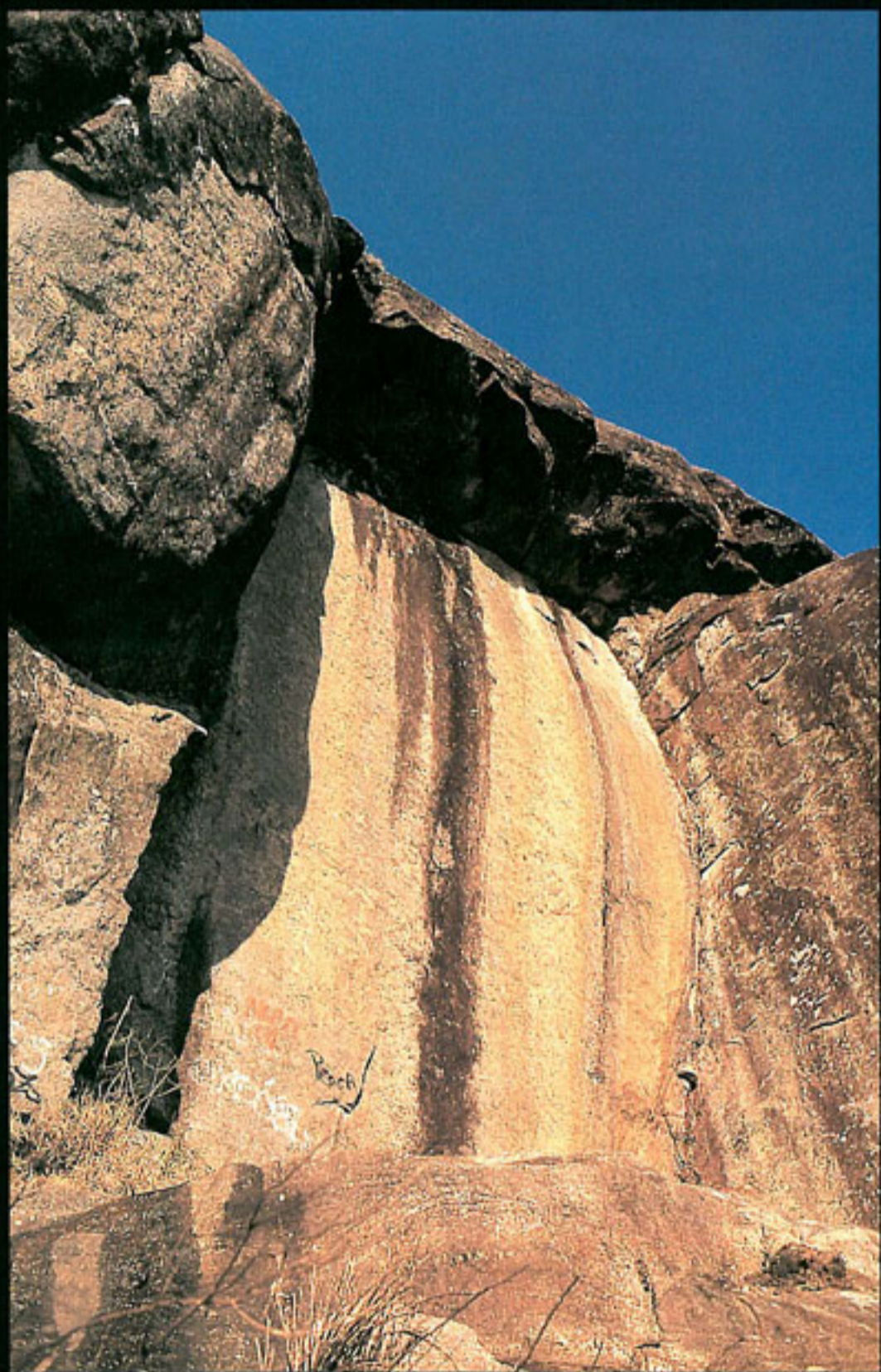
À DIREITA: MESMO CALCINADA PELO DEVASTADOR INCÊNDIO DO INVERNO DE 2000, A CABEÇA DO IMPERADOR, NA PEDRA DA GÁVEA, MANTÉM SUA DIGNIDADE MAJESTOSA.

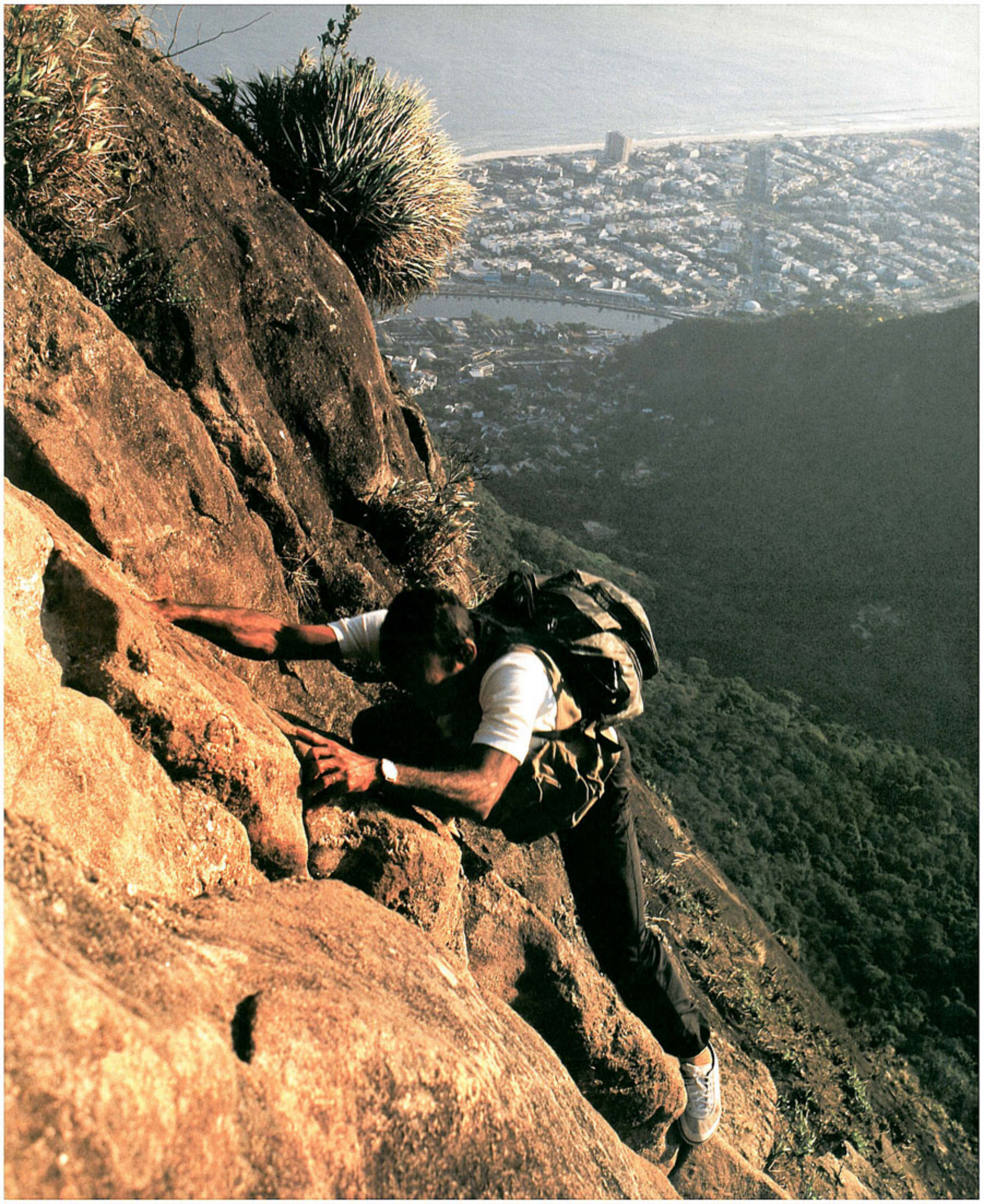
NAS PÁGINAS SEGUINTE: O PORTAL BADEZIR E A CARRASQUEIRA.

Chinesa? Afinal, estamos transformando seus donos, potenciais aliados da Floresta, em seus inimigos.

A Pedra da Gávea é recordista no Rio de Janeiro em mortes de montanhistas. Todos os anos uma ou duas pessoas caem de suas trilhas e vias de escalada. A cena é sempre muito feia. Crânios partidos, ossos quebrados, sangue em profusão. Os acidentes são o resultado de uma visitação intensa e pouco controlada. O consumo de álcool e o despreparo de alguns visitantes acrescentam







ainda mais casos à estatística. A partir de 1999, uma equipe mista do Parque Nacional da Tijuca e do Corpo de Bombeiros passou a patrulhar sistematicamente o lugar, orientando e ajudando os visitantes sempre que possível. Juntamente com o Instituto Pedra da Gávea, o Grupo Terra Limpa e o Centro Excursionista Brasileiro, o Parque colocou uma rede protetora de cabos de aço em um ponto crítico, onde muitas mortes ocorreram. Desde então, não houve mais acidentes fatais. A própria natureza da Pedra, muito perigosa, contudo, faz crer que é apenas uma questão de tempo até que outro acidente ocorra.

Com tanta má fama, na Carrasqueira, um longo trecho rochoso de escalaminhada, muita gente intrépida desiste de conhecer a Gávea. Os que não tremem são premiados. Ao contrário da Pedra Branca, a Pedra da Gávea vale cada unidade de esforço despendido. No topo, sentamos para relaxar e aproveitar a vista. Aqui nos separamos outra vez. O grupo mais preguiçoso desce pela Praça da Bandeira, "rapela" na Chaminé Eli e retorna à Pedra Bonita.

A outra parte, mais obsessiva, desce pelo Pico dos Quatro. A trilha é deslumbrante e apresenta ângulo único do Rio. Por outro lado, é arriscadíssima e só deve ser feita por excursionistas muito experientes. A descida se dá em meio a exclamações de encanto. Uma bromélia aqui, um urubu que voa rasante ali, um panorama de cartão-postal acolá.

Depois de muito chão — e haja joelhos! — paramos na Cachoeira da Barrinha, um rápido banho. Um pulo até as ruínas da Fazenda Sorimã e terminamos o dia trafegando sobre impressionante estrada em pé-de-moleque. Dormimos na Barra.

O **vigésimo dia** é de subida. Retornamos até a Praça da Bandeira pelo acesso Barra da Pedra da Gávea. Antes, damos um pulinho no Morro do Focinho do Cavalo, uma elevação de 322 m de altitude que flanqueia a Barrinha, cujo topo, coberto de colônias, tem uma vista desabrida que vale o desvio. Da Praça, tomamos o mesmo caminho dos companheiros de véspera e vamos até a Chaminé Eli. Na descida esbarramos com uma bela fonte de mármore colocada pelo Centro Excursionista Brasileiro em lugar pouco usual, justo acima do ponto em que precisamos "rapelar". Mesmo sem sede, bebemos da sua água para homenagear os decanos do montanhismo no Brasil. Encerramos o dia de volta à Pedra Bonita.

Estamos **marchando há 21 dias**. Voltamos a caminhar pelo asfalto, de onde saímos para entrar na Trilha Eduardo Vianna. Os dias de chuva são especiais nesse trecho da Transcarioca. Os pingos grossos, a ventania potente balançando as árvores, a água descendo veloz pela trilha e o chão encharcado, transformado em atoleiro, incomodam, mas o espetáculo das águas a encher — e transbordar — as caixas-d'água de 1876 vale



VISTA CHINESA, PAGODE ERGUIDO EM
HOMENAGEM AOS CHINESES DE MACAU QUE
CONSTRUÍRAM A ESTRADA DONA CASTORINA.
DALI A TRASCARIOCA MERGULHA EM DIREÇÃO
AO PARQUE DA CIDADE.



NO PARQUE DA CIDADE, O BEM CUIDADO MUSEU DÁ MAIS UM TOQUE DE CULTURA A TRANSCARIOCA.

À DIREITA: CACHOEIRA DOS PRIMATAS, NO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA.

o desconforto. A trilha, ladeada de tufos de bambu, é de beleza ímpar. Fizesse sol, os raios partidos em mil e uma direções a tornariam inesquecível.

Na altura da última represa, subimos para o Cochrane. O esforço é morro acima e a trilha é muito inclinada, os escorregões se sucedem. Ninguém atinge o topo incólume.

Na cumeada, avançamos na direção leste, até atingirmos a Ponta das Andorinhas. Após a chuva, a vegetação molhada e densa encharca ao menor contato com os trilheiros. Ela está por toda parte e quase toma o caminho, que só está franqueado àqueles que realmente sabem se deslocar na

mata. Para o caminhante mais despreparado parece mesmo que não há trilha, apenas uma floresta densa e sem passagem.

Nas Andorinhas qualquer nebulosidade bloqueia a vista. Quando há densa camada de nuvens cobrindo o Rio, vale descer pela trilha de manutenção da torre da Light. A caminhada lembra a Irlanda. Caminha-se o tempo inteiro imerso em pesado ruço. O verde assume tons europeus e o desconforto dá lugar ao fascínio de uma nova e bela experiência da Transcarioca; do solo exala forte cheiro de terra molhada.

Sáimos nas Três Bicas e retomamos o asfalto por um pequeno trecho até a Vista Chinesa. Cruzamos com automóveis que sobem vagarosos e tensos. Os faróis ligados em plena luz do dia a ajudá-los contra a neblina.

Logo, deixamos a linha das nuvens para trás. Vemos uma cidade cinza, de chumbo. O Cristo Nosso Senhor estava encoberto, mas, da Vista, rogamos que desse aos motoristas paciência de chinês para aturar as agruras do Rio urbano. Seguimos adiante, sempre descendo por erodida trilha, até desembocarmos no Parque da Cidade. Dormimos na Gávea.

O dia 22 começa com uma visita ao Museu da Cidade. Para chegar a ele, temos que cruzar numerosa criançada, futebol e pipas. O próprio prédio do Museu, em estilo oitocentista, já encanta, nos dando uma prévia de seu interior. É a antiga sede da fazenda de café do Marquês de





AOS SÁBADOS E DOMINGOS, A ESTRADA DAS PAINEIRAS É MUITO FREQUENTADA POR TODAS AS TRIBOS DOS AMANTES DA NATUREZA. TRANSFORMA-SE EM TRILHA ASFALTADA.

São Vicente. O acervo nos ajuda a entender melhor a Transcarioca e sua relação com a história do Rio de Janeiro. Canhões de ferro, maquetes antigas, telas do Rio colonial, uma estátua do fundador Estácio de Sá e uma fantástica capela profana são algumas das atrações.

Plenos de cultura, voltamos a subir um pouco e seguimos em direção ao Jardim Botânico por uma trilha que já foi estrada. Nos tempos do marquês, a Lagoa Rodrigo de Freitas ainda não tinha sido aterrada e os melhores caminhos seguiam junto à raiz do morro. No trajeto iam pesados burros, arqueados por balaios repletos

de café, em busca dos armazéns do velho centro da cidade.

A viagem ao passado só termina no Solar da Imperatriz, restaurado pela Caixa Econômica Federal em 2000, para ser utilizado como centro de estudos ambientais. Sua história é controversa. Alguns garantem ser a antiga morada da segunda esposa de D. Pedro I, Amélia de Leuchtenberg. Outros sustentam ser o prédio muito mais moderno. Não importa. Ele é um colírio aos olhos dos caminhantes da Transcarioca. Isso basta.

O resto do dia é reservado para flunar pelo Jardim Botânico, a mais antiga unidade de conservação do Brasil, fundada em 1808. Há muito que ver e visitar no Jardim. Espécies nativas e exóticas misturam-se a esculturas de bronze: o busto gordo de Dom João VI, a careca do Frei Leandro e outras personalidades. Há ainda um jardim japonês, uma trilha braille e vários prédios coloniais e ruínas históricas, cada um mais cativante que o outro.

O transcarioqueiro, entretanto, é aqui um estranho no ninho. Sua passagem é vista com estranheza pelas noivas e debutantes que posam para intermináveis seções de fotografia naquela floresta organizada. Vira atração turística para as mães e crianças que vão na direção do parque infantil da fábrica de pólvora. É fotografado pelos grupos de japoneses de passagem pelo Brasil. Não se mistura nem com os americanos que, com o *Lonely Planet* na mão,



fascinados, travam conhecimento com o nosso único Parque de primeiro mundo. Conhecer de forma domesticada a flora e os prédios históricos com quem, nas três semanas anteriores, se travou contato seguido em seu estado selvagem, porém, torna a visita imperdível.

No **dia 23**, voltamos à trilha. Temos algumas opções: podemos percorrer as ruas do Horto até o caminho histórico que começa na represa da CEDAE e avança até o Hotel das Paineiras pelo Vale do Rio Cabeça; ou podemos subir à Estrada das Paineiras pelo Vale do Andaime Pequeno, parando para um rápido banho na Cachoeira dos Primatas.

Preferimos um terceiro traçado. Retornamos até o Solar da Imperatriz e subimos o Vale do Riacho Pai Ricardo. Passamos por um jaqueiral sem fim. Seu cheiro doce-enjoativo impetia o ar. A jaca é nativa da Índia e não deveria estar aqui no meio de um parque nacional de Mata Atlântica. Seus frutos vão caindo no chão, quebram-se, originam novas jaqueiras que vão crescendo às expensas da mata nativa. Alguns engenheiros florestais lutam para eliminá-la do Parque, substituindo-a por espécies locais. Faltou combinar com a fauna que, em profusão, freqüenta o jaqueiral. As jacas tombadas provêem fácil almoço.

Entre os pequenos mamíferos que vêm em busca das jacas estão alguns roedores. Atrás deles chegam as serpentes. É comum encontrá-las bem

no meio do caminho, relaxadas, lagarteando ao sol. Há no Rio jararacas, corais, jararacuços, urutus-cruzeiro e as menos perigosas cobras-d'água e caninanas (jibóias); no entanto, é raro as tímidas cobras cariocas picarem excursionistas.

Alcançamos a Estrada Dona Castorina na altura da Cachoeira do Quebra. Espetáculo fascinante no pós-chuva. Abunda a água que tinge toda a pedra de um branco prateado. Trata-se da última cachoeira digna do nome que cruzaremos na Transcarioca.

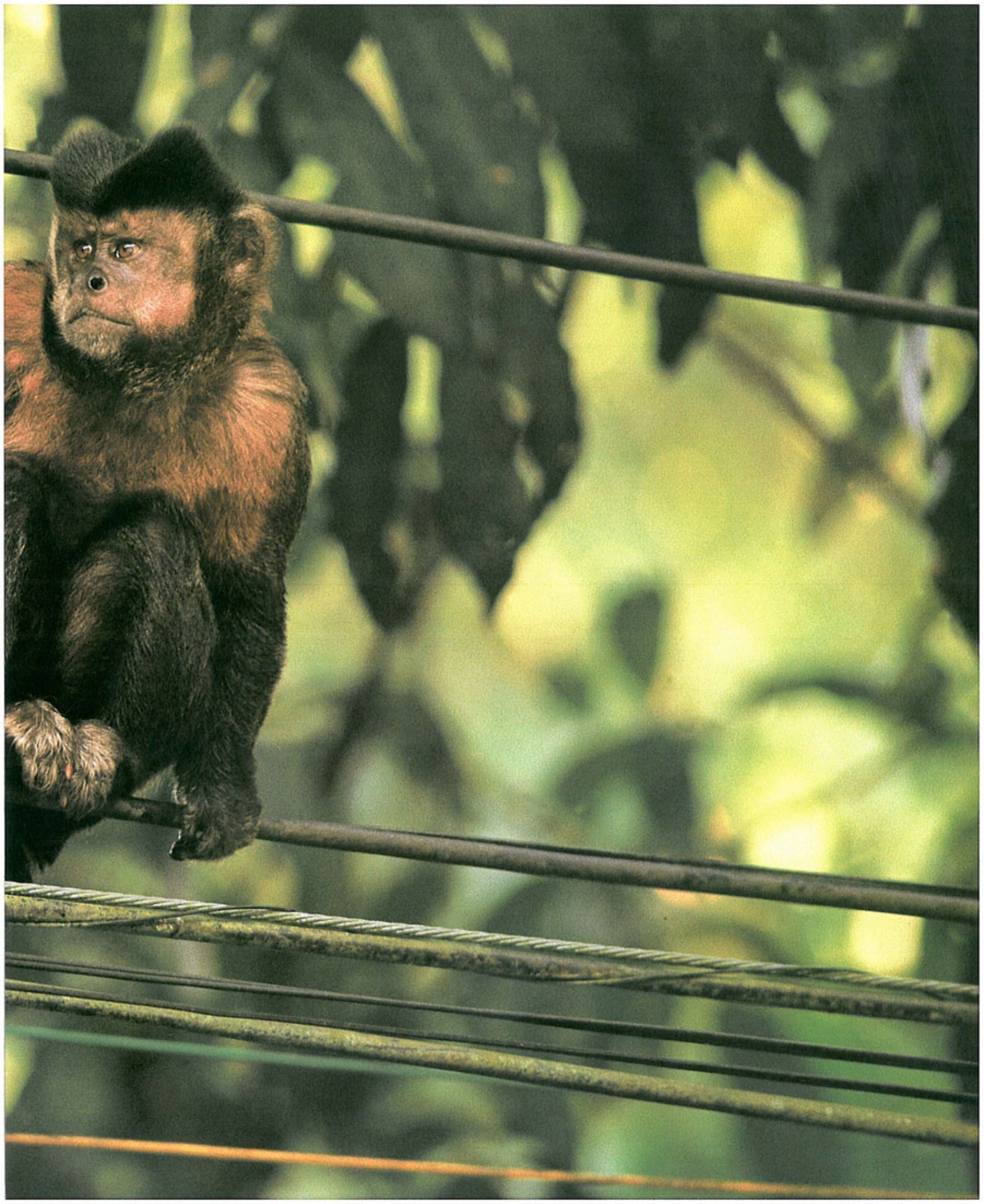
A beleza das águas contrasta com a sujeira dos despachos. São centenas de velas, garrafas de cachaça, bolinhos condimentados e pratos de culinária baiana distribuídos pelos arredores do poço principal. Fazem a festa dos esquilos caxinguelês e quatis que já começam a se acostumar ao pesado sabor do tempero puxado ao azeite-de-dendê.

Difícil é ter moral suficiente para combater essa prática religiosa em um parque nacional que abriga sob sua jurisdição duas capelas e uma enorme estátua do Cristo Redentor.

A subida até a Estrada das Paineiras é dividida em dois trechos marcadamente diversos. O inferior, muito difícil, escorregadio e técnico, é uma sucessão de simpáticas cascatas e pocinhos

NAS PÁGINAS SEGUINTES: O MACACO-PREGO É UMA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS QUE O TRANSCARIOQUEIRO ENCONTRARÁ PELO CAMINHO.







LAGOA RODRIGO DE FREITAS, VISTA DO
MORRO DO QUEIMADO AO ANOITECER.



balneáveis. O superior põe em dúvida o mito de que a Mata Pai Ricardo é a área mais preservada do Parque Nacional da Tijuca. Caminhamos em meio a rala e espaçada floresta por boa hora e meia, até alcançarmos a Estrada das Paineiras — que nesse trecho chama-se Redentor — na altura da trilha que leva ao Morro do Queimado. Ou seja, caso quiséssemos, poderíamos ter suprimido a visita às Pedras, ao Mocke, à Vista Chinesa, à Mesa do Imperador, ao Parque da Cidade, ao Jardim Botânico e teríamos ganho seis dias em nossa caminhada transcarioca.

Agora é tudo asfalto até o Pai do Novo Testamento, mas as opções são duas. A primeira, mais reservada, mais longa e mais completa, contempla o Sumaré, a Casa do Bispo e o Mirante Dona Marta, com direito a aluguel de helicóptero para vôo panorâmico sobre todo o trajeto da Transcarioca. A outra alternativa percorre a legendária e apertada Estrada das Paineiras. Segue quase sempre plana por quatro quilômetros até o antigo Hotel das Paineiras, onde o dia termina.

Escolhemos, não sem grande sensação de perda, a alternativa mais curta. Os transcarioqueiros, bem amparados por eficiente esquema de organização, têm a escolha de percorrer esse trecho de bicicleta.

O clima de frescor e as incomparáveis duchas de água fresca oriundas dos ribeirões que cruzam as Paineiras fazem dela um *must* da classe média da Zona Sul carioca. Aos domingos, fechada ao

acesso de veículos motorizados, a estrada vira uma grande área de lazer, com tribos de gente bonita a percorrê-la de ponta a ponta, caminhando, pedalando, cavalgando *skates* ou fazendo *jogging*.

Durante a semana, os ciclistas que se orgulham do nome enfrentam seu íngreme acesso em busca da vista e do refrescante banho de água doce. À tarde, surfistas com pranchas presas aos *racks* de seus automóveis mudam a rota para casa. Vão às Paineiras, estacionam e relaxam os músculos cansados de guerrear as vagas cariocas, deixando-se massagear pelas duchas da Estrada do Redentor.

Não importa a época do ano, as Paineiras são sempre um bálsamo. Seja pela variedade dos panoramas, seja pelos freqüentes micos e preguiças ao longo do trajeto, seja pelos escaladores a receber primeiras instruções em rocha completamente inacessível ao leigo, é impossível ir às Paineiras e não voltar de humor renovado.

Ao longo da caminhada, passamos por uma, duas, três, quatro, perdemos a conta, placas furadas por tiros de armas dos mais variados calibres. Não fôssemos cariocas de berço e coração e estaríamos aterrados. A vida nos endureceu a ponto de reconhecer essa triste assinatura meliante como normal. No íntimo, contudo, sofremos a impotência de querer um Rio melhor, que precisa do compromisso de todos para melhorar. Durante toda



DIVERSAS PARTES DA TRANSCARIOCA SÃO FREQUENTADAS POR *MOUNTAIN BIKERS*. AQUI VEMOS UM TRECHO DO ACESSO AO MORRO DO QUEIMADO, PELAS PAINEIRAS.

a Transcarioca, a segurança pública é uma preocupação onipresente. Nada diverso da cidade de asfalto lá embaixo, ou do resto do país. É desolador.

O dia termina no Hotel das Paineiras, hoje fechado, vítima de um complicado *imbroglio* jurídico. Estivesse ele funcionando e seria um ótimo local de pernoite para os transcarioqueiros mais abastados.

O **vigésimo quarto dia** começa com uma viagem mecanizada. Descemos de bondinho até à estação Cosme Velho da Estrada de Ferro do Corcovado. O traslado é povoado de imagens históricas. A gloriosa inauguração da ferrovia em 1885, com a presença de D. Pedro II e dos engenheiros que a projetaram, João Teixeira

Soares e o futuro prefeito Pereira Passos.

Outra aparição é a do presidente argentino Sanz Peña, que nos visitou em tempos de desconfiança mútua, em que a amizade do Mercosul não era mais que longínqua esperança. Também vêm à lembrança fatos feios, como o assalto à mão armada da década de 1990, que parou o bondinho, espantando gringos e indignando cariocas.

Na estação Cosme Velho, os transcarioqueiros que prezam a cultura apeiam e fazem um pequeno périplo. Principiam por pagar tributo a Teixeira Soares, admirando sua estátua de amplos bigodes e careca reluzente — os projetos da ferrovia enrolados em canudo de papel a pender da mão direita. Vão ao Largo do Boticário, pedaço neocolonial da arquitetura carioca, construído na década de 1930 com peças de prédios desmontados para a abertura da Avenida Presidente Vargas. Visitam o delicioso Museu de Arte Naïf. Vão tomar água junto à Bica da Rainha, onde D. Maria I, a Louca, parava em seus freqüentes passeios pelo vale das Laranjeiras. Por fim, querendo transformar esse trecho da longa trilha em pequena peregrinação cristã, pedem a bênção na Igreja de São Judas Tadeu.

A subida, de novo a pé, segue por curto trecho junto à linha do bondinho até alcançar o Silvestre. Ali, segunda escala de nossa peregrinação, abandonamos a ferrovia e passamos pela Capela Silvestre, na verdade pouco mais que

uma nave abobadada, onde a Paróquia da Luz, no Alto da Boa Vista, tem o costume de rezar a última missa do ano.

Também vale a pena visitar a sede do Grupo de Defesa Ambiental da Guarda Municipal, localizado no limite inferior do Parque Nacional da Tijuca. Aquartelado na antiga casa de Oswaldo Aranha, o GDA mantém a bela residência do personagem da era getuliana em excelente estado de conservação. Os mais interessados em história e arquitetura adicionarão aqui um *looping* urbano à Transcarioca. A pé ou na boléia do bondinho, percorrerão a Rua Almirante Alexandrino. Vão refestelar os olhos

INUSITADA FILA INDIANA FORMADA POR TRÊS TORRES DE TRANSMISSÃO ELÉTRICA. EXÓTICOS PERSONAGENS EM FLORESTA MENOS ANTROPOMORFIZADA, NO RIO ELAS NÃO SURPREENDEM. ESTÃO POR TODO O CAMINHO, ACOMPANHANDO O TRANSCARIOQUEIRO. SÃO BRUTAIS PIRÂMIDES DE METAL SOBRESSAINDO DA MATA, COMO QUE A DESVIRGINÁ-LA EM TANTOS E TÃO DIVERSOS PONTOS, QUE A FAZEM PROSTITUTA. AQUI O IMPROVÁVEL ACONTECE: INTEGRAM-SE À FLORESTA, DECORANDO-A E EMPRESTANDO-LHE PERSONALIDADE ÚNICA, ATÉ LHES IMPRIMINDO UM TOQUE DE BELEZA ESQUISITA.



nas muitas e diversas construções e estilos arquitetônicos. Comerão salsichas e chucrute na Adega do Pimenta e, se acertarem a época do ano, percorrerão os ateliês de arte do evento Santa Teresa de Portas Abertas.

Para os que não quiserem esse opcional, há que correr. O dia é longo e não é aconselhável gastar muito tempo em cada uma das muitas atrações para não encontrar a noite em plena trilha.

Assim, apertamos o passo, agora ao longo do leito do Rio Carioca até o Hotel das Paineiras. No caminho, imaginamos as ordens ansiosas de Dom Pedro I, orientando seus soldados na abertura da primeira picada ao topo do Corcovado. Trilha aberta, viriam hordas de turistas, brasileiros e estrangeiros, montados em mulas ou a pé, querendo admirar a incomparável vista descoberta pelo imperador. Sábios viajantes como Burmeister e Debret, nobres como Mauá e os complexos personagens da literatura de Machado de Assis, ninguém deixará, desde então, de visitar o ponto que virou símbolo do Brasil.

Avançamos até a base da estátua pela estrada de rodagem. O caos do trânsito engarrafado nos traz, como poucas vezes ao longo da Transcarioca, a dura realidade urbana do Rio de Janeiro que a cerca.

Inaugurada em 1936, a estrada de 2,4 km que liga as Paineiras ao Corcovado foi projetada para atender uma frota de automóveis muitas vezes menos numerosa que a de nossos dias.

Com o crescente rodoviarismo brasileiro, o tímido estacionamento do Corcovado e as íngremes e fechadas curvas de seu acesso ficaram muito aquém do exigido pela demanda atual. O inferno é inevitável. Caminhando ao longo da estrada, o transcarioqueiro não pode deixar de desejar que os automóveis particulares fossem proibidos de visitar o Cristo.

Chegamos ao estacionamento superior do monumento no início da tarde. Nos misturamos aos magotes de turistas que todos os dias cumprem o ritual obrigatório de bater ponto no cartão de visitas do Brasil. Ainda não há elevador. Alguns sobem faceiros os infinitos degraus até a base da estátua. A maioria vai se arrastando escadaria acima, praguejando contra o esforço. Assim é a peregrinação ao Cristo: há que purgar os pecados na ascensão que leva ao paraíso visual do mirante. Vale! Mesmo nós trilheiros calejados por uma Transcarioca inteira, que já vimos o Rio sob todos os ângulos imagináveis, não conseguimos evitar a queda do queixo. O Corcovado é único e espetacular. Não seria possível abençoar a cidade de lugar mais apropriado.

Com seus 38 m de altura e braços abertos em T de Transcarioca, o Cristo olha o Pão de Açúcar, destino final da trilha. Nossos olhos acompanham os dele. Voltamos a atenção para os sete montes que cercam o bairro de Copacabana: Cantagalo, Cabritos/Catacumba, Saudade,



Inhangá, São João, Babilônia e Leme. Vamos caminhar por cima deles nos próximos dias de nossa jornada, rumo ao local em que Estácio de Sá fundou o Rio de Janeiro entre os Morros Cara de Cão e Pão de Açúcar.

A emoção e a angústia da proximidade do fim, ali, ao alcance curto dos olhos seriam insustentáveis não fosse a enormidade da estátua do Cristo que a tudo domina naquele mirante em forma de corcova. Sua imponência impressiona mesmo os agnósticos e materialistas. Sua força é tanta, que deixou de ser apenas um símbolo católico para transformar-se em logotipo ecumênico de toda uma nação de judeus, cristãos e umbandistas.

O CRISTO REDENTOR ESTÁ NO MORRO DO CORCOVADO DESDE 1931. NESTE PERÍODO TORNOU-SE SÍMBOLO NÃO SÓ DOS CATÓLICOS, MAS DE TODOS OS CARIOCAS.

Tomados pela vontade irresistível

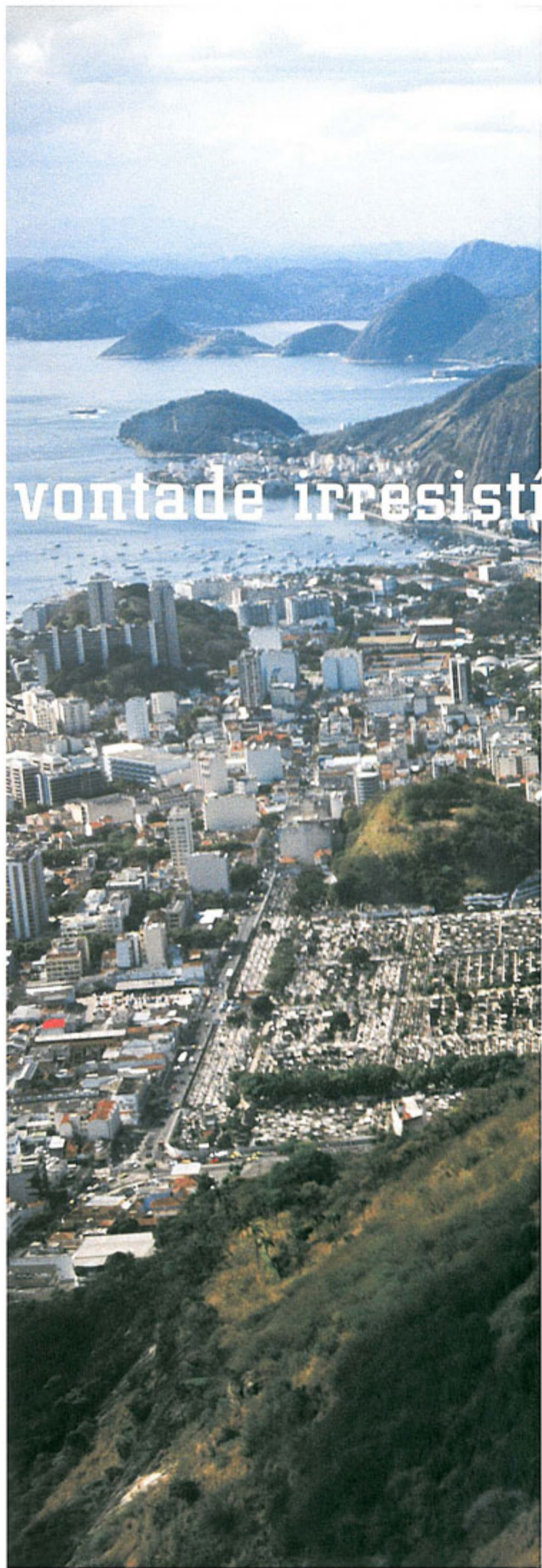
ao fim da Transcarioca, nos abalamos pela íngreme trilha que dá ao Parque Lage.

Escorregadia, cansativa e perigosa, quase não nos foi possível descer, devido ao adiantado da hora.

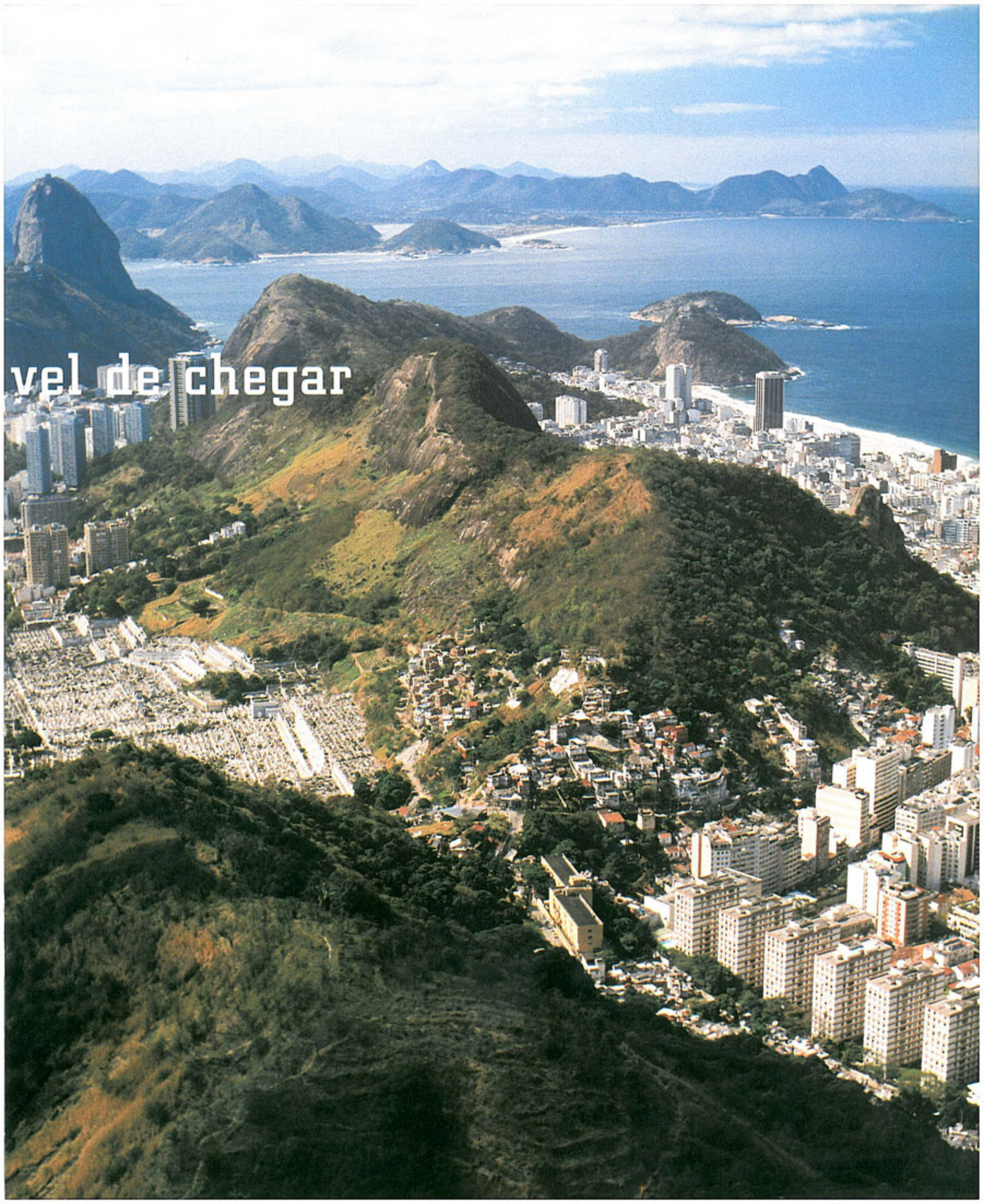
Chegamos ao antigo palacete de Gabriela Bezanoni junto com a última luz e, exaustos, dormimos.

Acordamos cansados. Talvez seja a repetida rotina de caminhar, caminhar e caminhar por um mês inteiro. Há que ter muito amor à causa para atravessar toda a Transcarioca em um só estirão. Alguns de nossos companheiros começam a questionar se não seria mais saboroso fatiá-la ao longo de intermináveis fins de semana.

Na manhã seguinte, a **vigésima quinta** da Transcarioca, vemos o sol nascer junto com os remadores que deslizam sobre as águas desse largo coração do Rio. Disputamos a ciclovia com executivos e atletas da primeira manhã que correm e pedalam antes de cada jornada de trabalho. Palmilhamos meia Lagoa e atravessamos a Epitácio Pessoa para subir ao Mirante de



vel de chegar





SEDE DO PARQUE LAGE, CONSTRUÇÃO ECLÉTICA LEVANTADA POR HENRIQUE LAGE PARA A CANTORA DE ÓPERA GABRIELA BEZANZONI. HOJE ABRIGA A ESCOLA DE ARTES VISUAIS. EM SEUS TEMPOS ÁUREOS SEDIU FESTAS DE ARROMBA A BEIRA DA PISCINA INTERNA E LONGOS PASSEIOS A CAVALO PELAS TRILHAS QUE HOJE SÃO TRANSITADAS POR EXCURSIONISTAS.

NA PÁGINA ANTERIOR: MORROS DA SAUDADE, SÃO JOÃO, BABILÔNIA E PÃO DE AÇÚCAR, O ÚLTIMO TRECHO DA TRANSCARIOCA.

Sacopã, no Parque da Catacumba. Enfrentamos séria barragem artística para chegar à trilha. Gastamos longa hora, admirando, embasbacados, a exposição permanente de esculturas ao ar livre que serve de ante-sala à Trilha da Catacumba.

O passeio cultural, entretanto, é tempo bem empregado e fácil de recuperar. A Catacumba somente conta curtos 20 minutos de bem tratada trilha com degraus antierosão e placas de sinalização interpretativa. É modelo de trilha acessível a todos. Embora seja muito cheia de interferências humanas, ou justamente por causa disso, serve como aperitivo para experiências mais selvagens. Vale a pena contar um pouco de sua história.



Por muitos anos foi uma trilha abandonada, reduto de uns poucos iniciados, até que, em 1998, a UniverCidade, a Fundação Parques e Jardins e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente assinaram um convênio pelo qual a primeira adotou a trilha.

Desde então, a Catacumba mudou muito, ganhando segurança do Grupo de Defesa Ambiental da Guarda Municipal, manutenção freqüente e sinalização. As placas contam a história de um morro que já foi cemitério indígena, engenho de açúcar e favela de 10 mil habitantes. Falam da remoção da favela, do projeto de reflorestamento que foi implantado ali, da flora e da fauna que, agradecida, voltou a freqüentar aquele morro. Contam também a história da Lagoa Rodrigo de Freitas e do projeto Rede Carioca de Trilhas, fornecendo informações de educação ambiental.

Como resultado desse esforço conjunto entre iniciativa privada e governo, a Catacumba transformou-se na trilha mais visitada do Rio. Cerca de 20 mil pessoas em dois anos. A maioria trilheiros de primeira viagem. Encantados, contam a familiares e amigos sua experiência na *selva* e, ao verem como uma área outrora densamente povoada pode virar bosque, passam a engrossar as fileiras dos defensores do meio ambiente.

A manhã ainda vai jovem quando um crescente alarido infantil expulsa das nossas vistas um vistoso tiê-sangue. São escolares

uniformizados que chegam ao Mirante do Sacopã em hordas. A conduzi-los, um orgulhoso universitário ao mesmo tempo pastoreia e educa.

Depois de quase um mês a caminhar em solidão quase absoluta por uma semi-selvagem Transcarioca, é quase impossível dividir o diminuto mirante com tanta fauna urbana. Descemos pela Rua Tabatingüera a sonhar com o dia em que essa vertente da Catacumba será desapropriada e acoplada ao resto do parque, ex-favela.

Voltamos a caminhar pelo asfalto até a Rua Macedo Sobrinho. Ali viramos à direita e tomamos a direção do hoje fechado Parque da Saudade, que adentramos. À medida que ganhamos altitude, ficamos imersos em colônias que teima em queimar ano após ano. A brincadeira de submarino termina na longa sucessão de degraus escavados na terra, que já começam a se deteriorar com o tempo e com o mau tempo. A trilha obriga o excursionista a escolher com cuidado onde colocar as mãos e os pés. Há um precipício ameaçador no flanco.

O topo, embora relativamente baixo para o padrão da Transcarioca — apenas 246 m de altitude — revela uma das vistas mais surpreendentes e únicas de toda a trilha. É que não estamos acostumados a ver Copacabana por trás. Os ângulos pelos quais ela normalmente se descortina são do lado do mar ou laterais. Tão inusitada é a vista do Morro da Saudade, que pouca gente é capaz de reconhecer Copa nas



fotografias tiradas de lá. Não bastasse a Princesinha do Mar, há ainda os panoramas inesquecíveis de Botafogo e sua enseada e da Lagoa (de quem o transcarioqueiro, mimado por tantos e tão diversos ângulos, já cansou).

A partir daí, a caminhada se dá pelo cume. Os excursionistas vão sempre assustados pela expansão de uma nova favela que cresce encarapitada no Morro dos Cabritos.

A descida é difícil. Não há trilha muito definida, apenas um capinzal que coça muito. Descemos na direção geral do Cemitério de São João Batista e do Túnel Velho. Ao chegar nas primeiras casas, damos bom dia a faces pouco amistosas, cruzamos umas escassas ruas e entramos na favela da Ladeira dos Tabajaras. Subimos com a permissão dos traficantes do local. Sem sua bênção é impossível. Na guerra civil urbana que vivemos, trata-se de território liberado. Fora do poder diuturno das forças de segurança legitimadas pelo voto da sociedade. Talvez, um dia, ainda muito longínquo, uma Transcarioca entrará por aí sem medo ou necessidade de visto em passaporte interno.

Nosso primeiro objetivo é a Agulhinha do Inhangá. Seguimos pela antiga trilha dos quilombolas, cujo nome, no Brasil Colônia, era Caminho dos Pretos Quebra-Bolos (escravos que teriam se rebelado contra a palmatória ou bolo). Essa trilha ia desde a Garganta do Inhangá, onde está hoje o Túnel Velho, até a Pedra do Leme.

Contornamos o Morro de São João e logo estamos na sua base. Para o topo da Agulhinha, entretanto, são necessários conhecimentos de escalada. A maioria do grupo contenta-se com a vista da ante-sala do cume. Praia cheia, ondas azuis ribombando contra a nesga de areia que os prédios em forma de muralha da China copacabanense deixam entrever, trânsito pesado e um bairro com jeito de formigueiro.

Subimos muito para marchar na cumeeira do Morro de São João. Ali, devido ao pouco trânsito que recebe, a trilha costuma ser muito densa e espinhenta. Seus usuários mais contumazes usam gandola azul e bota militar. São policiais de elite da PM e não caminham por gosto, mas por ofício. Andam em silenciosa fila indiana, mais à noite que de dia. Seu intuito é invadir de cima para baixo os Tabajaras. Estranha terra, esse Rio de Janeiro, cuja guerra civil tem ao mesmo tempo os matizes urbanos de Beirute e os selvagens do Vietnã.

À medida que o Parque da Chacrinha e a Ladeira do Leme vão se aproximando, a tensão se reduz. Já admiramos a vista com mais gosto. Os cabritos que nos fazem companhia já não causam sobressaltos ao surgir de dentro da mata. Não temos mais tanta pressa.

Por mais que nos últimos 25 dias tenhamos sempre tido a consciência de estar caminhando em trilhas que cortam uma metrópole, ainda assim é muito estranho estar emparedado por Cobacabana à direita e Botafogo à esquerda e,



não obstante, sentir-se completamente inserido na natureza. Não parece certo!

Logo chegamos ao passo entre São João e Babilônia: a Ladeira do Leme. Pedimos licença aos soldados e atravessamos por cima dos arcos.

Sua história é bem antiga, remontando a 1763, data em que o Rio foi elevado à condição de capital do Brasil. Com a mudança do estatuto da cidade, aumentou a preocupação com sua defesa. Nesse contexto, uma das coisas que mais assustava os militares era a possibilidade de um desembarque inimigo nas areias de Copacabana,

VISTA DO MIRANTE DA CATACUMBA, PONTO FINAL DA PRIMEIRA TRILHA INTERPRETATIVA DO MUNICÍPIO DO RIO, MANTIDA POR PROFESSORES E ALUNOS DA UNIVERCIDADE.

A COPLAMENTO, DE MÁRIO CRAVO, UMA DAS MUITAS OBRAS DE ARTE DA CATACUMBA, O MAIOR PARQUE DE ESCULTURAS DA AMÉRICA DO SUL.





o que possibilitaria aos invasores um ataque à cidade por Botafogo, um flanco desprotegido.

Assim, em 1776, iniciou-se a construção de um sistema defensivo nos morros de Copacabana, para reforçar, na Pedra do Leme, o Forte da Vigia, atualmente Forte Duque de Caxias.

Também como parte do complexo defensivo do bairro, para guarnecer o passo que dava acesso a Botafogo, foi levantado um pequeno fortim no alto da Ladeira do Leme. Terminada em 1779, essa fortificação lateral ao Parque da Chacrinha tinha um portão em forma de arcos de

pedra, sobre os quais acabamos de passar e que, apesar de ter grande valor histórico, é ignorado pela maioria dos cariocas.

Em meados do século passado, entretanto, esse portão já perdera seu significado militar e a guarnição havia sido parcialmente desmobilizada. Dessa época nos deixou interessante relato Sir Weddel, que ali esteve no início da década de 1840: *"Fiz uma excursão tanto mais interessante quanto me fez travar conhecimento*

BOTAFOGO, VISTO DO MORRO SÃO JOÃO.



com uma vegetação que eu quase não tinha visto em parte alguma... Copacabana... o caminho que a ela nos conduz começa à direita da extremidade de Botafogo, insinuando-se logo em seguida entre duas montanhas, uma das quais, à esquerda, tem o nome de Telégrafo ou Babilônia. É na saída desse desfiladeiro que se encontram as ruínas de um antigo forte português, de que ainda se vê um velho pórtico muito bem conservado, bem como a base dos dois bastiões que o flanqueavam. Vê-se

ainda hoje, no bastião da esquerda, uma amostra dos canhões que o guarneciam, defendendo com êxito essa parte da costa..."

Lateral ao pórtico existia uma pequena propriedade cultivada, a qual, conhecida por Chacrinha, acabou por legar seu nome ao Parque cuja área localiza-se imediatamente abaixo dela. Nesse sentido, são dignas de nota as observações do viajante alemão Schlichthorst, que ali esteve em 1829: "Estreito caminho, defendido por forte, que domina tanto o lado de terra como o do oceano, conduz até lá em cima e passa do

COPACABANA, VISTA DO MORRO SÃO JOÃO.





outro lado. A íngreme ladeira, onde aqui e ali crescem palmeiras, serpeia por entre aglomerados de rochas cobertas de cactos e trepadeiras que impossibilitam a subida por outro lugar. No alto, o trabalho do homem conquistou ao solo montanhoso pequeno platô, onde penosamente crescem, entre frâguas nuas, mirrados cafeeiros, alguns pés de milho e inúmeros de melancia. Aquilo se chama, como tudo no Brasil, desde a mais reles cabana de tábuas por entre pedregulhos até o mais rico palácio rodeado de férteis campinas, uma chácara."

Em 1892, com a abertura do Túnel Velho ligando Copacabana ao resto da cidade, a antiga

A ILHA DE COTUNDUBA VISTA DO PÃO DE AÇÚCAR, POR TRÁS DE COLÔNIA DE BROMÉLIAS.

Praia de Sacopenapã deixou de ser um paraíso ecológico, urbanizando-se com impressionante velocidade. A área da Chacrinha, no entanto, graças ao Exército, manteve-se intocada, pois nela nasciam quatro filetes de água que abasteciam o Fortim da Garganta do Leme.

Seguimos pela trilha que avança sobre o Morro da Babilônia. Nos tempos do Brasil Colônia, ela ligava o Fortim da Garganta do Leme ao Forte Duque de Caxias (Forte do Leme).



No caminho, passamos por inúmeros tufos de vegetação plantados em terraços. É, de novo, o reflorestamento da Prefeitura, cujos mutirantes, aqui, são do Morro Chapéu Mangureira. Entre as 90 espécies de flora nativa de Mata Atlântica plantadas na Babilônia e no Morro do Leme estão o pau-ferro, o pau-brasil, a aroeira, a quaresmeira, a pitangueira, a velozia e a caapiá, sendo as duas últimas ameaçadas de extinção.

À medida que avançamos, lajes de concreto no solo e ruínas de casamatas militares sublinham a antiga utilização militar do Morro. As construções, ou os restos delas, ainda comandam panorama único do Leme. Muitos moradores do Chapéu Mangureira preferem ver daí a queima de fogos do *réveillon*, do que descer à praia.

Chegamos logo a uma cerca de arame farpado guarnecida por um recruta armado. A trilha continua do lado de lá, mas só avançamos com permissão especial do comandante do Forte do Leme. Atravessado o arame, vamos ao Morro do Urubu — já vemos a Praia Vermelha.

Terminamos o dia visitando a antiga Fortaleza Duque de Caxias, de 1693, a 125 m de altitude. De lá, saboreamos a vista da Ilha de Cotunduba.

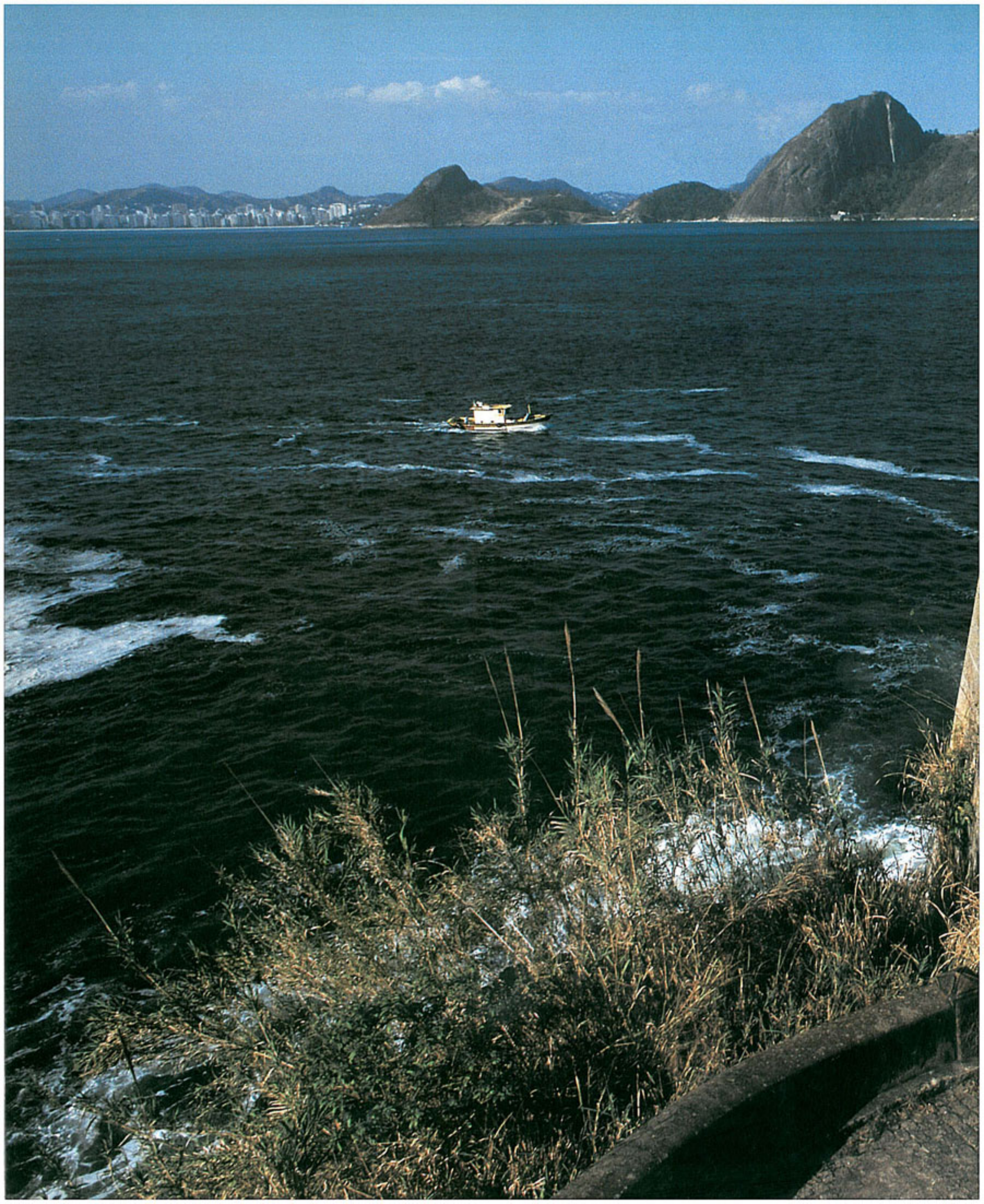
Descemos pela estradinha de paralelepípedos, aprendendo sobre a fauna e a flora do forte na excelente sinalização interpretativa existente ao longo do caminho. À noite, mal dormimos, tamanha a expectativa do dia seguinte: o último da Transcarioca.

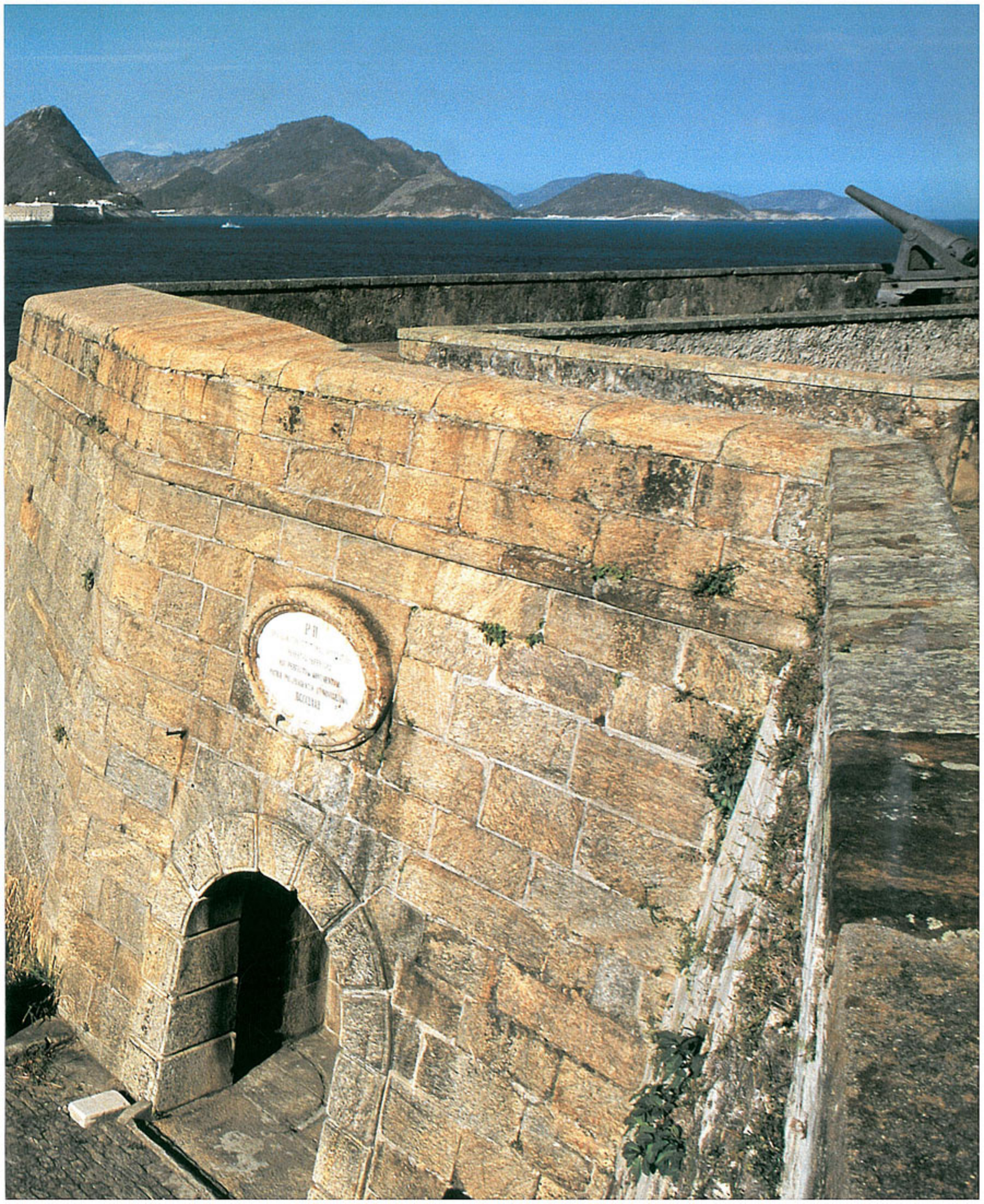
Bem cedo de manhã já estamos de novo no forte. Há que atravessar para o lado da Ponta do Leme e prosseguir se equilibrando no costão. Difícil empreitada. Mesmo alguns calejados transcarioqueiros sentem-se intimidados com o risco de caminhar sobre a rocha íngreme tão junto ao mar. O vento maral da manhã traz o cheiro do oceano para dentro de nossas narinas. Respiramos fundo. Estamos de volta ao litoral, exatamente como quando começamos, há 26 dias.

Chegamos à Praia Vermelha pelo Restaurante do Círculo Militar. Sentamos para tomar um fresco. Há que sorver com muito vagar esse último dia. No extremo oposto da praia está outro bastião igual ao que estamos. Em tempos de Intentona Comunista havia uma muralha a ligar os dois. Esfregando os olhos com vontade, dá para



PISTA CLAUDIO COUTINHO, NA URCA, NO ÚLTIMO DIA DE CAMINHADA DA TRANSCARIOCA.





PI
กรมศิลปากร
กรมโบราณคดี
กรมศิลปากร
กรมโบราณคดี
กรมศิลปากร
กรมโบราณคดี



ver os golpistas de 1935 correndo, armas em punho, atrás de um Brasil mais eqüitativo.

Do centro da praça, o Guia López salta de seu magnífico monumento e vem ter conosco. Conversamos longamente, comparando as impressões da sua Retirada da Laguna com as que temos da Transcarioca. É preciso um caminhante de longo curso para entender outro.

Despedimo-nos e seguimos em frente. Misturamo-nos aos freqüentadores da Pista Cláudio Coutinho, espécie de Paineiras marinha. Famílias inteiras, carrinhos de bebê, escaladores de *boulders*.

Ninguém do grupo escolhe a opção do Morro da Urca. Todos preferem a inóspita escalaminhada do costão do Pão de Açúcar. Subimos a difícil trilha acariciando cada rocha com amor de mãe. Nos trechos mais complicados, aproveitamos a desculpa para gastar tempo com os olhos perdidos no horizonte azul.

Chegamos ao Pão de Açúcar no início da tarde. Almoçamos lá em cima, mas não sentimos o gosto de nada. O café tem o sabor amargo do fim. Descemos de bondinho, olhando, sem ver, os últimos minutos de caminhada que nos esperam. Apeamos no Morro da Urca. Somos recepcionados por uma tropa de miquinhos históricos e lagartos furtivos.

Em meia hora chegamos à escola de Educação Física do Exército. Nos espera Estácio de Sá. Ainda não foi frechado no rosto. Está de espada em

punho. Funda o Rio de Janeiro. Urros de aclamação vêm dos lados do Pão de Açúcar e do Cara de Cão. São os portugueses a comemorar o fazimento de uma nova cidade lusitana.

Com os olhos marejados, entramos na festa, aceitamos o champanhe. Bebemos com o prazer de quem sabe que a missão foi cumprida.

Ainda inebriados pela conquista, caminhamos mais meia hora até o Forte de São João, na entrada da Baía de Guanabara. Lá sentamos nas maciças muralhas e sorvemos o fim do dia, saboreando a Laje, a Fortaleza de Santa Cruz e Niterói. De repente nos vemos de volta ao ano de 1711. A frota do corsário francês Duclerc aparece na entrada da barra, quer entrar.

Gritos belicosos ecoam de cima, canhões são empurrados para as escotilhas, guarnições apressadas acorrem a seus postos. Também em Santa Cruz, do outro lado, o frenesi é evidente. Logo o primeiro ribombar quebra a ansiedade. Um petardo cruza os ares e vai cair na água, bem junto à nau-capitânia dos invasores. De Niterói, dois tiros dão seqüência à fuzilaria. O barulho é ensurdecedor. Cortinas d'água são levantadas bem junto às belonaves indesejadas.

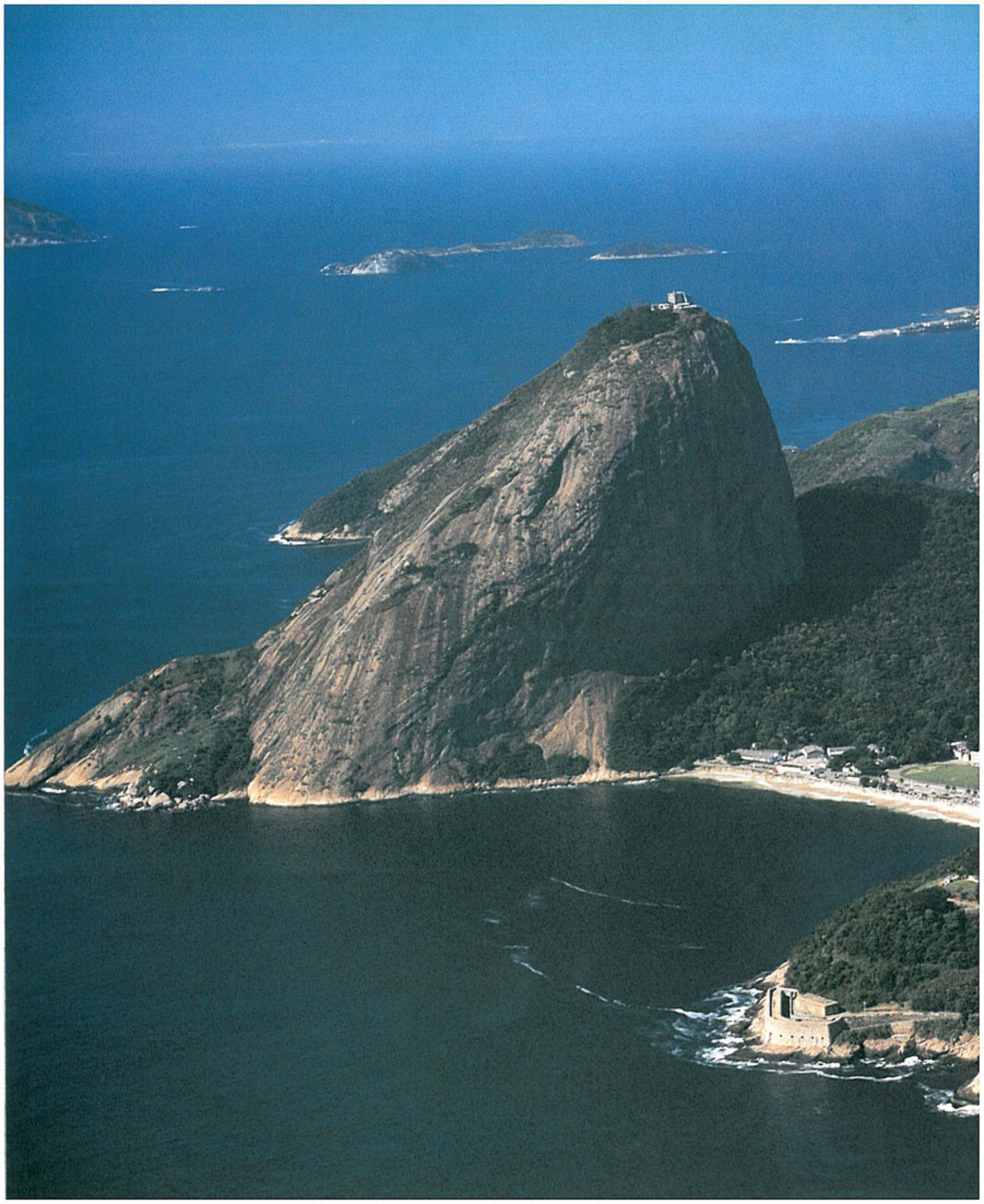
Os franceses, assustados com o poder dessa Gibraltar sul-americana, desistem. Viram os navios para o sul e prosseguem viagem. Vão velejar até Guaratiba, desembarcar ali e caminhar uma Transcarioca inteira para invadir o Rio de Janeiro.



SETEIRA DE ONDE OS CANHÕES DA FORTALEZA DE SÃO JOÃO PROTEGIAM A BARRA DA BAÍA DE GUANABARA EM 1710, ÉPOCA DA INVASÃO FRANCESA AO RIO DE JANEIRO.

NA PÁGINA ANTERIOR, FORTALEZA DE SÃO JOÃO, CONSTRUÍDA NO FIM DO SÉCULO XVI, COM NITERÓI AO FUNDO.

NA PÁGINA SEGUINTE: PÃO DE AÇÚCAR E MORRO CARA DE CÃO, COM A FORTALEZA DE SÃO JOÃO NA PONTA.





BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- ADONIAS, Isa. *Mapa – Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993.
- ALENCAR, José. *Sonhos d'Ouro*. São Paulo: Ática, 1981.
- Appalachian Trail Conference. *A Guide to Log and Lean Construction*. Harpers Ferry, Virginia, 1989.
- ARDITO, Stefano. *Trekking dans les Alpes*. Paris: Grund, 1995.
- BAEZ, Elisabeth Carbone (coord.). *Museus Castro Maya*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- BANDEIRA, Carlos Manes. *Parque Nacional da Tijuca*. São Paulo: Makron Books, 1993.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *The Voyager's Brazil*. Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1995 (3 volumes).
- BERKOWITZ, Mark (coord.). *Rio Imperial*. São Paulo: SANBRA, 1988.
- BERGER, Paulo et al. *Pinturas e Pintores do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1990.
- BERNARDES, Lysia; Soares, Maria Theresinha de Segadas. *Rio de Janeiro: Cidade e Região*. 3ª tiragem. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- BRAMPTON, Jesse. *The Centenary Track-Concept Paper*. Perth, Austrália, 1997.
- BUNBURY, Charles James Fox. *Viagem de um Naturalista Inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo, Livraria Martins, 1952.
- BUCHSBAUM, Robert N. *Nature Hikes in the White Mountains*. Old Saybrook-Connecticut; Globe Pequot, 1995.
- CAMÕES, Eduardo. *Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1993.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart (org.). *História dos Bairros – Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro: Index, 1987.
- CASTRO MAYA, Raymundo Ottoni de. *A Floresta da Tijuca*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.
- CEZAR, Paulo Bastos. *A Floresta da Tijuca e a Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- COELHO, Jacinto do Prado (org.). *O Rio de Janeiro na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, 1965.
- COIMBRA FILHO, A. F.; Magnanini, Alceo (apr.). *Aves da Restinga*. Rio de Janeiro: CPFCN, 1962.
- CONY, Carlos Heitor (coord.). *RIO 92*. Rio de Janeiro: Bloch, 1992.
- CORRÊA, Doreé Camargo. *Calendário Permanente da Floresta da Tijuca*. EGL Editora, 1995.
- CORRÊA, Armando de Magalhães. *O Sertão Carioca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.
- CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- COUTINHO, Wilson (org.). *Copacabana, Cidade Eterna: 100 Anos de um Mito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965 (2 volumes).
- CUNHA E MENEZES, Pedro de Castro da. *Trilhas do Rio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.
- _____. *Novas Trilhas do Rio*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- CUNHA E MENEZES, Pedro de Castro da. *Floresta da Tijuca: A Selva na Metrópole*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- D'ALINCOURT, Luiz. *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- DARWIN, Charles R. *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sedegra (2 volumes).
- DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo, A História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1989 (4 volumes).
- DI MAIO, Fernando e Silva, Márcia Botelho (coord.). *Espécies Ameaçadas de Extinção no Município do Rio de Janeiro*. Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2000.
- DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e Preservação Ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997.
- EBEL, Ernest. *O Rio de Janeiro e Seus Arredores em 1824*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1956.
- _____. *Recordações do Rio Antigo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1956.
- FERNANDEZ, A. S. Fernando. *Efeitos da Fragmentação de Ecossistemas: A situação das Unidades de Conservação*.
- FERREZ, Gilberto. *O Rio de Janeiro do Fotógrafo Marc Ferrez*. São Paulo: Ex Libris/João Fortes, 1984.
- _____. *O Brasil do Primeiro Reinado Visto Pelo Botânico William John Burchell*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- _____. *Pioneiros da Cultura do Café na Era da Independência*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1972.
- FOSTER, Charles. *The Appalachian National Scenic Trail*. Harpers Ferry, Virginia, 1987.
- FROND, Victor. *Rio de Janeiro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Dazibao.
- GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- GASQUES, Marcus Vinicius. *Pê na Trilha*. São Paulo: Traço Editora, 1986.
- _____. *Caminhadas em Agulhas Negras – Parque Nacional de Itatiaia*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Caminhos da Mantiqueira – Campos do Jordão, Monte Verde e São Bento do Sapucaí*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- GERSON, Brasil. *O Ouro, o Café e o Rio*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1970.
- GIBSON, Hugh. *RIO*. Nova York: Doubleday Doran, 1937.
- GRAHAM, Maria. *Diário de Uma Viagem ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1990.
- Grupo de Pesquisa em Habitação do Solo Urbano – PUR-UFRJ. *História dos Bairros – Tijuca*. Rio de Janeiro: Index, 1984.
- _____. *História dos Bairros – Botafogo*. Rio de Janeiro: Index, 1983.
- Guia das Unidades de Conservação Ambiental do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ibam/Duma/PCRJ/SMAC, 1998.
- HEYNEMANN, Cláudia. *Floresta da Tijuca, Natureza e Civilização*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- História do Cavalo Manga-Larga Marchador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- HOMAN, Tim. *The Hiking Trails of Georgia*. 9ª ed. Atlanta: Peachtree, 1995.
- ILHA, André. *Guaratiba – Guia de Escaladas em Rocha*. Rio de Janeiro: Gráfica Valmar, 1999.
- KEYARTS, Eugene. *Sixty Selected Short Nature Walks in Connecticut*. 4ª ed. Old Saybrook, Connecticut: Globe Pequot, 1994.
- KORIMASSOV, Boris e MEYER, Claus. *Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829*. Rio de Janeiro: Livroarte, 1988 (3 volumes).
- LABARÉE, Jonathan M. *How Greenways Work*. Quebec Labrador Foundation's Atlantic Center for the Environment, 1992.
- LATIF, Miran de Barros. *Uma Cidade no Trópico – São Sebastião do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

- LEE, Elisabeth et alli. *Appalachian Adventure: from Georgia to Maine*. Atlanta: Longstreet Press, 1995.
- LEITÃO, C. De Mello. *O Brasil Visto pelos Ingleses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes (Biblioteca Carioca), 1993.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil (Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- LEVY, Jaynee. *Complete Guide to Walks & Trails in Southern Africa*. 3ª ed. Cidade do Cabo: Struik, 1993.
- LIMA BARRETO. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- LUNDY, Mike. *Best Walks in the Cape Peninsula*. Cidade do Cabo: Struik, 1991.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1991.
- MACHADO DE ASSIS. *O Alienista*. 21ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MARY, Benjamin. *Desenhos Antigos dos Arredores do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Kosmos / Bruxelas: Banque Italo-Belge S. A., 1974.
- MATHIAS, Herculano Gomes. *História Ilustrada do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- MELLO JÚNIOR, Donato. *Rio de Janeiro, Planos, Plantas e Aparências*. Rio de Janeiro: João Fortes, 1988.
- Ministério do Interior/ Ibama. *Unidades de Conservação no Brasil, v.1: Parques Nacionais e Reservas Biológicas*. Brasília, 1989.
- MOURA, Ana Maria da Silva. *Cocheiros e Carroceiros*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- NAZARETH, Alexandre Mendes (coord.). *Olhos de Ver: Cosme Velho*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- NEVEZ, Maria Lúcia de Carvalho Lima (coord.). *Guia dos Bens Tombados do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- Núcleo de Pesquisa em Design – UNIVERCidade (coord. Prof. João Lutz). *Trilha da Catacumba*. Rio de Janeiro, 1999: Inédito.
- OLIVÉ, Raphael. *Guia da Estrada Real para Caminhantes*. Belo Horizonte: Editora Estrada Real, 1999.
- OLIVER, Nelson. *Floresta da Tijuca*. Rio de Janeiro: Index, 1991.
- PARENTE, José Inácio; MONTE-MÓR, Patrícia (org.). *Retratos da Cidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.
- Parques Nacionais do Brasil. Guia de Turismo Ecológico*. São Paulo: Empresa das Artes, 1999.
- PEIXOTO, Mário, et al. *Villa Ipanema*. Rio de Janeiro: Novo Quadro, 1994.
- PFTIZER, Donald W. *Hiking Georgia*. 3ª ed. Billings: Falcon Press, 1996.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. *Diagnóstico da Cidade*.
 _____ *Anuário Estatístico 92/93*. Rio de Janeiro: IPLAN RIO, 1993.
 _____ *Anuário Estatístico 93/94*. Rio de Janeiro: IPLAN RIO, 1995/94.
- REYES, Ricardo Espinosa. *El Perú a Toda Costa*. Lima: Editur S.A., 1997.
- ROCHA, Ana Augusta e Linsker, Roberto. *Brasil Aventura*. 3ª ed. São Paulo: Terra Virgem, 1994.
 _____ *Brasil Aventura 2*. São Paulo: Terra Virgem, 1995.
- RUDGE, Raul T. *As Sesmanias de Jacarepaguá*. São Paulo: Kosmos, 1983.
- RUGENDAS, Johan Moritz. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Itatiaia, 1979.
- RUSMORE, Jean. *The Bay Area Ridge Trail*. Berkeley, Wilderness Press, 1995.
- SAINT HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. São Paulo: Editora Nacional, 1932.
- SAN MARTINI, Giulio (coord). *Copacabana 1892-1992, Subsídios para a Sua História*. Rio de Janeiro, RIOTUR, 1992.
- SANTIAGO, Luis de. *Operação Macaco Velho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973.
- SANTOS, Noronha. *Crônicas da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1981.
- SANTOS, Priscila Maria da Costa. *Trilhas – Um Caminho para a Educação Ambiental – Uma Proposta para o Parque Estadual da Pedra Branca*. Rio de Janeiro: UERJ (monografia inédita), 1999.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *O Rio de Janeiro no Século XVI*. Lisboa: Sec. Nac. da Informação, Cultura popular e Turismo, 1965 (2 vol.).
- SHEA, Syd. *A Guide to the Bibbulmun Track*. Perth: Department of Conservation and Land Management (CALM), 1988.
- SCÉVOLA DE SEMENOVICH, Jorge. *Corcovado, A Conquista da Montanha de Deus*. Editora Lutécia: Rio de Janeiro, 1997.
- SIQUEIRA, Ricardo. *Fortes e Faróis*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1997.
- SOARES, Cecília Beatriz da Veiga. *As Mais Belas Árvores da Mui Formosa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- SPIX, J. B.; Martius, C.F.P. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. 2ª impressão São Paulo: Itatiaia, 1981.
- STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989.
- STRAUSS, Robert. *Adventure Trekking – A Handbook for Independent Travelers*. Seattle: The Mountaineers, 1996.
- TASSO FRAGOSO, Augusto. *Os Franceses no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965.
- The Tahoe Rim Trail, History in the Making*. Stateline, Nevada, Tahoe Rim Trail Association, 1999.
- THEVET, André. *As Singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- VACHOWSSKI, Brian. *Trail Construction and Maintenance Notebook*. Missoula, Montana: USDA Forest Service, 1996.
- VÁSQUEZ, Pedro. *Fotógrafos Pioneiros no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1990.
- VIANNA, Hélio. *História da Viação Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca militar, volumes CXXXIX e CXL.
 _____ *Vale das Laranjeiras, Cosme Velho*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1985 (2 vol.).
- WELLS, James W. *Três Mil Milhas através do Brasil – Do Rio de Janeiro ao Maranhão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.
- WEHRS, Carlos. *Niterói, Ontem e Anteontem*. Niterói: Ed. do Autor, 1986.
 _____ *Niterói – Cidade Sorriso*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1984.
- ZALUAR, Augusto Emilio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. Edições Cultura: São Paulo, 1943.
- ZAMBRANA, Gabriel Antônio (coord). *Rio – Guia Turístico*. Rio de Janeiro: London, 1987.
- ZIRALDO; Henrique, Pedro. *Um Jeito de Ver o Rio*. Rio de Janeiro: Gouthier, 1991.

PONTOS DE INTERESSE






- | | | | |
|----|--|----|--|
| 1 | Sítio Burle Marx; | 18 | Praça Afonso Vizeu; |
| 2 | Açude do Camorim; | 19 | Morro Queimado (719m); |
| 3 | Capela de São Gonçalo Amarante; | 20 | Vale do Mocke; |
| 4 | Colônia Juliano Moreira; | 21 | Pedra Bonita (696m); |
| 5 | Sede do Parque da Pedra Branca; | 22 | Plataforma de Vôo Livre; |
| 6 | Casa Amarela; | 23 | Pedra da Gávea (842m); |
| 7 | Pico da Pedra Branca (1.025m); | 24 | Morro do Cochrane (718m); |
| 8 | Pedra do Ponto (938m); | 25 | Vista Chinesa; |
| 9 | Estrada do Catonho; | 26 | Parque da Cidade; |
| 10 | Garganta do Mato Alto (Rua Cândido Benício); | 27 | Jardim Botânico; |
| 11 | Morro do Inácio Dias (450m); | 28 | Paineiras; |
| 12 | Garganta do Matheus; | 29 | Corcovado (704m); |
| 13 | Represa dos Ciganos; | 30 | Parque Lage; |
| 14 | Pico da Tijuca (1.022m); | 31 | Parque da Catacumba; |
| 15 | Bico do Papagaio (989m); | 32 | Forte do Leme; |
| 16 | Castelos da Taquara (736m); | 33 | Pista Cláudio Coutinho; |
| 17 | Pedra do Conde (821m) | 34 | Pão de Açúcar (392m); |
| | | 35 | Forte de São João (Morro Cara de Cão). |

Atenção: Esse mapa não é um guia. O trajeto indicado nele não está sinalizado. Alguns dos seus trechos passam por Zonas Militares, áreas sujeitas a problemas de segurança pública, trilhas em estado precário, subidas íngremes e escorregadias. Portanto, não percorra nada aqui descrito ou mencionado sem a ajuda de um profissional experiente e qualificado.

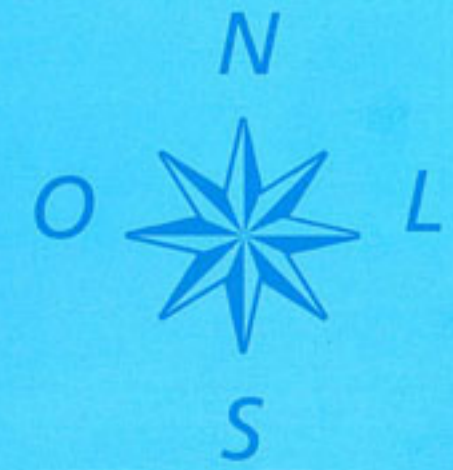




LEGENDA

-  Traçado da Transcarioca e suas variantes
-  Rede viária principal
-  Divisa Municipal
-  Ponto de Interesse
-  Maciços e áreas montanhosas

Escala aproximada: **1:150.000**
 Cartografia: Denis Gahyva



Traçado da Transcarioca



PONTOS DE INTERESSE

- 1 Garganta do Matheus;
- 2 Represa dos Ciganos;
- 3 Morro do Elefante;
- 4 Pico do Andaraí Maior;
- 5 Pico da Tijuca;
- 6 Bom Retiro;
- 7 Morro do Archer;
- 8 Bico do Papagaio;
- 9 Morro da Cocanha;
- 10 Castelos da Taquara;
- 11 Ponte da Cova da Onça;
- 12 Museu do Açude;
- 13 Alto da Bandeira;
- 14 Pedra do Conde;
- 15 Morro do Anhanguera;
- 16 Mirante do Excelsior;
- 17 Morro do Felizardo;
- 18 Caveira;
- 19 Grutas do Archer;
- 20 "A Fazenda";
- 21 "Barracão" (Sede do PNT);
- 22 Cascatinha Taunay;
- 23 Praça Afonso Vizeu.

LEGENDA

- Traçado da Transcarioca e suas variantes
- ~ Vias de Acesso
- Ponto de Interesse

Cartografia: Denis Gahyva

Escala: **1:50.000**